

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CLAUDINEI CESAR ZAGO

**O discurso no radiojornalismo esportivo:
estudo do comportamento do gênero editorial**

São Paulo
2008

CLAUDINEI CESAR ZAGO

**O DISCURSO NO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO:
ESTUDO DO COMPORTAMENTO
DO GÊNERO EDITORIAL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.
Orientador: Prof^ª Dr^ª Zilda Gaspar Oliveira de Aquino

São Paulo
2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Claudinei Cesar Zago

O discurso no radiojornalismo esportivo: estudo do comportamento do gênero editorial

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha mãe, à minha esposa e à minha orientadora, por se tratarem das pessoas especiais que, cada uma à sua maneira, acreditaram em minha capacidade de absorver as dificuldades e transformá-las em crescimento pessoal e acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente e acima de tudo e de todos, a Deus, pela companhia inseparável e incondicional, em todos os momentos que até aqui percorri.

Agradeço a minha esposa e aos meus três filhos, pela imensa torcida e apoio, moral e técnico, quando deles eu mais precisei.

Agradeço à minha mãe, que mesmo desconhecendo os meandros do mundo da pesquisa científica, emprestou-me sustento físico e espiritual necessários às diferentes fases do meu retorno à vida acadêmica.

Agradeço à torcida “extra-campo” de meu querido pai Osório (em memória), do meu saudoso irmão Celso (em memória), da minha inesquecível Aurora Garcia (em memória) e do meu sobrinho Sérgio (em memória), companhias constantes que ajudaram a ressignificar minha vida, orientando espiritualmente meu percurso de chegada.

Agradeço à equipe profissional multidisciplinar da Secretaria Municipal da Educação de Sorocaba, em especial à eterna professora Lúcia Moreira Bonilha que, além de reunir competência profissional mostrou-se compreensiva e incentivadora do crescimento profissional e acadêmico daqueles que a tem seu convívio.

Ao Prof.Ms. Pedro Luís Rodrigues, pela disposição em subsidiar, teoricamente, momentos de pesquisa deste trabalho.

Agradeço, em especial, à Prof^a Dr^a Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, pela orientação deste trabalho, mostrando-se sempre tão segura e, ao mesmo tempo, tão disponível e carinhosa ao acolher e transformar meus momentos de angústia em verdadeiro aprendizado.

Resumo/ Abstract

O discurso no
radiojornalismo esportivo:
estudo do comportamento do
gênero editorial

RESUMO

ZAGO, C. C. **O discurso no radiojornalismo esportivo: estudo do comportamento do gênero editorial.** 2008., 203 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Este trabalho propõe-se a estudar o comportamento de um gênero jornalístico, a partir da seleção e uso de estratégias enunciativas alocadas na produção do editorial radiofônico, considerando a hipótese de que um gênero consolidado pode modificar-se em sua estrutura composicional face às características que um suporte diferente requer para sua manifestação. O problema que motivou a pesquisa prende-se ao fato de ainda não se conhecerem trabalhos voltados prioritariamente à análise de um tipo específico de discurso que é tomado para constituição do gênero editorial inscrito na esfera do radiojornalismo esportivo. O presente estudo procura respaldar suas análises em linhas teóricas sustentáveis à descrição, identificação e análise do *corpus* tomado para exame com o cuidado de observar em cada uma delas, fundamentos que possam explicar a maneira de organização dos elementos lingüístico-discursivos, além de verificar quais expedientes retórico-argumentativos estão presentes nas diferentes partes do discurso que ajudam a construir. Para tanto, a pesquisa vale-se de pressupostos da Análise da Conversação e da Teoria da Argumentação, em diálogo complementar aos estudos da *Nova Retórica* de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Cotejou-se, também, aspectos teóricos do âmbito da Análise Crítica do Discurso, com o sentido de verificar pontos de contacto, segundo van Dijk (2001), na relação entre discurso, contexto e ideologia que pudessem esclarecer o posicionamento do editor e a situação de produção com a qual interagiu. A análise realizada permitiu constatar que, embora provido de um conjunto variável de recursos lingüístico-discursivos disponíveis para compor as estratégias argumentativas que caracterizam o editorial no / para radiojornalismo esportivo, o editor-locutor precisou decidir-se, ao fazer as escolhas que fez, em que medida seu discurso tornar-se-ia persuasivo e como o faz. Também foi possível depreender dessa análise que existe a possibilidade de um gênero consolidado, como o editorial, adaptar-se a um novo dispositivo, como o rádio, levando em conta as características fundamentais da situação em que ele se dá, as relações de intersubjetividade dos interlocutores e a própria relação do gênero com o suporte.

Palavras-chave: *Gêneros do discurso, radiojornalismo esportivo, discurso do radiojornalismo, editorial radiofônico, estratégias argumentativas.*

ABSTRACT

ZAGO, C. C. **An unusul editorial: studying the discursive behaviour at the sportive radio journalism field.** 2008., 203 p. Dissertation (Master degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

This essay purposes to study the behavior of a journalistic genre, based on the selection and use of enunciative strategies placed on the production of a radio phonic editorial, relying on the hypothesis that a well-firmed genre may be modified in its compositional structure when facing a number of factors that a differentiated kind of reliance requires for its manifestation. The motivational basis to the realization of this essay sticks to the fact that one does not know any essays focused mainly on the analysis of a specific speech, which is taken to constitute the editorial genre inserted on the sportive radio journalism sphere. Because of this vacancy, the actual study relies its analyses in sustainable theoretical lines to the description, identification and analysis of the *corpus* taken to be examined, carefully observing, in each one of these lines, fundaments that may explain the way to organize the speech-linguistic elements, in addition to verifying which rhetoric-argumentative expedients are present in each different part of the speech that help to built it. For that, the research use vale up assumptions of the Conversation Analysis and the Argumentation Theory, dialoguing in addition to studies of the *New Rhetoric*, by Perelman and Olbrechts-Tyteca (1996). One also collated theoretical aspects from the Critical Analysis of Speech, intending to verify points of contact – according to van Dijk (2001) -, in the relation between speech, context and ideal that may clarify the editor's position and the situation of the product to which he interacted.

The analysis hereby done allowed one to find that, although it is provided by a variable amount of speech-linguistic resources, available to compose the argumentative strategies that characterizes the editorial in the/to the sportive radio journalism, the speaker-editor has to decide, by doing the choices he has done, in which measure his speech will become persuasive and how he does it. It was also possible to depurate from this specific analysis that there is the possibility of a consolidated genre, such as the editorial, to adapt itself to a new disposal, like the radio media, considering the fundamental features of the situation in which it happens and the relations of intersubjectivity of the interspeakers involved by this context and the very own relation of the genre to the support..

Keywords: *Speech Genres, sportive radio journalism, radio journalism speech, radio editorial, argumentative strategies.*

Sumário

O discurso no
radiojornalismo esportivo:
estudo do comportamento do
gênero editorial

SUMÁRIO

Resumo	06
Abstract	08
Introdução	12
Capítulo I – Gêneros do Discurso e Mídia	19
<hr/>	
1.1 Gêneros do discurso: características e classificação	20
1.1.1 Os gêneros discursivos sob a perspectiva da língua falada	24
1.1.2 Regularidade e suporte: traços distintivos dos gêneros	28
1.1.3 Os gêneros do discurso: aportes teóricos complementares	30
1.1.4 Possibilidades que apontam para conservação e inovação dos gêneros	33
1.1.5 Demandas tecnológicas: perspectivas de desfronteirização dos gêneros midiáticos	35
1.2 Gêneros do discurso sob a perspectiva do Jornalismo	39
1.2.1 Os gêneros do radiojornalismo: uma caracterização plausível	46
1.2.2 Relações específicas entre o gênero editorial e o radiojornalismo	50
1.2.3 Discurso do radiojornalismo: possibilidades e limitações	63
1.3 Editorial radiofônico: um gênero deslocado de seu habitat	65
1.3.1 Acolhimento do gênero editorial em programa de radiojornalismo esportivo	66
1.3.2 Análise de um editorial radiofônico em contexto de jornalismo esportivo: invasão de campo ou liberdade assistida?	67
Capítulo II – Estratégias argumentativas no radiojornalismo esportivo	73
<hr/>	
2.1 O papel da Argumentação	74
2.2 O trabalho de Perelman e Olbrechts-Tyteca	78
2.3 As estratégias argumentativas	83
2.3.1 O discurso argumentativo	88
2.4 A Argumentação no Radiojornalismo	93
2.5 O Radiojornalismo Esportivo	108
2.6 O discurso do radiojornalismo esportivo	112
2.6.1 Incidência de conteúdo esportivo no radiojornalismo	117
2.7 O potencial polêmico do discurso de radiojornalismo esportivo	122
2.8 Elementos verbais e não-verbais que garantem argumentação no discurso do radiojornalismo esportivo	128
2.6 Diálogos entre argumentos e discursos mediados pela mídia	136
<hr/>	

Capítulo III – Discurso do radiojornalismo: instrumento de poder midiático	142
3.1 Mídia e Esporte: aspectos ideológicos e discursivos que interagem na construção de sentidos	143
3.2 O processo midiático e a produção discursiva	145
3.3 Discurso do radiojornalismo esportivo como instrumento de poder midiático	149
3.4 A Ideologia, o Contexto e o Discurso: elementos que garantem o exercício do poder midiático	159
3.5 Timão do Povo <i>versus</i> Timão do Mandatário: o poder midiático em jogo (fora de campo)	166
3.6 Caracterização de espaços midiáticos que mediam relações de conflito dentro e fora de campo	168
Conclusão	182
Referências Bibliográficas	189
Anexos	197
Anexo 1	198
Anexo 2	201

Introdução

O discurso no
radiojornalismo esportivo:
estudo do comportamento do
gênero editorial

Introdução

Estudos sobre gêneros do discurso inscritos no jornalismo, em especial, aqueles vinculados à língua escrita, podem ser observados com frequência. Entretanto, os resultados de pesquisas relacionadas aos gêneros jornalísticos tomados pela língua falada, cuja produção e circulação direcionam-se ao campo específico do jornalismo esportivo, são poucos.

Nesse sentido, podemos dizer que, apesar da reconhecida importância do rádio e do próprio futebol para a cultura do povo brasileiro, a análise de gêneros discursivos vinculados ao radiojornalismo esportivo ainda não recebeu atenção suficiente nas pesquisas acadêmicas.

Em trabalhos que se ocupam de análises retórico-argumentativas do discurso radiofônico, também não está descrito o comportamento lingüístico-discursivo de um gênero, como o editorial, por nós selecionado, cuja constituição pode ocorrer de modo específico, razão pela qual entendemos justificar-se esta pesquisa.

Sabemos que discursos, presentes no *mass media*, articulam-se, em intensidade variada, a partir da circulação de outros discursos produzidos em sociedade. É fato, também, que modos de organização discursiva implicam seleção de elementos e recursos lingüístico-discursivos específicos. Além disso, situação de produção, contexto e motivação ideológica, também exercem algum tipo de influência sobre a produção de efeitos de sentido subjacentes ao discurso.

Desse modo, a mídia, com seu discurso próprio, não está dissociada do contexto que pretende retratar. Em seu interior, transitam discursos com diferentes matizes e intenções. Informar, convencer, refletir, opinar, entreter, interpretar são alguns dos atributos desses discursos que permeiam o campo do jornalismo. E é exatamente dentro

desse circuito de ações e inter-ações discursivas que procuramos contextualizar as análises em nosso trabalho.

Essas observações encaminharam-nos a questões fundantes, como as que formulamos a seguir:

1. É possível afirmar que um indivíduo busca entre gêneros “já ditados” pelas práticas sociais um que melhor se adapte a sua intenção discursiva e, ao buscá-lo, pode, estrategicamente, fazer migrar um gênero que circula num suporte (jornal) para outro (rádio)? Além disso, ao proceder desse modo, é possível encaminhar o discurso para que ele resulte polêmico?

2. Até que ponto a organização específica de um discurso radiofônico permite nomeá-lo editorial, ou seja, o que ele recupera, em termos de características, do gênero que circula em sociedade?

3. Se esse editorial não recuperar as características de identidade genérica consolidada socialmente, que papel, então, ele terá cumprido?

4. Num contexto de interação polêmica, como o que selecionamos para análise, como poderia ser esse *editorial de rádio* entendido? Seria a peça-chave do processo que já vinha sendo instaurado¹?

Por conta dessas questões, o encaminhamento que se procura dar, neste trabalho, objetiva compreender o comportamento *sui generis* de um *editorial radiofônico* introduzido no radiojornalismo esportivo. Por essa razão, entendemos ser pertinente a descrição de determinados mecanismos utilizados estrategicamente por um locutor/editor, para constituição do referido gênero, uma vez que ele (embora seja observado especificamente em um programa de jornalismo esportivo da rádio Cruzeiro

¹ O conflito está anunciado ao longo das declarações do interlocutor-alvo de L1 – David Ferrari Jr presidente do E.C. São Bento – publicadas nos jornais Cruzeiro do Sul e Bom Dia Sorocaba (conforme três fragmentos que compõem o Anexo 2), referindo-se ao papel da imprensa local que só faz críticas às atuações do Esporte Clube São Bento, desqualificando as tomadas de decisão do seu presidente.

do Sul FM, 93,2 MHz, levado ao ar em 14 de março de 2006, na cidade de Sorocaba, SP), apresenta uma formulação específica.

Ao tratar da descrição dos aspectos composicionais dessa formulação reconhecemos, para tanto, a necessidade de identificar, descrever e interpretar marcas lingüístico-discursivas distintivas que, na sua relação com o gênero observado em sociedade, possam apontar para a aproximação ou o distanciamento do estatuto genérico sobre o qual o discurso radiofônico é formulado.

Espera-se, portanto, poder compreender o significado de sua inserção em dispositivo diferente daquele em que, originalmente, é reconhecido. Esta tarefa implica não somente no detalhamento e análise de elementos lingüístico-discursivos e/ou recursos de argumentação acionados em sua constituição, mas também, na observação e análise de um modo peculiar de organização discursiva que deu sustentação para que fosse produzido o editorial do “Timão do Povo”, *corpus* de nossa pesquisa.

Esclarecemos, todavia, que observamos determinadas características presentes no processo de produção e circulação do referido editorial, para compreender o contexto de produção em que se dá sua inserção. Nesse sentido, indicamos que a sua veiculação deu-se a partir da edição de um programa radiofônico diário, denominado “Esporte Total”, que é parte integrante da grade de programação da rádio Cruzeiro FM, “uma emissora de classe”, como costuma autodenominar-se.

Dividido em quatro blocos de, aproximadamente, 13 (treze) minutos cada, excetuando as vinhetas e inserções comerciais, que totalizam cerca de 8 (oito) minutos, o programa tem duração de 60(sessenta) minutos. Desse tempo, apenas 4 (quatro) minutos e 16 (dezesesseis) segundos foram tomados, logo na abertura do primeiro bloco, para inclusão do editorial radiofônico.

A motivação para se formular o discurso, que resultou na produção desse editorial, está vinculada a um fato ocorrido na noite de seis de março de 2006, no estádio municipal “Walter Ribeiro”, em Sorocaba, SP. Após a realização de uma partida, válida pelo Campeonato Paulista de Futebol daquele mesmo ano, onde o Esporte Clube São Bento derrotou o time adversário (o São Paulo Futebol Clube) pelo escore de dois gols a um, o presidente do clube interiorano – cuja interação com a mídia local já estava desgastada –, apresenta-se, intempestivamente, distribuindo improperios contra opositores à sua administração frente ao clube. Usa, para tanto, do expediente de uma reportagem de campo com o jogador beneditino Magal, realizada, minutos depois do término da partida, por profissionais integrantes da chamada Equipe “Timão do Povo” da Rádio Cruzeiro FM, a mesma emissora que também se vê incluída nos ataques verbais do “cartola”².

Para maior clareza no processo de identificação de sujeitos envolvidos com a constituição do *corpus*, objetivando orientar as respectivas alusões feitas ao longo das análises, apresentamos, para cada um desses interactantes, a seguinte qualificação:

- **L1** = Luís Augusto Lannaro de Andrade, empresário, jornalista e locutor/editor do programa esportivo “Esporte Total”, responsável pela equipe “Timão do Povo”, autor e locutor do texto em estudo;
- **L2** = Paulo Roberto Junior, repórter de campo;
- **L3** = Érico Bueno, comentarista esportivo do “Timão do Povo”;
- **L4** = Dr. Davi Ferrari Junior, advogado e presidente da Diretoria-Executiva do Esporte Clube São Bento, na gestão (interrompida) 2005/2006;
- **L5** = Magal, jogador do São Bento, entrevistado em reportagem de campo.

² No jargão esportivo, a expressão “cartola” é usada de maneira depreciativa para designar indivíduo, de posição social elevada, que dirige clube ou entidade esportiva.

Em razão de a pesquisa tratar de exame de matéria radiofonizada procedemos à gravação do referido editorial, bem como a sua transcrição, as quais se apresentam sob a forma de anexos.

Foram adotadas, para esse fim, as convenções para transcrição de acordo com as normas do Projeto NURC/SP (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo), a partir do que apresentam Castilho e Preti (1987: 9-10), conforme o quadro seguinte:

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Truncamento	/
Entonação enfática	maiúscula
Alongamento de vogal ou consoante	::
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos	(())
Simultaneidade de vozes	[
Citações literais, reproduções de discurso direto, durante as gravações	“ “
Observações	
1. Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos turnos e frases.	
2. Fáticos: ah, éh, eh, ahn, uhn.	
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.	
4. Números: por extenso.	
5. Não se indica o ponto de exclamação.	
6. Não se anota o cadenciamento da frase.	
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: alongamento e pausa.	
8. Não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências servem para marcar qualquer tipo de pausa.	

Utilizamos, também, como *corpus*, textos coletados na imprensa local (cinco), por entendermos que eles constituem o prenúncio da polêmica que se instaurou com a apresentação do editorial foco de nossa pesquisa.

Este trabalho fundamenta-se em três linhas teóricas complementares: a Teoria dos Gêneros do Discurso, a partir das contribuições de Bakhtin (1981, 1999 e 2003), que permite observar aspectos relacionados à constituição do gênero discursivo

editorial, descrevendo sua evolução e relação com o campo do radiojornalismo esportivo; a Teoria da Argumentação, reconhecendo as contribuições de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) e Koch (2006), que nos dão suporte para descrever e interpretar a ação argumentativa, com propósito polêmico, a partir do uso de determinadas estratégias lingüístico-discursivas alocadas na organização do discurso radiofônico.

Tomamos, ainda, os postulados da Análise Crítica do Discurso que, de acordo com van Dijk (2001, 2004), abrem novas perspectivas para compreender a relação entre discurso midiático e alguns modos em que poder e dominação podem ser reproduzidos pelo discurso.

No que se refere a sua organização, este trabalho está assim distribuído: no Capítulo I, tratamos dos gêneros do discurso, estabelecendo diálogo com os gêneros midiáticos e observando as especificidades do editorial; no Capítulo II, procuramos traçar um inventário das estratégias argumentativas utilizadas pelo locutor, para mostrar o conflito interacional, a situação polêmica instaurada definitivamente a partir do “chamamento” do editorial no radiojornalismo esportivo e, no Capítulo III, apresentamos um debate básico sobre a relação de poder dos *media* junto ao público-ouvinte e procedemos à análise lingüístico-discursiva do *corpus* selecionado.

Capítulo I

Gêneros do Discurso e Mídia

O discurso no
radiojornalismo esportivo:
estudo do comportamento do
gênero editorial

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. (Bakhtin, 2000 : 279).

Quando pensamos na riqueza e variedade das práticas sociais que caracterizam a humanidade, podemos também pensar num circuito complexo de ações e inter-ações que buscam a mesma variedade de formas de expressão.

A esses fenômenos lingüístico-discursivos – orais e escritos – que compõem uma diversificada e completa rede, contemplando do mais prosaico diálogo cotidiano até as manifestações mais elaboradas de áreas do domínio artístico-cultural, científico, jornalístico, jurídico, religioso etc., Bakhtin (2000 [1979]: 279-326) denominou *gêneros do discurso*, concebidos como um conceito plural. Graças a variadas formas de composição, esses gêneros vão-se mostrando portadores de infinitas possibilidades à medida que as próprias esferas nas quais se constituem, crescem e intensificam o seu grau de complexidade.

1.1 Gêneros do discurso: características e classificação

Sabemos que, desde a literatura clássica, há uma preocupação em caracterizar os gêneros tipologicamente, de acordo com suas especificidades. Aristóteles e Platão apresentaram a distinção entre os gêneros, enunciando-os em três formas genéricas fundamentais (lírico, dramático e épico), posteriormente ampliadas.

Teorias que sucederam a esses estudos pioneiros sobre os gêneros, a exemplo daquelas que apresentavam abordagens sócio-discursivas – como a Teoria dos Gêneros do Discurso sob a perspectiva dialógica de Bakhtin (1929), ou sob a perspectiva interacionista-sociodiscursiva, proposta por Bronckart (1999 [1997]) – mostram que

aquela tentativa de classificação, por mais ampla que procurasse ser, não poderia dar conta da diversidade de práticas sociais da fala e da escrita. Esses novos enfoques teóricos percebem que não se pode mais limitar o estudo dos gêneros à literatura, uma vez que eles, ao incorporar e refletir transformações sócio-historicamente definidas, apontam para a dinamicidade e a variabilidade.

Ao indicar duas categorias para os gêneros discursivos – *primários* e *secundários* –, por conta da natureza heterogênea, Bakhtin (2000) mostrou-se à frente de seu tempo, atribuindo-lhes características de *maleabilidade*, *dinamismo* e *plasticidade*, decisão que garante o estudo dos gêneros discursivos, nessa perspectiva, até os dias de hoje.

Todorov (1980), ao acrescentar mais um dado ao estudo – o caráter histórico – afirma que gêneros antigos não desaparecem, apenas são substituídos por gêneros novos, em resposta às novas demandas tecnológicas do mundo contemporâneo. Em razão de sua dinamicidade e variação, o conceito de gênero, a partir dos novos pressupostos que foram surgindo, deslocou-se daquela visão dada pelo estudo da literatura clássica para alcançar um viés mais abrangente e ajustado à atualidade.

Nesse novo contexto há, incontestavelmente, uma proliferação de textos, orais e escritos, que mesclam uma variedade de gêneros, o que nos permite observá-los dentro de uma atmosfera, de certo modo, volúvel, susceptível a mudanças e inter-relações com outros gêneros, como é o caso das cartas, dos manuscritos, das citações, que apresentam uma pluralidade significativa de aspectos composicionais e estilos característicos de diversos gêneros. Novos gêneros possuem velhas bases, isto é, o surgimento de novos gêneros acontece a partir de gêneros já existentes, quer orais, quer escritos.

Esse processo, ao admitir que cada gênero possa apresentar uma estrutura básica específica que o caracteriza, entre outros, de acordo com a situação de produção e de

recepção, enfim, do contexto em que está inserido, resulta, de acordo com Marcuschi (2003: 20), na constituição do fenômeno da *transmutação* dos gêneros e da “assimilação de um gênero por outro, gerando novos”.

Diante dessa observação, nosso estudo pode adquirir um caráter mais prospectivo, no sentido de verificar a gênese do gênero a que pertence determinado enunciado, circunstanciado em dispositivo midiático – como é o caso do *corpus* tomado para exame.

Ao referir-se aos elementos caracterizadores dos gêneros do discurso – *conteúdo temático, estilo e aspecto composicional*, Bakhtin (2000: 279) afirma que esses fatores “... fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação”.

Ainda, Rojo (2002: 11) considera nesses elementos, três dimensões essenciais à constituição e à distinção do gênero que, segundo a autora (*op.cit.*) estão assim colocadas:

- Os temas – conteúdos ideologicamente conformados – que se tornam comunicáveis (dizíveis) através do gênero;
- Os elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero (forma composicional); e
- As configurações específicas das unidades de linguagem, traços da posição enunciativa do locutor e da forma composicional do gênero (marcas lingüísticas ou estilo).

É preciso destacar, também, que essas três dimensões, esses três elementos caracterizadores, em que pese a relevância de suas propriedades, merecem que se leve em conta a situação de produção, o contexto no qual o gênero se materializa. O que equivale dizer que cada discurso produzido emana de uma determinada esfera social com a qual o enunciador/locutor interage, condiciona-se a uma dimensão

espaciotemporal e depende de um conjunto de participantes, providos de diferentes intenções discursivas.

Essas observações apontam para a tarefa complexa de classificação dos gêneros discursivos e reiteram o que já indicamos: eles não podem mais ser tratados apenas tendo como base a visão da literatura clássica.

Seja pelo limitado enquadramento a que foram submetidos à época da Antiguidade Clássica, dentro daquele contexto sócio-histórico, tentando padronizá-los, seja pela admissão da pluralidade de situações de produção, motivações discursivas peculiares e pelo surgimento de novos suportes, os gêneros discursivos sinalizam, há tempo, uma nova possibilidade de classificação, apesar de certa dificuldade na definição de qual domínio possa pertencer um determinado gênero ou outro. A esse respeito, Bakhtin (2000 : 279) destaca:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

O estudo dos gêneros discursivos, portanto, visto sob o viés dialógico que sinaliza a teoria bakhtiniana, amplia seus campos de atuação, posto que esse ajuste sociohistórico, pelo qual passou a linguagem e suas relações específicas com os gêneros, permite-nos reafirmar o que indicou Bakhtin (2000), já nas últimas décadas do século passado:

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (*op. cit.*, 279, destaques do autor).

Contudo, os gêneros discursivos, entendidos como formas historicamente cristalizadas nas práticas sociais, fazem a mediação entre a prática social, ele próprio, e

as atividades de linguagem dos indivíduos. Isto porque os locutores e os interlocutores, antes de nelas se reconhecerem, reconhecem a prática languageira como instância de um determinado gênero, da mais simples à mais complexa, em qualquer esfera de atividade humana.

Caracterizado dessa maneira, o gênero discursivo funciona como uma espécie de representação que determina um *horizonte de expectativas*³ para os membros de uma comunidade, confrontados às mesmas práticas de linguagem. Assim concebidos, os gêneros, além de intermediar e integrar as práticas sociais às atividades lingüísticas podem ser considerados referências fundamentais para construção de outras práticas de linguagem.

No cenário nacional, entre os estudiosos que promovem reflexão sobre o tema, destacamos Marcuschi (2003 : 20). Este concebe os gêneros como “modos de organização da informação que representariam as potencialidades da língua, as rotinas retóricas ou formas convencionais que o falante tem à sua disposição na língua quando quer organizar o discurso”.

De acordo com esse mesmo autor (*op. cit.* : 20), os gêneros podem ser tratados “como fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” dos indivíduos, pois contribuem “para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”.

1.1.1 Gêneros discursivos sob a perspectiva da língua falada

Temos observado que os gêneros relacionados à língua escrita vêm, ao longo dos anos, recebendo maior atenção por parte de estudiosos, como Guimarães (1992),

³ Expressão originária do alemão (traduzida em inglês por *horizon of expectation*, e em francês por *horizon d'attente*), que provém da Fenomenologia e da Hermenêutica representa, basicamente, o modo como nos situamos e apreendemos o mundo a partir de um ponto de vista subjetivo.

Bronckart (1999), Brandão (2000), Chaparro (2008). Estes gêneros sempre mereceram produção mais consistente e profícua, se comparados aos gêneros na língua falada.

Historicamente, podemos observar certa prevalência de uma manifestação lingüística sobre outra. Entretanto Bakhtin (2000: 278) afirma que todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas à utilização da língua. Tal relacionamento se efetua em forma de enunciados tanto orais quanto escritos que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana.

Os avanços tecnológicos podem, também, determinar novas acomodações genéricas em composições específicas.

Fala-se, mais recentemente, por conta das novas relações das práticas sociais da linguagem com as novas tecnologias que favorecem o desenvolvimento das mídias, em gêneros virtuais ou digitais, que emergem, basicamente, em contexto de tecnologia digital. Esses gêneros recuperam, em grande parte de suas formulações, características semelhantes à dos gêneros já cristalizados socialmente, e os acomodam às novas condições. Segundo Todorov (1979), isso ocorre com os gêneros à medida que o tempo e as exigências de uma época mudam.

Para Marcuschi (2002), os gêneros do discurso emergem dentro de uma complexa relação entre um meio, um uso e uma linguagem. Dessa forma, a força das novas tecnologias comunicacionais podem gerar novas práticas sociais de uso da linguagem em ambientes e meios novos, condicionando a construção e adaptação de gêneros emergentes e tradicionais, processo evidenciado com o advento da Internet, bem como em decorrência das mudanças de normas nas estruturas de poder pelas quais passa a nossa sociedade, em tempos de globalização.

Essas perspectivas, embora guardem distanciamento histórico, mostram-se complementares, pois nelas se observa uma característica comum, ou seja, os gêneros, por serem resultantes de práticas sociais, possuem regras de formação construídas

socialmente. Ao serem assim materializadas, essas regras possibilitam a utilização e compreensão dos gêneros pelos usuários da língua, à medida que lhe concedem livre arbítrio para agirem e interagirem por meio da linguagem e esse processo ocorre dentro das coerções impostas pela variedade de gêneros que, por força das inovações tecnológicas, circulam socialmente com maior intensidade.

Como a sociedade vive um processo contínuo de evolução, sustentado por acontecimentos sócio-históricos e culturais, as transformações resultantes desse processo também alcançaram os meios de comunicação. Estes, em sintonia com a “nova ordem”, respondem, em nosso caso, com uma linguagem (radiofônica) ajustada aos diferentes situações de produção discursiva que as novas formas de organização social agora exigem, fazendo com que os gêneros e discursos radiofônicos também procurem alinhar-se aos interesses de diferentes categorias de auditório.

Desse modo, quando nos reportamos aos domínios da linguagem para observar seu uso em práticas sociais, entendemos que, tanto a fala como a escrita, cada qual com suas características lingüístico-discursivas, devam representar objetos científicos de estudo de igual interesse para o campo das pesquisas acadêmicas, pois não constituem dois processos opostos, mas apenas diferenciados no que diz respeito a sua realização – gráfica ou fonicamente. A língua falada conta com recursos prosódicos, permeados por variados signos acústicos e paralingüísticos, gestos, entorno físico e psicológico.

A discussão relativa aos gêneros da língua escrita e da língua falada não deve assumir, necessariamente, posição favorável à dicotomia, dado que os gêneros aparecem na perspectiva da fala e da escrita e, segundo Marcuschi (2003), esse fenômeno se dá sob a forma de um *continuum tipológico* das práticas sociais de produção textual. Ressalta, ainda, o autor (*op. cit.* 2003 : 17) que a oralidade e a escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não caracterizam dois sistemas lingüísticos.

Nessa perspectiva, a língua escrita e a língua falada são manifestações do mesmo sistema e a relação de ambas, com os gêneros, aponta para formulações específicas. Barros (2000 : 51) afirma que (...) não se pode separar fala e escrita de forma estanque, pois os discursos se situam, em geral, entre as posições ideais de fala e escrita.

Marcuschi (*op. cit.*), assinala que os gêneros do discurso são, por vezes, definidores do discurso marcado ou não pela oralidade, ou seja, enquanto determinados gêneros – com seus respectivos discursos – estão mais próximos das características da língua falada (narrativas, cartas, textos literários, por exemplo), outros se caracterizam, notadamente, pelos traços distintivos e composicionais da língua escrita, como é o caso dos gêneros jornalísticos da mídia impressa (editorial, notícia, reportagem, artigo etc.).

Contudo, tratar dos gêneros sob a perspectiva da língua falada não é uma tarefa simples. Nesse sentido, Barros (2006 : 58) sinaliza que

as dificuldades de se fazer uma distinção rígida entre escrita e fala e a existência de posições intermediárias ou de certa continuidade entre os pontos extremos em que se caracterizam idealmente língua falada e língua escrita.

Os estudos dessa autora (*op. cit.* : 58), ainda mostram que

os textos falados e escritos têm papéis diferentes nas sociedades que se servem tanto da fala quanto da escrita e que constroem sentidos de modos diversos, com estratégias e procedimentos diferentes ou preferenciais.

Assim, se pensarmos no processo de identificação e descrição de gêneros da língua falada, reconhecendo a impossibilidade de situar a fala e a escrita em sistemas lingüísticos completamente diversos, constatamos a necessidade de se avançar ainda mais nesses estudos, visto que os gêneros que priorizam a língua escrita sempre mereceram produção acadêmica mais extensa.

1.1.2 Regularidade e suporte: traços distintivos dos gêneros

É fato que, segundo Bakhtin (2000 : 284), cada esfera social conhece seus gêneros apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos.

Dessa forma, dada uma função (voltada, geralmente, a conteúdos literários, instrucionais, técnicos, científicos, ideológicos ou meramente cotidianos) e resguardadas as condições específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, o surgimento de um gênero pode ser considerado como consequência desses parâmetros.

Ao apresentar comportamento marcado por determinadas rotinas sócio-discursivas, os gêneros do discurso assumem a regularidade como traço distintivo importante para seu reconhecimento. Por essa razão, pode-se dizer que há, no curso da história e no próprio desenvolvimento das práticas sociais tomadas pela linguagem, certa estabilidade em relação aos modos como os gêneros são constituídos.

Apesar de sua recorrência, os gêneros também podem apresentar-se nas mais diferentes esferas da atividade humana, com duas variadas formas de organização, fato que os tornam maleáveis, dinâmicos e, em determinadas circunstâncias, susceptíveis a transmutações.

No campo do jornalismo, a constituição de gêneros discursivos está relacionada a determinados esquemas de produção e recepção⁴ do produto jornalístico. Nesses esquemas, a manipulação e a apropriação do material discursivo produzido nos dispositivos discursivos específicos de jornalismo, devem ser consideradas a partir de um conjunto de processos de trocas, circulação e consumo envolvidos com diferentes esferas da sociedade.

⁴ Entendemos a recepção de modo amplo, pois que todo receptor é também produtor.

Para dar significado tanto à produção como recepção, esses processos procuram interagir com os objetos produzidos a partir do reconhecimento dos dispositivos discursivos específicos do campo do jornalismo. Essa lógica constitutiva também se aplica aos gêneros do discurso radiojornalístico.

Charaudeau (2006: 104), referindo-se aos *dispositivos de encenação* midiática, entre eles o rádio, afirma que

(...) O dispositivo é uma maneira de pensar a articulação entre vários elementos que formam um conjunto estruturado, pela solidariedade combinatória que os liga. Esses elementos são de ordem material, mas localizados, agenciados, repartidos segundo uma rede conceitual mais ou menos complexa. O dispositivo constitui o ambiente, o quadro, o suporte físico da mensagem, mas não se trata de um simples vetor indiferente ao que veicula, ou de um meio de transportar qualquer mensagem sem que esta se ressinta das características do suporte. Todo dispositivo formata a mensagem e, com isso contribui para lhe conferir um sentido.

Portanto, para que o gênero, em condições de maior ou menor recorrência e regularidade, tenha garantido sua circulação, devemos observar suas relações a partir do contato com diferentes tipos de suporte. De acordo com Marcuschi (2003 : 7):

suporte textual tem a ver centralmente com a idéia de um **portador** do texto, mas não no sentido de um meio de transporte ou veículo, nem como um **suporte** estático e sim como um **locus** no qual o texto se **fixa** e que tem repercussão sobre o gênero que suporta.(grifos do autor).

A partir dessa concepção, observamos que os gêneros, não apenas na esfera do radiojornalismo, mas em todas as outras, não prescindem de sua relação com o suporte uma vez que ele articula a circulação social dos gêneros.

De acordo com as peculiaridades de cada gênero, pode haver algum tipo de influência sobre a natureza e o funcionamento do gênero que se inscreve neste ou

naquele suporte, embora isso não signifique que o tipo de suporte escolhido determine, isoladamente, as características do gênero.

Contudo, para explicitar e entender as relações específicas dos gêneros com o suporte, suas regularidades e modos de organização discursiva, devemos recorrer a embasamentos teóricos ajustados ao escopo de nosso trabalho, procedimento que realizamos a seguir.

1.1.3 Gêneros discursivos: aportes teóricos complementares

Muitos dos trabalhos sobre gêneros do discurso produzidos, ainda hoje, baseiam-se em postulados da teoria bakhtiniana dada a atualidade das prospecções realizadas por aquele autor acerca da linguagem e sua imbricação com as práticas sociais.

Ao referir-se aos gêneros, Marcuschi (2002, 2003), por exemplo, defende algumas posições bakhtinianas:

- são variáveis em contextos discursivos;
- são reflexos de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura;
- são *tipos relativamente estáveis* de enunciados;
- são realizados em resposta a ações históricas, sociais e tecnológicas pelas quais se submete a linguagem;
- são definidos por seus propósitos: funções, intenções e interesses;
- estabelecem relação de poder;
- surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas.

Estudos realizados por Dolz e Schneuwly (2004), dois dos representantes do chamado Grupo de Genebra, também apontam para uma retomada da teoria bakhtiniana

mostrando, porém, que poderiam avançar ainda mais em relação à definição dos gêneros discursivos. Esse avanço significava propor aos gêneros uma dimensão nomeada *megainstrumentos*, a qual permite entendê-los, também, como uma “configuração estabilizada de vários subsistemas semióticos (sobretudo lingüísticos, mas também paralingüísticos)” que possibilita agir de forma eficaz nas mais variadas situações de comunicação.

A apropriação dos gêneros, segundo Dolz & Schneuwly (*op. cit.*, 2004), se por um lado pode representar um mecanismo fundamental para efetivar-se a socialização, por outro, indica que o processo de adoção e/ou adaptação pode provocar a produção de novos gêneros. Afirmam, ainda, esses autores que os gêneros se modificam permanentemente e tomam um estatuto fundamentalmente dinâmico ou histórico, a partir do acúmulo dos processos individuais pelos quais esses mesmos gêneros são constituídos.

Investigar os gêneros como formas historicamente evoluídas da tipificação social que tornam situações e atividades reconhecíveis, para que as pessoas possam formular respostas efetivas e focadas, também tem sido a grande preocupação para Bazerman (2006), em seus estudos mais recentes.

Neles, ao adotar essa perspectiva para situar a funcionalidade genérica, o autor (*op. cit.*, 2006) atribui à noção de gênero uma característica de existencialidade, isto é, relaciona as *formas de vida* à natureza dos gêneros, colocando-a, dessa maneira, um pouco mais além daquelas concepções que vêem o gênero apenas com um constructo formal. Nesse sentido, Bazerman (2006 : 23) afirma que os

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São *frames* para a ação social. São ambientes para aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns

com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar.

Sem o propósito de esgotar as diversas abordagens que ainda hoje procuram enfocar questões relacionadas à estrutura e ao funcionamento dos gêneros, cotejamos o pensamento de Bronckart (2006), também colaborador do Grupo de Genebra, para finalizar este enquadramento acerca das concepções de autores contemporâneos.

Valendo-se da Teoria do Interacionismo Sócio-discursivo⁵, Bronckart (*op. cit.*) apresenta algumas reflexões a respeito da noção de gênero como instrumento fundador e organizador das funções psicológicas superiores. De acordo com essa perspectiva, o pensamento consciente manifesta-se pela linguagem por meio de processos inter e intrapessoal.

Admitindo, possivelmente, essa condição, o autor entende que a organização dos gêneros se dá a partir de conjuntos de textos já delimitados e rotulados por avaliações sociais ou para os quais – esses conjuntos textuais – os critérios de classificação ou rotulação ainda móveis ou divergentes.

Para ele (*op. cit.*, 2006 : 149), os gêneros do discurso, aqueles que passam a constituir aqueles conjuntos de texto, são

formas lingüísticas que são identificáveis nos textos e que traduzem a criação dos mundos discursivos específicos, sendo esses tipos articulados entre si por mecanismos enunciativos que conferem ao todo textual sua coerência seqüencial e composicional.

Vistos dessa maneira, os gêneros, na concepção de Bronckart (2006), são portadores de um ou de vários valores de uso, uma vez que em uma determinada

⁵ Teoria através da qual é possível postular que o conhecimento e a apropriação dos gêneros textuais, com circulação social, é condição essencial para o desenvolvimento da competência discursiva dos usuários da língua.

formação social, um gênero pode ser considerado mais ou menos ajustado a esta ou aquela situação de linguagem.

1.1.4 Possibilidades que apontam para conservação e inovação dos gêneros

Mainueneau (2005 : 94), ao propor outras formas de se pensar e estudar o discurso, observa que

(...) um discurso não é somente um certo conteúdo associativo a uma dêixis⁶ e a um estatuto de enunciador e de destinatário, é também uma “maneira de dizer” específica, a que nos chamaremos de *modo de enunciação*.

Visto dessa maneira, cada discurso constitutivo de gênero, ao ser produzido e posto em circulação, contribui não só para a existência, como também para a conservação e inovação dos gêneros de modo geral.

A esse respeito, Bakhtin (1981 : 91) já destacava:

O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. Nisto consiste a sua vida. (*op.cit.*, 1981: 91).

Com possibilidade de manifestar uma gama de situações comunicativas, os gêneros mostram-se impregnados de características peculiares, como *maleabilidade*, ao buscarem acolhimento em suportes distintos daqueles de sua origem e *dinamismo*, quando mantêm diálogo atualizado com as práticas sociais que fazem uso da linguagem. Essas características se contextualizam na medida em que levamos em conta a maneira

⁶ Em Lingüística, entende-se por isso o conjunto de localizações no espaço e no tempo que um ato de enunciação apresenta, graças aos “embreadores” (*op.cit.*, 2005: 93).

de apresentarem-se diante das mais inusitadas formas de materialização, ora mais direcionadas com a função do que propriamente com a estrutura formal de cada um deles.

Ainda sobre o processo de acolhimento dessas características junto aos gêneros, podemos dizer que ele aponta para a possibilidade de transmutação, isto é, alguns gêneros, mais complexos, têm a possibilidade de incorporar aspectos composicionais de outros, mais simples, produzindo um efeito de deslocamento do estatuto genérico original.

No *corpus* tomado para exame, há traços indicativos desse fenômeno, uma vez que a inserção de discurso *citado* (cf. as falas L3 – David Ferrari Jr., presidente do E.C. São Bento) no discurso *citante* de L1 – editor/locutor é garantida pelo gênero *reportagem* (da ordem do informar) que é, em seu processo de constituição, “cooptado” por um outro gênero (da ordem do opinar), o editorial.

Exemplos dessas marcas composicionais podem ser observados, com maior frequência, nos chamados *gêneros emergentes* ou *virtuais* que, de acordo com Marcuschi (2004), mais do que em qualquer época, hoje se proliferam face às novas demandas tecnológicas, particularmente na mídia eletrônica (digital).

Assim, maleáveis, dinâmicos e plásticos, os gêneros adquirem a capacidade de consolidar o discurso que torna possível a humanização do mundo, independentemente das barreiras reais ou imaginárias que o homem constrói usando o verbo. “Isto é revelador do fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem” (Marcuschi, 2002 : 20).

1.1.5 As demandas tecnológicas: perspectivas de desfronteirização dos gêneros midiáticos

As tecnologias, ao mediar a experiência humana com a linguagem, também contribuem para formar novas visões de gênero e de mundo.

Nesse sentido, observamos estreita relação desse movimento pelo qual passa a categorização dos *produtos* radiofônicos com alguns pressupostos da teoria bakhtiniana posto que a zona fronteira que, teoricamente, estabelece distinção entre os gêneros está, por conta das novas demandas ditadas pelo avanço tecnológico, cada vez mais tênue. Isso faz com que a discussão teórica sobre os aspectos relacionados à diferenciação entre gêneros *primários* e gêneros *secundários*, já apontados por Bakhtin (2000 - [1979]), seja reavivada.

Em seu avançado diagnóstico, esse autor (*op. cit.*, 2000 : 281) observa a perspectiva de transformação no processo constitutivo dos gêneros. Refere-se ao fenômeno da desfronteirização, dizendo que:

os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, **ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios** (grifo nosso).

O que se observa, atualmente, entre os gêneros, especialmente com o advento das redes mundiais de comunicação digital, é uma espécie de relativização dos aspectos relacionados à lógica que devem reger a estrutura e o funcionamento deles. Com uma preocupação menor de criar-lhes regras para enquadramento, podemos dizer que já é possível observar, pelo menos em categorias genéricas inscritas na produção de gêneros eletrônico-virtuais, espaço às transgressões composicionais e estilísticas. Essas, ajudam a romper as fronteiras entre os gêneros e permitem torná-los, sob o ponto de vista

midiático, mais fluidos, uma vez que as possibilidades de absorção e transmutação genéricas hoje já são observáveis.

Em grande parte, isso se deve ao momento histórico pelo qual passa a sociedade em que vivemos. Nele, o processo de globalização, que permeia novas configurações para as redes sociais, sob pretextos variados (dos econômicos aos culturais), ao desterritorializar o indivíduo, também lhe apresenta novos formatos para bases genéricas já conhecidas, no sentido de poder contextualizá-lo como cidadão para um mundo novo, criado pela mediação de novas tecnologias que permitem, em “tempo real”, a transformação de discursos e de gêneros.

Na chamada era da informação, experiências autênticas de uso da linguagem, produzidas em ambientes de mídia eletrônica, ocorrem em ritmo muito acelerado e de forma sistemática. Seja pelo avançado processo de desenvolvimento tecnológico que experimenta a sociedade pós-moderna, seja pelo próprio caráter plástico e dinâmico das formas de se organizar o discurso, face às novas demandas dos meios de comunicação de massa. Aliado a esse processo consideremos, também, a disponibilidade de novos suportes que se colocam a serviço de estratégias mercadológicas, características dessa era na qual quase tudo está prestes a ser digitalizado e consumido.

Nessa nova ordem, o que fica evidenciado nessa nova formatação – para usar linguagem mais próxima da produção radiofônica de gêneros –, é o critério da maleabilidade como recurso constitucional do gênero, abrindo espaços para reconfigurações e ressignificações de seus discursos que já não encontram limites para ultrapassagem de antigas barreiras e essa visão atinge praticamente todas as esferas da atividade humana que se movimenta por meio da linguagem.

Se observarmos a desfronteirização sob a perspectiva dos gêneros midiáticos, especialmente os eletrônicos, verificamos que esse fenômeno acentua-se ainda mais.

Isso, sem falar dos gêneros que, ao romperem a linearidade textual para repropor a forma de leitura em rede, passam a configurar a chamada hipermídia⁷, cujo requisito principal é o da interatividade do leitor com o conteúdo daquilo que se toma para ser enunciado.

Nessa perspectiva, os gêneros ficam sem fronteiras e ajustam-se, sem receio de inovar, às constantes demandas de um “admirável mundo novo” movido pelos incessantes efeitos da tecnologia.

Dessa forma, ao reconhecer essas novas possibilidades lingüístico-discursivas, facilitadas pelo avanço da tecnologia a serviço das mídias, devemos ressaltar que há, segundo Pinheiro (2002 : 267), um território fértil que propicia

(...) uma proliferação de textos que, numa atividade incessante, mesclam uma variedade de gêneros. Tal perspectiva implica uma grande diversidade de gêneros que, por um lado podem parecer estáveis, como a oração ou a receita de culinária e, por outros, mais fugazes, mais voláteis como o telejornal ou as reportagens de beleza e moda em revistas feminina.

Ao parafrasear Euclides da Cunha, em sua obra “Os Sertões” (1902), na qual faz referência ao fato de que não conseguiremos escapar de um grande dilema, pois “estamos condenados à civilização, ou progredimos ou desaparecemos”, acrescentamos que nós hoje também vivemos, nas práticas sociais de uso da linguagem – especialmente em tempos regidos por uma digitalização dos nossos discursos – sob a égide dos gêneros, podendo agir *com* e *sobre* eles, em maior ou menor intensidade, incorporando-os, transformando-os, mas nunca os ignorando.

⁷ O conceito de *hipermídia* corresponde à reunião de várias mídias num suporte computacional, suportado por sistemas eletrônicos de comunicação. Essa estrutura permite unir recursos textuais, visuais, sonoros e outros quaisquer que possuam sua representação digital para a elaboração de documentos navegáveis não-lineares.

Por essa razão, acreditamos que é do convívio de elementos indicativos de mudança, com elementos que permitem que este ou aquele gênero seja cristalizado e garanta sua circulação social através de tempos e espaços variados, que surgem perspectivas para análise de discursos específicos, como é o caso do discurso inscrito na esfera do jornalismo.

E quando tratamos de gêneros dentro desse campo, vamos encontrar uma gama de gêneros que, para justificar sua veiculação, apresentam-se com diferentes propósitos comunicacionais, embora essas intenções não possam garantir, claramente, a identificação do gênero. A esse respeito, podemos tomar como base a discussão precedente que fora realizada em torno da questão de desfronteirização.

Se pensarmos o jornalismo como uma instância discursiva socialmente consolidada, podemos compreendê-lo como um lugar de circulação e produção de sentidos, cuja lógica obedece a condições de produção e rotinas bastante específicas do “fazer jornalístico” e, nesse sentido, todas as ações que põem em prática o discurso jornalístico procuram sempre levar em conta um contrato de leitura – ou de audiência, no caso do radiojornalismo – que procura amparar-se na credibilidade do jornalista (e suas fontes) e, sobretudo, na imparcialidade da informação.

Diante dessas observações – em que pese a crítica sobre a fragilidade dos critérios de fundamentação acerca das teorias e classificações – apresentamos uma classificação para os gêneros jornalísticos, a partir de estudos realizados por autores com trabalhos voltados à área da Comunicação, expediente sem o qual não poderíamos oferecer uma perspectiva classificatória adequada, uma vez que as áreas da Comunicação e da Lingüística não devem ser vistas como incompatíveis para os propósitos do estudo ao qual nos propomos realizar nos itens subseqüentes.

1.2 Gêneros do discurso sob a perspectiva do Jornalismo

Na área de Comunicação, Melo (1992 : 15-16) procura estabelecer bases conceituais para o Jornalismo e para os gêneros que propriamente se inscrevem nessa esfera, ao afirmar que:

O jornalismo trabalha com o efêmero, transitório, circunstancial, fragmentário. Seus conceitos e categorias referem-se a fenômenos transitórios.

O conceito de jornalismo confunde-se, muitas vezes, com o de jornal. Entretanto, o jornalismo articula-se com os veículos que transmitem suas mensagens, sem se identificar com eles. Por isso o estudo do jornalismo não se reduz à mera análise das formas, mas compreende um processo amplo que vai desde a produção até o consumo.

O que torna o jornalismo um processo cultural são as suas características: periodicidade, universalidade, atualidade e difusão. Nele identificam-se quatro categorias: informativo, opinativo, interpretativo e diversional. As duas primeiras são consagradas, sendo a sua distinção ideológica e política. As duas últimas categorias apenas emergem.

Refletir epistemologicamente sobre o conceito de jornalismo significa, também, entender que a análise de discursos inscritos na mídia, seja ela impressa ou eletrônica, é uma atividade complexa, pois não se limita a categorizações. Os gêneros constitutivos desses discursos adquirem relativa estabilidade a partir das diferentes interações que constroem nesse campo e o conjunto de enunciados, tomados especificamente por esses discursos, apresentando determinadas regularizações, resultam dessas relações interacionais.

Ao tratar da linguagem jornalística, observamos que há um consenso entre os estudiosos da linguagem dessa esfera quando se admite que ela organiza e reorganiza-se a partir da concepção dos gêneros discursivos, sejam aqueles já cristalizados, sejam os

emergentes⁸. É fato, também, que a mídia recorre a uma gama de gêneros que procuram comportar as produções lingüístico-discursivas contemporâneas.

Nessa perspectiva, Chaparro (2008 : 2) atribui ao Jornalismo um significado mais amplo, quando procura estreitar seus laços com os discursos que o inscrevem na modernidade, conforme se observa em:

(...) Lendo os jornais, a gente descobre que o jornalismo, mais do que uma profissão que exige talento, liberdade e idealismo de quem a exerce, transformou-se numa linguagem e num ambiente que a sociedade organizada utiliza para expressar e ajustar discursos interessados, conflitantes, para os confrontos discursivos do tempo presente.

Ainda, esse mesmo autor que já contestara a validade de um gênero como o editorial – uma vez que se pode apreender a opinião de um bom jornal pelo conteúdo da primeira página – reitera sua preocupação em restabelecer a dimensão social da linguagem, na esfera jornalística, observando que

Os atos, as falas, até os silêncios, ao assumirem forma e força jornalística, tornam-se intervenções na atualidade, produzindo imediatos efeitos, diretos ou indiretos, na vida das pessoas. Conquistam as primeiras páginas os conteúdos mais relevantes, isto é, os que mais efeitos multiplicam, e que por isso mais interesses envolvem, incluindo os interesses dos leitores. (Chaparro, 2008 : 3)

Por outro lado, Bonini (2003), em seus estudos sobre o tratamento teórico que recebem os gêneros do jornal, no Brasil, revela a dificuldade de categorização dos gêneros sob a perspectiva do Jornalismo afirmando que

Enquanto os autores em outros campos têm tratado o gênero textual como um fenômeno de linguagem socialmente constituído (ligado a atos enunciativos ou a ações de linguagem efetivas ou efetiváveis) e tentado construir modelos explicativos da ação dos sujeitos na

⁸ Na obra **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**, Marcuschi e Xavier (orgs.) (2005), o conceito de *gêneros emergentes* é amplamente discutido, na medida em que se procura identificar qual seria a originalidade de esses gêneros que estão surgindo juntamente com as novas demandas tecnológicas em relação aos que já existem.

linguagem; no campo da comunicação, os estudos ainda se inscrevem em uma perspectiva tipologizante. É difícil depreender, nesta literatura, o que é um gênero jornalístico, bem como quais são os gêneros que compõem o jornal. (*op. cit.*, 2003).

No entanto, pode-se dizer que os gêneros jornalísticos, apesar de serem apresentados dentro de um plano de enunciação com certas especificidades e receberem tratamento teórico-metodológico nem sempre harmonioso, mantêm determinadas características que também são comuns aos gêneros discursivos.

Se pensarmos na estrutura e no funcionamento dos diferentes gêneros jornalísticos (reportagem, notícia, editorial, entrevista, entre outros) identificaremos aspectos relacionados ao papel dos locutores e à situação de produção de seus enunciados, fato que, por si, já serve para aproximar estes, pelo menos, sob o ponto de vista composicional, pelo menos, àqueles. Isto sem contar que os gêneros jornalísticos, a exemplo do que ocorre com os gêneros do discurso em geral, ao expressar uma realidade, apresentam-se dinâmicos e mutáveis, traços distintivos que os tornam compatíveis com a concepção bakhtiniana de gêneros.

Também podemos considerar que os gêneros jornalísticos, respeitando a posição de seus enunciadores – jornalista ou editor – assumem caráter informativo ou opinativo e, cada uma dessas possibilidades é constituída a partir de escolhas específicas, determinadas pela própria atividade jornalística.

Segundo Marcuschi (2003), dominar um repertório vasto de gêneros não significa o domínio de uma forma lingüística, mas sim, de uma forma de realizar lingüisticamente objetivos sociais específicos e particulares.

Como todo campo da atividade humana tomada pela linguagem, também o jornalismo pode ser pensado sob a perspectiva discursiva. O discurso jornalístico

escrito, por exemplo, tem merecido atenção nas pesquisas acadêmicas, fato que ainda não ocorreu como o discurso inscrito no radiojornalismo.

A definição de gênero, no que se refere ao jornalismo, articula-se a partir da relação entre o discurso e sua finalidade, posto que os diferentes gêneros, que nesse campo são produzidos e circulam, são uma resposta estrutural e estilística às diferentes necessidades expressivas dos homens em suas práticas sociais tomadas pela linguagem.

Chaparro (2007), ao propor uma análise do caráter⁹ da linguagem jornalística, observa que

A linguagem jornalística é uma linguagem de seduções. O título é uma grande sedução, a foto é uma grande sedução, as interações entre os elementos que constroem a trama narrativa é uma grande sedução. Então, há sempre a perspectiva de gerar efeitos, de produzir alterações na vida presente das pessoas e na própria sociedade. O jornalismo é uma linguagem essencialmente performativa, isto é, nela, as coisas são ditas de forma intencional, com o uso de técnicas e critérios eficazes, para produzir efeitos, para gerar alterações, na vida real e na dimensão do presente. Assim, o jornalismo é um exercício permanente de atos de fala interessados, entre múltiplos protagonistas.

A partir dessas observações, dizemos que o jornalismo pode ser tratado como um conjunto de práticas discursivas que buscam a interpretação sucessiva da realidade, e compete aos gêneros jornalísticos cumprir diferentes funções para responder e satisfazer as expectativas de uma sociedade inscrita na era da informação em cujas formas a linguagem produz e reproduz conteúdos e estilos que, sob maior ou menor influência de contextos e ideologias, aplicam-se aos chamados gêneros jornalísticos.

Contudo, quando tomados pelo campo do radiojornalismo, os gêneros têm finalidades específicas pelo fato de assumir características de cada um dos modos de organizar o discurso radiofônico, de maneira que a estrutura resultante seja reconhecida

⁹ De acordo Chaparro (2007), o caráter *performativo* da linguagem jornalística pode ser entendido como a possibilidade de que tudo o que se diz e faz para ser notícia, e ao ser noticiado, são formas deliberadas de agir e interagir no mundo, visando modificar situações, em lógicas de conflito. No jornalismo, segundo esse autor, o uso da linguagem é sempre um “dizer para fazer”.

como pertencente a uma modalidade específica que esteja envolvida com determinada estratégia de produção, edição e veiculação.

A dificuldade que acompanha o discurso do radiojornalismo informativo/opinativo desde a sua origem está, segundo Meditsch (1997 : 4) em encontrar uma maneira de expressar de forma sonora um conteúdo que tomou forma originalmente na língua escrita, possibilitada pela tecnologia da imprensa.

Segundo esse autor (*op. cit.*), o discurso radiojornalístico encontra obstáculos para sua efetiva constituição, veiculação e, a depender da influência que receba pelo grau de relacionamento entre os interlocutores e pela posição que ocupam na interação, além das implicações com o suporte, esse tipo específico de discurso, pode ter sua *compreensão ativa responsiva*¹⁰ comprometida.

Verificamos, dessa forma, que além da dificuldade de materialização do discurso inscrito no radiojornalismo há, também, problemas com sua tipologia, à medida que se observam perspectivas diferentes em autores como Melo (1992, 2003), Pinheiro (2002), Bonini (2003), Barbosa Filho (2003) e Chaparro (2008).

Contudo, observamos que os gêneros, ao inscreverem seus discursos em território da palavra falada, radiodifundida, apóiam-se na sonoridade como um importante elemento para alcançar um efeito discursivo determinado. Não dispõem de imagens, de gestos que possam auxiliar na construção de sentido, uma vez que o conteúdo da linguagem radiofônica se dá muito mais pela apreensão dos efeitos sonoros do uso da palavra do que por um processo de raciocínio lingüístico real, dada a singularidade com a qual o discurso deste meio é caracterizado.

¹⁰ Expressão que Bakhtin (2003 : 271) utilizou para referir-se ao ouvinte, posto que este, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva, concordando ou discordando dele (total ou parcialmente, podendo, até completá-lo, aplicá-lo ou preparar-se para usá-lo. Afirmo o autor que essa posição *responsiva* do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão dos enunciados desencadeados no discurso do locutor.

Preocupação com o conteúdo mais do que com a forma e dificuldades de comunicação deste conteúdo em função de um suporte apenas sonoro e coerções do próprio dispositivo sobre seu modo de organizar sua produção são alguns dos fatores que podem ter contribuído para moldar a linguagem adotada pelo radiojornalismo que, no início, pautava-se por um esforço extremo de simplificação.

Como os gêneros são ancorados na sociedade e, ao mesmo tempo, são parte constitutiva das esferas que compõem essa sociedade, com força de organizar suas práticas sociais, é natural que eles manifestem-se de forma variada, conforme o repertório cultural próprio de cada comunidade lingüística e, também, do modo como ele é tomado, especificamente, pela esfera midiática, apresentando peculiaridades como as que observamos na constituição do nosso *corpus*.

Segundo Meditsch (2002), passados mais de cem anos da apresentação pública da invenção de Marconi – o rádio – e três quartos de século desde que a primeira emissora regular de radiodifusão entrou em funcionamento, continuamos sem compreender, satisfatoriamente, a linguagem radiofônica, nem tampouco defini-la em sua especificidade.

Afirma esse autor (*op. cit.*) que, no mundo das pesquisas em língua portuguesa, a situação é ainda mais grave, uma vez que não produzimos, segundo ele, quase nenhum conhecimento a respeito da linguagem do rádio e sequer traduzimos o que o resto do mundo produziu. Estamos, desse modo, como afirma esse estudioso, fora do diálogo acadêmico internacional sobre esse tema.

Ao considerar o gênero e os relacionamentos que ele estabelece em presença de um processo dialógico e contínuo de ações e inter-ações socialmente reconhecidas, verificamos que sua condição de historicidade está diretamente relacionada à idéia de movimento.

A questão de sobrevivência dos gêneros relaciona-se, dessa forma, à idéia de movimento, dinamismo e diversidade provocada pela migração de formas discursivas e meios e reafirma o fundamento de que todos os gêneros do discurso – daqueles produzidos em camadas da linguagem cotidiana, até aqueles elaborados em esferas midiáticas especializadas – sujeitam-se a sistemáticas transformações, uma vez que estas decorrem das experiências individuais e/ou de uma comunidades lingüísticas específicas que ocorrem a partir de uma perspectiva diacrônica.

Isso equivale a dizer que os modos pelos quais os gêneros se organizam sofrem ação da história. São modos carregados de enunciados dinâmicos, maleáveis e, portanto, vinculados a um processo contínuo de ajustes que envolve, sobretudo, o estilo verbal e a construção composicional que os determinam.

Quando tratamos de características do gênero discursivo, observamos que elas apontam para uma possibilidade de classificação que interessa ao enquadramento que buscamos para um gênero específico tomado pelo radiojornalismo – o editorial. Há que se observar, no entanto, que o gênero, segundo Machado (2005 : 133):

não pode ser concebido senão como um conceito plural: reporta-se às formações combinatórias da linguagem em suas dimensões verbal e extraverbal. Além disso, articula formas discursivas criadoras da linguagem, de visões de mundo e de sistema de valores configurados por pontos de vista determinados.

A partir dessa observação, devemos considerar a existência de outros indicadores necessários à classificação dos gêneros discursivos. Nesse sentido, destacamos, a seguir, outros dois aspectos que também contribuem para o processo de identificação e descrição do gênero do discurso, uma vez que se relacionam com sua estrutura e funcionamento.

Contudo, a tarefa de restrição a apenas um discurso específico na esfera do radiojornalismo não é simples e nem tranquila. O espaço de produção discursiva relacionada ao radiojornalismo, à semelhança do que ocorre com a produção textual do jornalismo impresso, possui, como traço característico, a maleabilidade em sua organização discursiva, visto que nele circulam, simultaneamente, notícia, artigo, reportagem, entrevista, anúncio, editorial, crônica etc., formando modalidades genéricas variadas que convivem sem grandes confrontos composicionais.

Tal maleabilidade dá-nos condição de entender o comportamento *sui generis* de um tipo específico de discurso que constitui um gênero inscrito no rádio, como é o caso do editorial que selecionamos para análise.

1.2.1 Gêneros do radiojornalismo: uma classificação plausível

Hoje pensamos a língua não apenas como um acervo morfossintático do qual o usuário, com maior ou menor competência, dele usufrui, mas, e sobretudo, como representação de um fenômeno eminentemente social, responsável pela dinâmica das relações que permeiam um amplo e contínuo circuito de interações verbais, mediadas por dispositivos eletrônicos ou não.

Essa observação advém da reflexão sobre os postulados de Bakhtin (1999) que apontam para a importância da interação verbal, uma vez que a verdadeira substância da língua, segundo esse autor (*op. cit.*) não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, mas de um fenômeno social de interação verbal, realizado mediante a formulação de discursos que passam a constituir a realidade fundamental da língua. Essa concepção estabelece correspondência estreita com a estrutura e o funcionamento dos gêneros discursivos que tomam essa língua em situação de uso na sociedade.

Questões identificadoras do comportamento dos gêneros do discurso em suporte radiofônico trazem, ainda, uma antiga resistência que alguns estudiosos desenvolvem em torno do rádio e seus produtos.

Esse fato ocorre mesmo sabendo que os gêneros ali produzidos e radiodifundidos sofrem, em relação às peculiares situações de produção, uma espécie de síndrome da volatilidade, o que não impede de mostrar, desde sua criação em 1895, capacidade de influenciar na construção de sentido e formação de opinião de auditórios até então inimagináveis, muito mais que a mídia impressa poderia alcançar, se considerarmos suas características de produção e circulação.

A preocupação atual que se tem em torno dos gêneros relacionados à mídia, segundo Barbosa Filho (2003) e Costa (2007) migrou das classificações da para as questões conceituais, como as que se relacionam aos critérios de classificação, aspectos condicionantes do gênero (mídia x suporte), ou mesmo ao fenômeno da hibridização, como adverte Marcuschi (2002, 2004), ao tratar dos gêneros *digitais* ou *emergentes*.

No Brasil, segundo Costa (*op. cit.*), no campo da comunicação, as pesquisas são, geralmente, marcadas pela divisão dos gêneros de acordo com a mídia (gêneros radiofônicos, gêneros da mídia impressa, entre outros).

Sendo assim, não se pode mais, segundo Primo (2005) vincular o rádio ao contexto analógico, à mera transmissão sonora e a um receptor de ondas eletromagnéticas. Sua transmissão pode ser digital, incluir informações textuais e ser ouvido, inclusive, em celulares e televisões conectadas a antena parabólica. Este é o novo entorno multimidiático, conforme diagnostica Herreros (2001). Segundo o autor, a informação radiofônica aparece dentro da programação de uma rádio mutante submetida a um conjunto de mudanças técnicas, organizacionais, financeiras e de fragmentação de audiências.

A partir dessas observações, entendemos que os gêneros do radiojornalismo possuem um caráter dinâmico e são pautados, de modo geral, tanto pelo processo interno de mudanças pelo qual passa todo meio de produção midiática, quanto pelo processo sócio-histórico-cultural.

Ainda, Meditsch (ainda inédito), ao referir-se ao discurso de rádio, em contexto digital, afirma que

discurso sonoro do rádio estabelece já não apenas uma interface com a realidade bruta. Constitui também uma das interfaces com que se relaciona com um hipertexto maior, que redefine a realidade humana e ao mesmo tempo em que a expressa. A informação da web e dos demais meios, e uma grande quantidade de saberes locais, podem ser acessados através de sua sinalização no discurso polifônico do rádio, embora este acesso seja condicionado pelo fechamento do discurso em fluxo contínuo, pelo corte epistemológico do gênero, pela especificidade retórica do meio e pela intenção do emissor, para além do interesse do receptor.

Para acompanhar esse movimento, o discurso produzido em esferas midiáticas, ao ser afetado pela exigência de apresentar a informação em tempo real, experimenta um fenômeno lingüístico-discursivo que graças o *mass media* conhecido, segundo Gregolin (2003 : 9), como a *espetacularização* da cultura e da notícia, ou seja, para garantir a sobrevivência dos meios que mediam a realidade, há que se produzir sempre novos efeitos de sentido que ajudem, de certa maneira, a redescobri-la, visto que

(...) entre a cena real e alguma cena de filme, ficamos indecisos: como distingui-las na era das tecnologias de informação, quando tudo se volatiliza em imagens e redes flutuantes que invadem nossa percepção? O assombro banalizou-se. A cena, incontáveis vezes repetida, cristalizou-se no instantâneo de nossas retinas, como parte do espetáculo que, passado o espanto, grudou-se no cotidiano.

Na obra *Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio*, Barbosa Filho (2003 : 89-99), ao tratar dos gêneros jornalísticos que circulam pelas ondas do rádio afirma:

Gênero Jornalístico: é aquele por meio do qual o rádio busca levar ao ouvinte a informação da forma mais atualizada e abrangente. São eles: Nota; Notícia; Boletim; Reportagem¹¹ (formato que combina elementos dos gêneros jornalístico e opinativo, fato que enseja uma discussão complementar, quando estivermos tratando, no capítulo V, do fenômeno da desfronteirização dos gêneros), Entrevista, Comentário.

Há, ainda, a Crônica, o Radiojornal, as Mesas-redondas ou Debates, do Programa Policial, o Esportivo e a Divulgação Científica. Preferimos destacar a presença do *Editorial*, como parte integrante ainda deste segmento. Peça jornalística pouco utilizada no rádio, é caracterizado pelo anúncio de opinião não-personalizada e retrata o ponto de vista da instituição radiofônica. (Barbosa Filho, 2003: 97).

Gênero Publicitário ou *Comercial:* é aquele que tenta seduzir, convencer, vender uma idéia ou produto. Seus formatos mais conhecidos são: Jingle, BG (ou *background*, do inglês, peça locutada com fundo musical), Vinheta, Testemunhal, Spot.

Gênero Musical: ocupa o maior espaço da programação de grande parte das rádios comerciais do país. Por essa razão, torna-se complicada a tarefa de definir os diferentes formatos para esse tipo de programa, já que todos se baseiam na alternância entre música e locução.

Gênero Dramático ou *Ficcional:* busca utilizar todos os recursos da linguagem sonora e radiofônica (música, efeitos, silêncio e vozes) para construir ambientes e personagens e, através deles, apresentar histórias reais ou fictícias. Entre seus formatos, destacam-se: Novelas, Seriado, Peça radiofônica, *Sketch* (quadro cômico curto).

Gênero educativo-cultural: pouco usado no Brasil, esse gênero é bastante comum em países desenvolvidos. Seu formato é considerado como parte de uma

¹¹ Gênero da esfera do jornalismo radiofônico que, na perspectiva bakhtiniana, intercala-se a outros gêneros do *corpus*.

estratégia pedagógica de sustentação ao ensino oficial. É composto de Autobiografia e Documentário educativo-cultural.

1.2.2 Relações específicas entre o gênero *editorial* e radiojornalismo

Nosso trabalho investiga um gênero específico, inscrito no campo do jornalismo, o editorial, que é enquadrado, conforme Melo (2003), como um gênero do jornalismo opinativo.

De acordo com esse autor (*op. cit.*, 2003), os gêneros jornalísticos, no Brasil, podem ser agrupados dentro das seguintes categorias:

- Jornalismo *informativo*: que agrega os gêneros nota, notícia, reportagem, entrevista.
- Jornalismo *opinativo*: contempla os gêneros editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

O segundo grupo diferencia-se, conforme esse mesmo autor (*id.*) do primeiro por apresentar um teor valorativo, expresso geralmente de maneira implícita quando se apresenta os temas. Caracteriza-se, também, diferentemente do primeiro grupo por se destinar a emitir opiniões sobre acontecimentos, fato que não se configura nos outros gêneros do primeiro grupo.

Sousa (2006) afirma que com os gêneros agimos e interagimos socialmente, constituindo o mundo de alguma forma. Uma evidência da diversidade e importância dos gêneros é a presença maciça da imprensa, falada, escrita e televisiva, na vida cotidiana através dos jornais, revistas e televisão, e seu papel de formadores de opinião junto ao público.

Segundo essa autora (*op.cit.*), os textos opinativos e informativos da imprensa, realizados em gêneros diferenciados tais como o artigo, o editorial, a notícia, a

reportagem etc, contribuem decisivamente para a construção do mundo, vez que a sociedade é por eles influenciada.

Ao investigar a linguagem dos meios de comunicação, no sentido de observar os gêneros que neles são produzidos, voltamos nosso foco para o editorial.

O editorial, segundo Bahia (1971 : 97), sucede o artigo (de fundo) sem mudar, basicamente, sua natureza e é resultante da reformulação técnica e de conteúdo por que passou o jornalismo com o processo de industrialização. O artigo, como o editorial, é criação dos veículos impressos. Procedem, conforme esse autor (*idem*) de uma fase em que, sendo predominante a opinião, os veículos reservam espaço próprio à apresentação, formulação e sustentação de suas posições de princípio.

Por conta dessas características, segundo as tradições que consolidaram os gêneros jornalísticos, a manifestação lingüística associava-se, não raramente, ao exercício doutrinário e retórico da opinião, no qual predominava o esbanjamento de recursos próprios da eloquência, fato que conferia à linguagem um tom solene que, na maioria das vezes, afastava os leitores do processo interpretativo, em razão do aspecto solene do discurso ali presente. Exemplo desse expediente é a criação do chamado “nariz de cera”, tido posteriormente como um gênero da ordem do opinar.

A opinião¹², segundo Melo (1994), associa-se ao gênero dentro do discurso jornalístico, contextualizado dentro de um âmbito maior, que é o discurso midiático. Nesse sentido, devemos considerar, também, que os discursos presentes nos *mass media*¹³ articulam-se a partir da circulação de outros discursos presentes na sociedade.

¹² Melo (1994), ao caracterizar a *opinião*, como traço distintivo do discurso constitutivo de gêneros jornalísticos, propõe uma classificação que contempla apenas duas categorias: *jornalismo informativo* (nota, notícia, reportagem e entrevista), e *jornalismo opinativo* (editorial, comentário, artigo, resenha e coluna).

¹³ Os *Mass Media* são entendidos, aqui, como um conjunto de sistemas organizados de produção, difusão e recepção de informação. Estes sistemas são geridos, por empresas especializadas na comunicação de massas e exploradas nos regimes de livre concorrência, ou não, pois as empresas gestoras podem ser privadas, públicas ou estatais.

Bonini (2006), afirma que o estudo dos gêneros jornalísticos (bem como dos demais gêneros que compõem o conjunto mais amplo das manifestações da comunicação de massa) apresenta uma grande relevância social.

No nosso caso, interessa-nos a discussão em torno de um editorial específico que migra para suporte diferente daquele que originalmente é reconhecido e, de certa forma, recupera, em sua organização discursiva, determinadas características composicionais do gênero tradicionalmente conhecidas. Tomaremos por aporte teórico o que se apresenta em Bahia (1971). É preciso, antes, destacar que as análises que ora realizamos avançam em relação às teorias por nós discutidas, ou seja, esse autor associa à cada parte composicional elementos estudados pela Teoria da Argumentação.

Segundo Bahia (op. cit.), o editorial apresenta:

a) A *introdução* (ou *exórdio*): que assinala, a partir de uma proposição inicial, a direção que o locutor/editor deve tomar, no sentido de implicar o auditório naquilo que se vai dizer, em incluí-lo criticamente no fato. No *corpus* sob análise, às l. 01-05, apresenta-se a partir de um *título*, que é descartado estrategicamente, (e substituído pela expressão editorial), com o propósito de não apenas obter a adesão do auditório já no início do discurso, mas também de enfatizar o uso do gênero, no sentido de ativar no radiouvinte seu conhecimento prévio em relação ao que se conhece do gênero.

01 L1 – editorial... o torcedor do São Bento foi presenteAdo com uma vitória épica sobre o atual campeão mundial... ao final da partida o vitoriOso presidente... de imediAto deu vazão ao seu carInho pelo torcedor do São Bento e fãs do esporte...

b) O *desenvolvimento*: onde o locutor/editor seleciona fatos para narrá-los e sobre eles formula toda a argumentação necessária. A escolha de argumentos é a parte nuclear e decisiva do discurso, e vem já preparada pelo exórdio e pela narração. Para exercer seu efeito no conjunto do discurso, a argumentação deve conter uma ou mais

provas, ou seja, um ou mais argumentos, calcados no raciocínio e no princípio da dedução, onde o uso do silogismo, da dialética e do paradoxo concorrem para aumentar o grau de adesão às teses apresentadas pelo locutor.

Exemplo desses efeitos, no discurso do editorial do *Timão do Povo*, pode ser observado às linhas 39-42, segmento no qual verificamos a presença do argumento *indutivo*, aplicado a partir de uma avaliação desfavorável que o locutor/editor faz acerca do comportamento violento de um dirigente esportivo que agride, com gestos e palavras, torcedores do seu time do coração (o Esporte Clube São Bento), e acaba generalizando a análise, tornando-a extensiva a outros segmentos ligados ao clube.

40 Brasil... e atitudes como estas... não de seu proprietário... mas sim do mandatário do Esporte Clube São Bento infelizmente também colocam no mesmo balcão da violência e falta de educação todos os seus pares de diretoria... patrocinadores... atletas e funcionários...

c) A *conclusão* (ou *peroração*): que contém dois aspectos importantes que são a *recapitulação* que o locutor/editor (L1) faz de determinados fatos e argumentos, amplificando o sentido de conclusão, conforme se observa às linhas 51-52, e, à l. 53-54 do segmento logo a seguir, vale-se de uma metáfora, (pois ela – *a mordaca dos anos de chumbo ficou para trás* - procura estabelecer uma relação simbólica entre o comportamento de L4 com seus interlocutores (L1 e a equipe do “*Timão do Povo*”), no sentido de enfatizar a necessidade do exercício do radiojornalismo esportivo sem censura).

Como expediente para marcar aspectos da conclusão, L1 também faz uso estratégico da expressão *ao longo de quase meia década*, que funciona, como uma espécie de índice de certeza daquilo que o locutor está falando sobre a validade do trabalho profissional que uma equipe de radiojornalismo esportivo realiza em prol do esporte sorocabano. Sua formulação, nessa instância do discurso do editorial, serve para

indicar preocupação em recuperar a noção de tempo à consciência do interlocutor e, principalmente, do auditório a quem L1 se dirige no sentido de ampliar sua adesão.

55 arrua::CEIros... nosso trabalho ao longo de quase meia DÉcada continuará evoluindo... SEMpre realizando a maior coberTura do jornalismo esporTIvo em nossa região... a morDAça dos anos de CHUMbo ficou para trás... a informaÇÃO e a opinião ao FÃ do esporte NUNca faltará... nem mesmo sob vioLÊNcia... torceDOR... o seu esPAço estará sempre garantido em NOSsa programação... lamentAMOS o desresPEItO e a vioLÊNcia à voCÊ torcedor... raZÃO do nosso traBALho

Com valor modalizador, verifica-se, também, a aplicação de uma expressão lingüística específica para denotar o conhecimento a que se refere L1. Neste caso, a argumentação, que provém da ênfase que o locutor/editor procura dar, ressaltando o período de experiência com o referido trabalho (quase “meia década”, para provocar um efeito de sentido maior no auditório, em substituição ao quase “cinco anos”), aponta para o uso de estratégia que pode funcionar, segundo Aquino (1997 : 205) como reforço positivo à imagem do locutor/editor perante seu auditório.

Ainda, para ressaltar o esforço resumitivo de fatos e argumentos que o locutor/editor realiza visando persuadir seu auditório destacamos, no segmento anteriormente selecionado, o uso estratégico de um advérbio – *sempre* –, observado à l. 52 que, no contexto no qual está inserido, representa apreciação sobre o próprio trabalho que o locutor/editor (L1) e equipe do “Timão do Povo” realizam, no sentido de conferir credibilidade a todo o período de trabalho, apontado à l. 51, em que o Programa Esporte Total está no ar.

Em relação à *afetividade*, que representa o último esforço argumentativo da parte final da estrutura composicional de um editorial, (à semelhança do editorial do “Timão do Povo”), observamos que, à linha 67, há um esforço concentrado de L1 para dispor o auditório em sentido favorável à tese principal apresentada (repudiar atitudes

violentas de dirigentes esportivos, mais especificamente do “cartola” beneditino) mesmo que este aspecto esteja revestido de ironia, como é o caso observado no segmento em nosso *corpus*.

Observemos que o efeito da afetividade, na instância de conclusão do discurso do editorial do Timão do Povo, pode ser percebido à medida em que o turno de L4 é sobreposto pelo tom retórico e estratégico do enunciado (à l. 66), que configura-se como um apelo à razão (Aquino, 1997), após o auditório ser conduzido por argumentos de outra natureza.

- 65 L4 – lá... manda um vagabundo *proVA* que eu tô *roBANdo dinheiro...*
 eu *num VIVO* do São Bento que nem vocês vive... eu *num VIVO* não...
 L1 – (...) aINda acrediTAMOS no jornaLISmo sem cenSURas... ..

Cabe ressaltar, ainda, que o discurso de L1, ao contrapor-se ideologicamente de L4, necessita apoiar-se não apenas na seleção lexical, em detrimento dos turnos justapostos de L4, no segmento em destaque, mas, sobretudo, no uso da linguagem retórica que, neste caso, apresenta-se por meio da ironia, como estratégia argumentativa eficaz, uma vez que, ao desprezar estrategicamente a réplica, inválida, semanticamente, o conteúdo do(s) turno(s) anterior(es) de L4.

Ainda, de acordo com Bonini (*op. cit.*, 2006), os articuladores discursivos, observados nas análises precedentes em nosso *corpus*, estão sempre presentes nos editoriais, já que são responsáveis pela coesão de um texto, e dessa forma garantem o rigor lógico da argumentação e do encadeamento das idéias.

Ao observar, a partir destas análises, as relações específicas entre o gênero *editorial* e radiojornalismo verificamos que, nesse processo, o espaço social é redesenhado e, conseqüentemente, quando um usuário interage por meio da língua em

funcionamento, ao atuar em situações específicas de produção discursiva, novos valores e sentidos específicos podem ser criados nos diversos contextos da vida em sociedade.

Entendemos que isto possa criar relações de poder entre os membros de uma dada comunidade lingüística, resultantes da articulação que não decorre somente do modo específico como a língua é tomada por um de seus usuários, mas, e sobretudo, da escolha do gênero editorial para conferir ajustar sua motivação ideológica ao propósito discursivo, especificamente no campo do radiojornalismo.

Cria-se, com a opção pelo gênero editorial nessa esfera, em que pese sua apresentação insólita, *status* para o discurso do radiojornalismo esportivo que ele normalmente não desfruta, uma vez que se distancia do padrão usual das interações verbais presentes em programas de esporte.

Essa afirmação se verifica não somente pela observação do traço de eloqüência que marca sua forma composicional, mas também pelo modo polêmico de organização do conjunto de argumentos alocados para tratar de seu conteúdo, apesar de reconhecer nele, aspectos característicos de sua composição original, como descrevemos há pouco.

Dessa forma, se o editorial do “Timão do Povo”, tomado como peça-chave do processo que já vinha sendo instaurado, apresenta um discurso com formulação específica e é capaz de recuperar determinadas características de identidade – seja na composição, seja no conteúdo –, que o aproximam do gênero editorial reconhecido em sociedade, podemos dizer, então, que ele cumpre seu papel, pois pode ser entendido, no espaço midiático, como um discurso persuasivo, à medida que revela o objetivo de um locutor/editor em mover a consciência de radiouvintes, convencer a opinião pública e ganhar adesão de seus auditórios à tese apresentada.

Sendo assim, a sua argumentação é compreendida como constitutiva do discursivo midiático e, em razão desse fato, é que empreendemos as análises de

elementos lingüístico-discursivos e das principais estratégias de argumentação utilizadas em sua formulação para persuadir interlocutor(es) e o auditório social mais amplo, como é o caso dos “torcedores do São Bento” e, de modo geral, “fãs do esporte”.

A partir dessas observações, considerando as especificidades do auditório ao qual se destina a programação esportiva de uma rádio, podemos afirmar que o editorial também não funciona exatamente como guia fácil para orientar o radiouvinte sobre a questão polêmica que deu origem ao gênero, dada a complexidade argumentativa e o nível de seleção lexical com as quais o discurso é produzido e enunciado. Em razão disso, o discurso específico do editorial do Timão do Povo representa uma tentativa de diálogo com o radiouvinte.

Desse modo, podemos entender que há, no jogo da comunicação que permeia o discurso midiático em exame, uma relação de poder que o locutor/editor do Programa Esporte Total estabelece com seus interlocutores, a partir do reconhecimento do editorial como gênero discursivo com força de apresentar sua tese.

Ao mesmo tempo, a estratégia de escolher um gênero como o editorial prende-se ao fato de nele ser possível desenvolver, também de modo estratégico, todo um processo argumentativo pró-tese, visando a consecução de seus objetivos.

Assim, inserido no gênero opinativo, o editorial expressa a opinião da empresa na qual o dispositivo se inscreve e têm características específicas que o diferenciam dos demais gêneros.

Nesse aspecto, a opinião está também presente no discurso específico do editorial do “Timão do Povo” à medida que, sob foco sempre da terceira pessoa (*torcedores e jornalistas, um profissional da imprensa, nós... do Timão do Povo, nosso trabalho*), os fatos são descritos, explicados e interpretados conforme ponto de vista

adotado pelo locutor/editor a partir de seus porta-vozes que, distantes da dimensão informativa, agregam às suas falas, índices de valoração.

Este processo impõe-se como traço característico em relação ao quê de opinativo recupera esse discurso tomado para análise, uma vez que nele, por suas premissas e objetivos, aproxima-se da essência formadora de opinião ou, segundo Bahia (1971), mostra força assentadora de opiniões formadas, como se observa, sob forma de aposto resumitivo, a “opinião” (à l. 59) na dimensão opinativa do editorial sob exame:

55 NUNca faltará... nem mesmo sob vioLÊNcia... torceDOR... o seu esPAço estará sempre garantido em NOSsa programação... lamenTAmos o desresPElto e a vioLÊNcia à voCÊ torcedor... raZÃO do nosso traBAlho e Único responSÁvel pelo Esporte Clube São BENTo... esta.. é a opinião do tiMÃO do Povo...

Quando tratamos das relações específicas de um gênero, como o editorial, e o campo do radiojornalismo, levamos em conta a formulação discursiva que nele se inscreve, observando o conjunto de argumentos que sustentam avaliações e juízos, nem sempre ocultos. Observamos que a apreciação e a crítica estão explícitas, o que contribui para formação material da opinião e, ao mesmo tempo, tem força de instaurar polêmica no espaço discursivo.

Entretanto, Beltrão (1980) destaca outros atributos no que se refere ao gênero editorial. Importantes para o reconhecimento de sua identidade genérica, esses atributos, observáveis também na constituição do editorial do “Timão do Povo”, são assim descritos: impessoalidade (não é assinado), topicalidade (tema latente), condensalidade (uma idéia central) e plasticidade (flexibilidade).

Em relação ao primeiro atributo, fica patente sua identificação com o que aponta Beltrão (*op. cit.*), uma vez que é a equipe de radiojornalistas que se autodenomina “Timão do Povo” que traz a voz, a opinião e a “assinatura” do editorial, expressa às

linhas 58-59, do segmento precedente, marcando mais um ponto de contato entre essa formulação discursiva específica como o gênero consolidado socialmente em sua estrutura temática, estilística e composicional.

No caso do último atributo, observamos que a condição de flexibilizar-se do editorial sob exame, pode ser observada em seu processo constitutivo quando ocorrem incorporações de características de composição de um gênero (*reportagem de campo*), em outro (o próprio *editorial*), e esse atributo se comprova pelo predomínio da função que o locutor/editor objetiva conferir ao seu discurso, em relação à forma da determinação do gênero como é conhecido em nossa sociedade.

Ainda, Beltrão (*op. cit.*) trabalha com a perspectiva de classificar os editoriais observando a morfologia, a topicalidade, o conteúdo, o estilo e a sua natureza.

A partir dessas observações, entendemos que o editorial é, na mídia impressa ou eletrônica, um espaço privilegiado, no qual há inúmeras possibilidades de expor muito do que se pensa sobre a realidade que permeia a vida fora das redações. Com interpretações de fatos passíveis de emissão de juízo e de interesse social relevante, o editorial, especialmente aquele consolidado pela mídia impressa, configura-se como espaço onde se tenta, de maneira sistemática, equilibrar interesses do veículo de comunicação com os interesses do público leitor/ouvinte, num contexto onde supostamente deva haver, segundo Perelman (1999), *comunhão de espíritos* em torno das questões apresentadas.

Por tradição composicional, ele não traz subtítulo e nem autoria. Os esquemas de construção de um texto editorial são, geralmente, aprendidos e reconhecidos nas comunidades em que circulam, isto é, por aquele que o produz e por aqueles que o consomem. Poderíamos dizer, também, que as fases esquemáticas de produção de um

editorial não ocorreram aleatoriamente, mas construídas e conhecidas, pelo menos implicitamente, por seu produtor e seu público consumidor.

A respeito do formato prototípico de editoriais, van Dijk (1983) salienta que os esquemas de organização lingüístico-discursiva alocados para produção do gênero, muito provavelmente não são arbitrários e estão em estreita relação com os aspectos semânticos e pragmáticos dos textos e da comunicação, ou seja, refletem determinadas funções cognitivas, pragmáticas ou sociais na comunicação discursiva.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) definem como textos argumentativos todos aqueles que buscam promover mudança de postura no interlocutor. Para tanto, o enunciador desse tipo de texto trabalha com um aparato argumentativo que se constrói a partir do uso de recursos expressivos de linguagem próprios da argumentação.

Nesse sentido, embora o editorial assuma características de um gênero reconhecido entre outros, marcado pelo uso de um discurso notadamente retórico, pode apresentar, no plano da argumentação, determinados índices de avaliação que o coloca, em relação a outros gêneros midiáticos igualmente consolidados, em condição peculiar, uma vez que seu arcabouço formal não fica incólume às influências deste ou daquele estilo – mais ou menos personalizado –, como também ajusta sua expressividade ao teor do conteúdo abordado.

Pelo fato de o editorial ter a difícil tarefa, segundo Melo (*op.cit.*) de tomar uma posição diante dos fatos do cotidiano, num espaço cheio de contradições, e ainda conciliar os interesses de diferentes interlocutores, essa tomada de posição expõe o caráter polêmico do discurso e do próprio alinhamento que o gênero procura fazer, ao considerar a natureza (polêmica) da questão apresentada. Categorizado junto àqueles que constituem, segundo enfoque¹⁴ dado por Dolz & Schneuwly (2004), ao proporem

¹⁴ De acordo com a proposta dos autores, o enfoque dado ao agrupamento procura definir, para cada um deles, algumas capacidades globais de linguagem dominante, os domínios sociais da comunicação e os aspectos tipológicos

classificação dos gêneros a partir de agrupamentos, o *Editorial* pode, dentro do grupo da ordem do argumentar, ser analisado como a representação ideológica das instituições jornalísticas.

Entretanto, esse gênero tem outras características, como a estrutura metalingüística das informações socialmente determinadas, ou seja, as formas argumentativas tomadas para elaboração dos produtos opinativos que são construídos, cotidianamente, à luz dos diversos fatos sociais que norteiam as páginas dos jornais. Nesse quesito, vale lembrar o que diz Melo (2003:103), ao referir-se ao gênero: “o editorial é o gênero que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento”.

Levando-se em conta o relevo que ganhou o gênero em trabalhos acadêmicos sobre a linguagem do Jornalismo, o editorial passa a ser objeto de pesquisa a partir de sua consolidação no espaço impresso, pois sua presença no rádio e na televisão, até então, pode ser considerada fortuita.

Atualmente, esse gênero do discurso, como é reconhecido na maioria das vezes pela imprensa brasileira, seja produzido para mídia impressa ou eletrônica, tem inspiração no modelo norte-americano, que passou a tratá-lo, depois da Segunda Guerra Mundial, como uma espécie “de um ensaio curto embebido do senso de oportunidade” (Melo, 2003:107). Dessa forma, o editorial é tomado por sua função de esclarecimento e explicação dos acontecimentos que estão transcorrendo no âmbito jornalístico, no sentido de ajudar o leitor a compreender a complexidade das notícias.

No radiojornalismo, sua inserção amplia essa condição de “porta-voz”, pois além de o rádio ser o veículo de comunicação de massa mais popular e acessível ao grande público, nele, os atores sociais criam identificação com determinadas linhas de

de textos. São cinco os grupos ou “famílias” de gêneros propostos: os da ordem do **narrar**, da ordem do **relatar**, da ordem do **argumentar**, da ordem do **expor** e, finalmente, os da ordem de **descrever** ações, ou instruções.

programação. Isto, possivelmente ocorre pelo fato de o rádio ser portador de um discurso que está próximo do nível de inteligência do radiouvinte assíduo. Essa relação de cumplicidade decorre, em grande parte, do fato de que a linguagem radiofônica procura enfatizar, nas diferentes situações de sua produção discursiva, a produção de sentido por meio da oralidade e esta, por sua condição inerente ao processo de comunicação social, exerce maior impacto interativo entre os interlocutores envolvidos.

Diferente do telejornalismo, em que o jornalista trabalha na exploração de imagens combinadas com texto, com posicionamentos formais e pouca abertura para intervenção do telespectador, ou mesmo do jornalismo impresso, cujo caráter é o aprofundamento nos fatos, o radiojornalismo trabalha com a idéia de que, ao expor ou discutir determinados fatos relevantes ao interesse do público, o que pesa é a reação rápida, em “tempo real”.

Para que esse fenômeno lingüístico-discursivo se dê, o discurso do radiojornalismo reveste-se de uma flexibilidade que não é observada com a mesma intensidade em outros meios.

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação faz o radiojornalismo depurar diferentes técnicas de produção, gravação, edição, montagem e reprodução de diferentes produtos e formatos radiofônicos. Se existe a conservação de determinados gêneros do discurso do radiojornalismo, como a reportagem, a entrevista, o comentário, o debate, é inegável a inovação de outros, como é o caso da crônica, do bate-papo, da entrevista com convidado(s), entre outros.

Assim, ao observarmos um cenário mais contemporâneo para situar o nosso objeto de estudo, verificamos que a sobriedade e a rigidez, traços característicos do gênero editorial, recebem tratamento diferenciado, especialmente junto a alguns meios mais instantâneos de comunicação, como é, especialmente, o caso do rádio.

Essas questões são fundamentais para o trabalho de identificação e análise de um gênero, como o *editorial* que, apesar de seu reconhecimento sócio-discursivo em outra esfera, inscreve-se no radiojornalismo esportivo, atribuindo-lhe sentido e finalidade num contexto moderno, rico em situações de produção e circulação de outros gêneros discursivos.

1.2.3 Discurso do radiojornalismo: possibilidades e limitações

Os gêneros jornalísticos, em relação aos demais gêneros que circulam socialmente, podem guardar certa especificidade composicional, condicionada inclusive pelo *medium*. Em razão dessa possibilidade, é provável que o suporte – em nosso caso, o rádio – contribua para revelar potencialidades distintas em situações diferentes de enunciação.

Marcuschi (2003 : 11) diz que é preciso definir categorias e considerar aspectos limítrofes na relação gênero-suporte. Analisando especificamente o rádio como portador de textos, o autor explica:

Lembro o rádio como suporte pela sua relevância e por ter sido desenhado para este fim. O rádio também pode ser considerado um suporte na medida em que se toma como um lugar de fixação e não apenas como a rádio emissora ou tecnologia. Conta com uma multiplicidade de gêneros. Mas como ele conta com a transmissão sonora sem o recurso visual, certamente terá uma interferência diversa da televisão. As notícias na TV, no rádio e no jornal não têm o mesmo tipo de tratamento em relação ao discurso relatado ou reportado. Há pouco discurso direto (citações de fala) no rádio e na TV, ao passo que isso ocorre mais no jornal e na revista.

Na observação do desenvolvimento dos diferentes gêneros jornalísticos, em especial aquele praticado na esfera da radiodifusão, fica evidente o papel dos locutores, tanto na figura singular do radiojornalista, redator ou editor/locutor; quanto na coletividade discursiva representada pela empresa que torna público os discursos

produzidos no seu interior ou sob sua égide. Segundo Melo (1985), há duas categorias de jornalismo: um tipo, cuja função precípua é a informação, e o outro, cuja função precípua é a opinião.

Nesse segundo grupo, insere-se nosso objeto de estudo – o editorial –, embora haja opiniões contrárias, como a de Chaparro (1997), expressa na coluna “Cortes & Recortes”¹⁵ do jornal português *CrandAmadora*, em que, ao situá-lo na esfera da mídia impressa, questiona a validade do editorial uma vez que os pontos de vista de qualquer bom diário estão principalmente nas manchetes da primeira página.

Estudos mais recentes sobre os gêneros tomados pelo rádio revelam uma dificuldade persistente em estabelecer classificação para esses *exemplos de modelos de expressão da realidade da programação radiofônica* (Barbosa Filho, 2003: 70).

Tal fato pode ser constatado, em grande parte, pela variação terminológica utilizada para se referir à produção textual radiofonizada. *Gênero radiofônico, formato radiofônico, programa de rádio, programação radiofônica* e até *produtos radiofônicos* são denominações, muitas vezes aplicadas como sinônimos, que confundem procedimentos com características. Adotadas por diferentes autores, as expressões configuram um uso inadequado para elas, visto que poucos se preocupam com a relação entre objeto de discurso e seus significados particulares.

Alguns autores que se ocupam do tema, como é o caso de Marques de Mello (1994) e Machado (2001), propõem classificação para o gênero radiofônico a partir de uma realização mais geral da mensagem, que considera o tipo específico de expectativa dos ouvintes que ela visa a atender.

¹⁵ No artigo “Afinal, para que serve o editorial?”, publicado no referido jornal da cidade de Amadora, região de Lisboa, Portugal, em 1977.

1.3 Editorial radiofônico: um gênero deslocado de seu *habitat*¹⁶

Para os objetivos deste estudo, o conhecimento do editorial como gênero jornalístico justifica-se na medida em que pode ser entendido como parte integrante da categoria do jornalismo opinativo, uma vez que um dos objetivos desse gênero discursivo é a persuasão.

Acrescenta-se, ainda, que aqui importa examinar, em especial, o meio em que esse gênero se materializa e é veiculado – o rádio –, bem como as habilidades necessárias para uma melhor compreensão da estrutura e funcionamento de um editorial deslocado de uma mídia (impressa) para outra (radiofonizada).

Maingueneau (2005) amplia a discussão sobre o tema, ao trazer suas concepções para aquilo que denomina *midium* e competência. Segundo esse autor, na análise dos diferentes discursos, é importante considerar também o meio em que eles são produzidos e onde serão publicados.

Portanto, o conhecimento do dispositivo midiático em questão possibilita, segundo Maingueneau (*op. cit.*) ao interlocutor delimitar suas expectativas, fazer algumas previsões sobre as configurações discursivas nele materializadas. Isto significa que o espaço discursivo guarda um condicionante da organização discursiva, uma vez que o que é dito na modalidade falada ou escrita está relacionado ao seu meio de concretização e divulgação.

Dessa forma, ao considerarmos a importância do *midium* para acolhimento de diferentes gêneros e, ao mesmo tempo, imbricá-lo com discursos específicos, como o que se inscreve no campo do radiojornalismo esportivo, estamos reconhecendo, também, o grau de influência que possuem as condições de produção, circulação e

¹⁶ Pode ser entendido, conforme Marcuschi (2003), como “um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação”, tendo como função básica fixar o texto e torná-lo acessível para fins comunicativos.

recepção de diferentes discursos que passam a ser veiculados por este ou aquele dispositivo midiático.

Ressaltamos que esse reconhecimento remete-nos a diferentes modos de organização discursiva, inclusive aqueles que permeiam ambientes de produção tecnologicamente mais complexos, cujas demandas lingüístico-discursivas exigem ajustes contínuos.

Para entender melhor o comportamento de um discurso específico, como o que se observa em nosso *corpus*, devemos examinar determinadas condições para que se dê essa acomodação e é desse processo que passamos a tratar.

1.3.1 Acolhimento do gênero editorial em programa de radiojornalismo esportivo

O editorial, como gênero jornalístico inserido no radiojornalismo esportivo, não se descola integralmente das características composicionais observadas em sua materialização no campo do jornalismo impresso, uma vez que, ao relacionar-se com suporte diferente daquele em que, tradicionalmente, é reconhecido, sofre determinadas coerções do *medium* e, conseqüentemente, procura ajustar-se às características e potencialidades do suporte. Nesse processo, também podem ser encontrados aspectos relacionados às intenções discursivas que permeiam as vozes do locutor e eventuais interlocutores, o que nos faz supor que haja certa cumplicidade nesse processo discursivo.

Desse modo, quando observamos um gênero, como o editorial, é acolhido em uma esfera midiática que possui a linguagem própria do radiojornalismo, e nela ele se constitui, adotando organização lingüístico-discursiva específica, entendemos que a opção do radiojornalista, ao buscar, entre gêneros cristalizados socialmente, um que

possa adaptar-se aos seus propósitos discursivos, é estratégica. E também faz parte dessa estratégia seu deslocamento para o contexto de um programa de radiojornalismo esportivo, cujo conteúdo não prescinde da polêmica como fator constitutivo dos discursos que se apresentam nesse campo.

A questão do acolhimento do gênero editorial no campo do radiojornalismo esportivo, além de mostrar, de certa forma, uma situação de produção discursiva inédita, também revela que o posicionamento estratégico do locutor/editor está ligado ao modo como se organizam seus elementos lingüístico-discursivos, uma vez que essa organização é pensada, possivelmente, a partir da possibilidade de recuperação, em termos de características, do gênero que circula em sociedade há muito mais tempo.

Ainda, esse processo coloca-se como uma possibilidade importante de análise, tendo em vista que essa inserção não ocorre sem que seja desencadeado um processo complexo de escolhas e usos de estratégias argumentativas, fato que resulta na instauração de um discurso que procura validar-se pelo caráter polêmico, seja na forma, seja no conteúdo.

1.3.2 Análise de um editorial radiofônico em contexto de jornalismo esportivo: *invasão de campo* ou *liberdade assistida*?

Em um programa de radiojornalismo voltado ao mundo dos esportes, o editorial não figura juntamente com outros gêneros discursivos ali observados. Então, qual é a razão de ter sido incorporado pelo radiojornalismo esportivo um gênero como esse, uma vez que a linha de programação adotada pela grande imprensa contempla outras manifestações discursivas mais próximas a esse campo, como é o caso da reportagem, do debate, da coluna, da entrevista, do comentário e da crônica? O que se pode

compreender ou depreender de sua inclusão em um programa destinado à informação e, conforme a ocasião e relevância do fato, ao comentário esportivo?

Sem abandonar por completo a tradição imposta pelos jornais, o *editorial de rádio* – em que pese a amostragem de sua escassa frequência¹⁷ nos programas esportivos coletados – encontra-se, na maioria das vezes, alocado no bloco de abertura dos programas. Esse posicionamento denota, para a linguagem radiofônica, importância que o programa, a emissora e a instituição a ele querem conferir.

Sua inserção, se descontextualizada, está sujeita a não cumprir a função a que se propõe, uma vez no processo de produção e veiculação do seu discurso, o editor presume que haja uma audiência dotada de determinados conhecimentos prévios, a fim de torná-la capaz apreender a mensagem e perceber a eficácia argumentativa do editorial. Para tanto, entendemos que o produtor de texto (no caso, o locutor), que opera em ambiente radiofonizado, necessita de algum domínio acerca da estrutura formal do gênero para poder dele extrair todos os efeitos desejados.

Dessa maneira, um dos requisitos fundamentais para que o editorial radiofônico cumpra seus propósitos, é o do estilo, que pode abranger uma construção que aguça o raciocínio do ouvinte, que explore a sensibilidade de quem está sintonizado, ou pode revestir-se de caráter polêmico em quem utilize argumentos e contra-argumentos para persuadir.

Refletindo sobre essa condição de variabilidade em relação ao estilo para se compor um discurso, reportamo-nos aos postulados de Bakhtin (2000 : 262) que, ao referir-se à gênese dos discursos, afirmava:

(...) A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o

¹⁷ Para observá-la, apresentaremos, no próximo Capítulo, o tópico que trata desses dados.

repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Diante das observações, entendemos que, em razão das possibilidades múltiplas que se apresentam socialmente para constituição dos gêneros e, principalmente, das características de produção do referido editorial, o traço característico mais forte que estabelece relação direta com a natureza do nosso *corpus* é, em relação ao estilo, aquele que revela o caráter polêmico desse tipo específico de discurso, resultante da interação verbal conflitiva entre um “cartola” e um radiojornalista.

Para observar melhor o comportamento desse último aspecto, considerando sua relevância à constituição de toda a peça discursiva do editorial, optamos pela realização de uma análise comparativa da funcionalidade do gênero *editorial* com a quantidade de efeitos de sentido que dele se obtém quando tomamos, como parâmetro, a eficácia discursiva do mesmo, em diferentes ambientes midiáticos (imprensa escrita e falada).

Ao examinarmos a natureza de nosso *corpus*, fica evidente a importância do estudo da linguagem falada, especialmente a da mídia radiofônica, pois ela representa, segundo Balsebre (2005 : 329) um conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes.

Nesse sentido, o quadro comparativo que apresentamos a seguir, aponta para alguns indicadores acerca dos efeitos de sentido que o discurso jornalístico de natureza opinativa produz quando se manifesta em diferentes modalidades da língua:

EFEITOS DE SENTIDO OBSERVÁVEIS EM DIFERENTES FORMULAÇÕES DISCURSIVAS			
Na mídia impressa:		Na mídia falada:	
- o posicionamento de uma matéria na diagramação interna e/ou externa de uma capa ou página na edição	<i>denota valor opinativo</i>	- o tom de voz -a entonação -as pausas - a tonicidade -a valorização das vogais abertas - as hesitações - os entrecruzamentos de vozes	<i>são recursos prosódicos que funcionam como “pistas” das intenções do discurso (geralmente são atravessadas de forte componente ideológico)</i>
- o tamanho da foto ou o conteúdo da matéria	<i>sugere opinião</i>	- a duração da locução, em relação à dinâmica da programação radiofônica	<i>é um sinal que marca posição opinativa</i>
- o tamanho e o formato do corpo do caractere usado na composição do título (caixa alta/baixa)	<i>realçam o ponto de vista</i>	- a escolha do horário - a posição que o editorial ocupa para ser inserido na grade do programa (abertura ou fechamento)	<i>denotam preocupação em destacar opinião</i>
- a chamada de primeira página	<i>pode simbolizar opinião do veículo, não somente por seu conteúdo, mas principalmente pela posição da chamada</i>	- a seleção de enunciados - a seleção de recursos prosódicos e manejo de recursos lingüístico-discursivos	<i>têm alta carga de valor opinativo, mesmo que de maneira implícita</i>

É possível destacar nessas relações comparativas, o manejo planejado e intencional de um conjunto desses elementos¹⁸ prosódicos, lingüísticos e/ou paralingüísticos devidamente articulados entre si, que confere, ao editorial, o caráter de estabilidade constitutivo desse gênero discursivo. Isto quer dizer que, ao se deparar com a expressão (escrita ou falada) *editorial*, em um determinado suporte (jornal ou rádio), o

¹⁸ Há outros elementos extralingüísticos e prosódicos, como *acento, entonação, duração, intensidade, pausas, ritmos portadores de significação* que podem ser considerados como realizações ou manifestações não-verbais contribuintes para formação de unidade temática da enunciação, uma vez que o sentido de um enunciado não é apenas definido por unidades verbais, mas também por elementos não-verbais presentes em toda e qualquer situação de fala (BAKHTIN, 1999).

locutor/editor faz previsões, lança mão de algumas estratégias objetivando a adesão imediata de seu auditório.

O editorial, em decorrência do reconhecimento do que já está instituído para esse gênero consolidado socialmente, cria uma expectativa no interlocutor, mesmo quando circula num suporte diverso daquele que usualmente lhe serve de meio. É o que parece ocorrer com o nosso objeto de estudo que, flagrado em um bloco do programa radiofônico “Esporte Total”, surpreende o auditório por sua configuração inusitada.

Em lugar do esperado comentário esportivo, o editor-chefe da programação esportiva decide expor, polemicamente, no espaço discursivo que lhe cabe e domina, questões igualmente polêmicas que envolvem o meio futebolístico da cidade.

Por esperar do radiouvinte/torcedor o reconhecimento do *status* do gênero editorial, talvez opte, estrategicamente, por organizar um discurso com esse formato, apostando na força dos efeitos que ele seria capaz de causar. Poder-se-ia também estabelecer, nessa instância de produção, a relação entre o ouvinte ideal, que é aquele com *responsividade ativa*¹⁹ (Bakhtin, 1999), com a malha de enunciados.

Isso significa dizer que, ao elaborar um editorial, a Rádio Cruzeiro do Sul FM, na qualidade de locutora, também estabelece um tipo de interlocutor ideal para dialogar, compartilhar seus discursos. Esses interlocutores interferem diretamente na organização desse discurso da produção radiofônica, embora essa ocorrência se processe indiretamente, no sentido de não ocorrer face a face.

Como se vê, a combinação de vários gêneros de discurso – entrecruzados ou não –, desencadeada pela situação de produção discursiva midiática, é responsável, até

¹⁹ Com o conceito o autor quer nos dizer que, numa interlocução, o ouvinte – ou do interlocutor – nunca está em estado de completa passividade diante da mensagem do falante – ou do locutor –, nunca está apenas registrando-a mentalmente enquanto é emitida, mas encontra-se sempre numa atitude de “compreensão responsiva ativa”, uma vez que “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz” (Bakhtin, 2000 : 290).

certo ponto, pela natureza metaforizante do exercício discursivo que vem *dos / nos* suportes de toda a mídia.

Este fator de assimilação, decorrente da dimensão discursiva de outras esferas, ajuda a entender o comportamento inusitado desse editorial, quando tomado pelos efeitos de uma edição radiofônica. Dessa forma, a análise das estratégias e suas funções, bem como as características e potencialidades do discurso radiofônico podem permitir a compreensão desse objeto discursivo, de tal modo que não precisemos nos ater somente às suas fronteiras, mas, sobretudo, à sua condição de permeabilidade em relação aos outros discursos.

No Capítulo seguinte, investigaremos um conjunto de argumentos e estratégias direcionadas à Argumentação que merecem ser observadas na análise do editorial do “Timão do Povo”, no sentido de melhor compreender como esses aspectos participam da elaboração do discurso específico do radiojornalismo esportivo e como contribuem para a construção de sentido.

Capítulo II

Estratégias argumentativas no radiojornalismo esportivo

O discurso no
radiojornalismo esportivo:
estudo do comportamento do
gênero editorial

2.1 O papel da Argumentação

Neste capítulo, focalizamos a Argumentação e a importância que ela tem diante de processos constitutivos do discurso, especialmente aquele inscrito no radiojornalismo esportivo, com força para instaurar polêmica. Nesse sentido, discutir a importância de determinadas ações alocadas em estratégias argumentativas tomadas para produção de discursos midiáticos, significa reconhecer o papel imprescindível da Argumentação na constituição de discursos específicos em gêneros de natureza opinativa.

Ao destacar a relevância desse processo, Marcuschi (2002 : 10), afirma que

“o ato lingüístico fundamental” é o ato de argumentar. Isto significa que comunicar não é agir na explicitude lingüística e sim montar o discurso envolvendo intenções em modos de dizer cuja ação discursiva se realiza nos diversos atos argumentativos construídos na tríade do falar, dizer e mostrar.

Desse modo, ao examinarmos aspectos lingüístico-discursivos que ajudam a produzir um tipo específico de discurso presente na esfera do radiojornalismo, devemos entender, a princípio, que os modos de sua organização discursiva e suas estratégias retórico-argumentativas estão relacionados ao que postula Koch (2006), quando analisa o relacionamento do homem, tanto com a natureza quanto com seus semelhantes. Diz a autora (op. cit., 2006 : 17) que todo processo de argumentação pode ser caracterizado por meio da língua a partir de situações de interação social.

Se assim o é, como diz a autora, a língua apresenta a argumentatividade como elemento constitutivo de sua natureza, pois o que quer que digamos – desde a comunicação proveniente das mais triviais situações de interação verbal, ou mesmo aquelas decorrentes de processos mais elaborados para produção de discursos de natureza científica, acadêmica, filosófica ou jornalística –, tudo tem sempre, como

efeito desejado, o agir sobre o outro. Mais do que isso, por meio de nossos discursos, construímos (ou destruimos) uma imagem perante o outro, uma imagem que adaptamos às expectativas que julgamos que o interlocutor tem sobre nós e cujos contornos definimos em função do nosso interesse em agradar ou desagradar esse interlocutor.

Vista sob esse ângulo, a Argumentação é entendida como um meio que tem, como fundamento principal, a ação de convencimento, no sentido de buscar adesão de alguém, para que tenha sua opinião ou seu comportamento alterado, uma vez que ao argumentarmos revelamos, implícita ou explicitamente, o objetivo de convencer alguém a pensar como nós.

Dessa forma, no momento da construção discursiva, os argumentos são essenciais, uma vez que esses se constituirão como provas que apresentaremos para promover a defesa de nossa tese, objetivando convencer o leitor ou ouvinte de que ela é correta e a mais adequada à situação apresentada.

No caso específico do *editorial do Timão do Povo*, esse processo se materializa como resultado de um fluxo discursivo que é montado a partir de uma situação de produção discursiva planejada e editada, para influir sobre o comportamento de seu(s) interlocutor (es) ou, senão, obter adesão total de seu(s) auditório(s).

Em relação ao nosso *corpus*, está incluído seu *auditório particular* – L4 (David Ferrari Jr., o “cartola” desaforado), bem como o *auditório universal* (a opinião pública e, principalmente, a legião de ouvintes-torcedores do Esporte Clube São Bento).

Ao discutirmos o papel da Argumentação, levamos em conta os estudos da Teoria da Argumentação, que tem suas bases vinculadas aos ideais da Retórica Clássica, reabilitada e ampliada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996)²⁰. Esses autores estudam

²⁰ Essa data refere-se à tradução da obra no Brasil por Maria Ermantina Galvão.

as técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão das mentes às teses que se apresentam ao seu assentimento (op. cit. : 5).

Segundo Mosca (2004 : 44)

A teoria da argumentação, em suas várias versões, constitui, portanto, um eixo importante da Retórica em sua **redefinição** moderna, em que entram também uma teoria da composição do discurso e uma teoria da elocução. O que há de comum entre essas diversas tendências está, sobretudo, em considerar o fato de que a enunciação supõe um locutor e um ouvinte e a intenção de **influenciar** o outro de alguma maneira. (Grifos da autora).

Um discurso para enunciar-se eficaz e eficientemente, cumprindo seu efeito persuasório deve, segundo a autora (op. cit. : 22), mobilizar

(...) todos os recursos retóricos para a produção de efeitos de sentido, isto é, com vistas a um determinado fim, havendo, pois um caráter manipulador em seu funcionamento com vistas.

(...) Nesse sentido, todo discurso é uma **construção retórica**, na medida em que procura conduzir o seu destinatário na direção de uma determinada perspectiva do assunto, projetando-lhe o seu próprio ponto de vista, para o qual pretende obter adesão. (id.).

O discurso persuasivo²¹, como característica de textos de natureza opinativa adota, como estratégia, a manipulação de recursos que apelam tanto à racionalidade como à afetividade, fatores que podem circunstanciar uma interação seja ela de fundo controverso, ou não.

Nessa perspectiva, reforça-se aqui o pressuposto defendido por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), quando dizem que todo discurso seja ele tomado pela língua oral ou escrito, é argumentativo e a argumentação, vista sob esse ângulo, é consequência de uma atitude individual, de um locutor, por exemplo, sobre outro.

Outra perspectiva importante para cotejarmos o papel que a Argumentação desempenha na constituição do editorial do Timão do Povo recai sobre o uso do

²¹ Explorado na constituição do gênero *editorial radiofônico* tomado para exame.

discurso alheio, como estratégia argumentativa utilizada para afirmá-lo ou, se o nível de conflito propiciar, infirmá-lo, de maneira a instaurar polêmica na interação. A escolha de enunciados que podem provocar a atenção do ouvinte, fazendo-o refletir sobre a conotação do que é dito no entrecruzamento de vozes, constitui estratégia argumentativa que visa respaldar o discurso *citante*.

Depreende-se, dessas observações, que a Argumentação pode ser tratada como uma teoria que provê o estudo da organização discursiva, a partir das características próprias do orador, assim como do auditório, procurando, paralelamente, estabelecer os laços que ligam um ao outro, ou seja, como o auditório influi sobre o orador e como este, por sua vez, se adapta ao auditório, sob efeito de um maior ou menor esforço de manipulação de recursos argumentativos.

Ao refletir sobre a questão terminológica que envolve as concepções de Retórica e Argumentação, Guimarães (2004 : 148), afirma que

temos, hoje, argumentação e retórica como termos quase sinônimos postulando-se a presença de ambas, em grau maior ou menor, em todo e qualquer tipo de discurso. Desse fato, pode-se concluir que a utilização da Língua não é sobreposta; antes, está inscrita na própria Língua, é prevista em sua organização interna.

Atualmente, quando colocamos em exame as estratégias de argumentação, constitutivas de discursos midiáticos, observamos uma influência direta dos meios de comunicação de massa sobre seus interlocutores, cuja linguagem apropriada para tal, pode interferir no seu comportamento social e ampliar seus conhecimentos.

Diante deste fato e do desenvolvimento da mídia, de modo geral, percebe-se a importância do trabalho de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) para o estudo da Argumentação, que muito pode contribuir para o entendimento da formulação específica de um discurso inscrito no radiojornalismo esportivo, uma vez que ela

desempenha um papel imprescindível na constituição de discursos nos quais se coloca em jogo a construção de sentidos em uma interação verbal caracterizada pelo confronto de idéias.

2.2 O trabalho de Perelman e Olbrechts-Tyteca

Chaïm Perelman e sua colaboradora Lucie Olbrechts-Tyteca iniciaram, na Bélgica, suas pesquisas procurando resgatar a idéia do raciocínio dialético de Aristóteles. O resultado desses estudos foi a publicação, em 1958, do *Tratado da Argumentação - A Nova Retórica*.

Apesar de ter importância reconhecida pela quantidade cada vez maior de estudos suscitando discussões teóricas em diferentes áreas do conhecimento, como a do Direito, da Sociologia e da Filosofia, sem contar os vínculos com a Lingüística – a partir Análise do Discurso –, a obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca era, até bem recentemente, quase desconhecida no Brasil. Somente a partir de 1996 foi editado em nosso país o *Tratado da argumentação*.

É com esses autores que a discussão sobre o papel da argumentação na constituição de discursos que objetivam modificar o comportamento de um interlocutor e/ou de um auditório, ganha impulso. Seus estudos permitiram renovação não apenas dos temas a ela relacionados, mas também proposta pela Retórica Clássica.

No bojo desse processo de revitalização, a Teoria da Argumentação trata da constituição do discurso e dos recursos decisivos para o convencimento alheio, com fins claros de se buscar, por conta dos argumentos apresentados, adesão daquele sobre o qual o discurso pretende agir.

A idéia central do trabalho desses autores (op. cit., 1996 [1958]) é a de analisar os aspectos particulares da argumentação, enfatizando as características próprias do orador, assim como do auditório, no sentido de estabelecer laços que unem um ao outro, isto é, como um tipo de auditório pode influir sobre o orador e como este, por sua vez, ajusta-se ao auditório.

Para que as estratégias de argumentação surtam efeito desejado, deve haver um planejamento, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a partir da noção de *auditório*, condição *sine qua non* em todo processo de comunicação. Tratado como *o conjunto daqueles que o orador que influenciar com sua argumentação* (op. cit., 1996 : 22), o auditório é, basicamente, um regulador eficaz dos pontos de contato decorrentes de uma interlocução, mais ou menos ampla, presencial ou à distância (no caso de dispositivos midiáticos).

Provavelmente, esta seja a causa da preocupação dos referidos autores em focalizar a figura do auditório em seus estudos relacionados ao processo retórico-argumentativo, uma vez que acredita que, para ocorrer, efetivamente, a argumentação, deva haver uma verdadeira *comunhão de espíritos* capaz de estabelecer adesão imediata do auditório às premissas apresentadas.

Entendendo que o objetivo da argumentação é mover a atenção de um auditório, impactando-o por meio de suas premissas, esse dispositivo pode ser classificado, segundo esses autores (op. cit. 1966), em três dimensões: o *universal*, o *particular* e aquele centrado na *própria pessoa*. A primeira das concepções sobre auditório existe somente no plano ideal, visto que abrange todos os homens e pressupõe a existência de uma tese aceita unanimemente por toda a humanidade; já o auditório de caráter particular, a locução, ao elaborar seus enunciados, focaliza um determinado grupo que

comungue de crenças e juízos de valor comuns para poder, a partir dessa seleção, agir argumentativamente sobre esse auditório.

No último caso, a dimensão está relacionada a uma interação não apenas em relação a outro ouvinte, mas também ao próprio orador, ou seja, ele consigo mesmo, processo que Perelman e Olbrechts-Tyteca (*id.*) chama de *deliberação íntima*. De acordo com esses autores (*ibidem*) esta condição de adesão para com um auditório tão peculiar, além designar esse tipo de auditório, é considerada uma estratégia argumentativa, uma vez que o orador, ao se autoquestionar, conduz seu auditório garantindo sua eficácia de sua argumentação. Esse recurso, portanto, pode ser observado porque, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1966 : 45):

o homem dotado de razão, que procura formar-se um convicção, tem de desprezar todos os procedimentos que visam conquistar os outros: ela não pode, crê-se, deixar de ser sincero consigo mesmo e é, mais do que ninguém, capaz de experimentar o valor de seus próprios argumentos.

Portanto, se a argumentação é um recurso que busca convencer alguém, para que este tenha a opinião ou o comportamento alterado, não se pode prescindir de sua relação com o auditório, posto que sempre que argumentamos, temos o intuito de convencer alguém a pensar como nós, seja no plano mais íntimo ou numa dimensão mais universal.

Dessa forma, é razoável pensar que a eficácia de um argumento é sempre relativa ao auditório, seja ele particular ou mesmo universal, presencial ou presumido.

Neste ponto, ao observar a organização lingüístico-discursiva do Editorial do Timão do Povo, valorizando o tipo de auditório que problematiza os argumentos,

podemos dizer que é significativa a coerência entre as intenções²² discursivas do editor/locutor inscrito em nosso *corpus* com o que aponta Perelman (1996), ao atribuir ao auditório *status* de mediador de operações bem ou mal sucedidas, a julgar pela qualidade do processo argumentativo do qual ele é peça fundamental.

Essa demonstração de peso refere-se, segundo Perelman (*op. cit.*), ao fato de que o auditório, ao aceitar tudo o que diz um orador, ou não, evidencia um aspecto relevante da argumentação: o processo argumentativo caracteriza-se como uma atividade intersubjetiva, cuja finalidade não é apenas comunicar, mas, e sobretudo, agir sobre o outro; não consiste, portanto, simplesmente em convencer o interlocutor, mas persuadi-lo por completo, e, para isso, a astúcia argumentativa tudo pode.

Se pensarmos especificamente em componentes relacionados ao campo da emoção, da afetividade, como instrumentos necessários ao estabelecimento de adesão do auditório às teses apresentadas por um locutor, estaremos estreitando o diálogo com a teoria perelmaniana que os considera ferramentas fundamentais no processo já qualificado por esses autores (*op. cit.*, 1996), neste mesmo capítulo, como *comunhão de espíritos*, visando a conquistar a adesão do auditório. A preocupação de Perelman e Olbrechts-Tyteca pode ser observada quando dizem que

persuadir é mais do que convencer: a persuasão acrescentaria à convicção a força necessária que é a única que conduzirá à ação. (...) convencer é apenas uma primeira fase – o essencial é persuadir, ou seja, abalar a alma para que o ouvinte aja em conformidade com a convicção que lhe foi comunicada. (*op. cit.*:59)

Contudo, ressaltamos que, embora seja reconhecida a importância de se agregar elementos de fundo emocional na composição das estratégias de argumentação, como procedimento importante para se promover, por meio deles, compartilhamento de

²² Podemos dizer das intenções do locutor, pois o entrevistamos.

interesses na relação orador-auditório, para estreitar os vínculos dessa interação, somente a emoção não é suficiente para criar efeito persuasivo em sua plenitude.

Antes, para que se tenha credibilidade em sua argumentação, é necessário buscar um equilíbrio entre os dois planos – o da emoção com o da razão –, no sentido de agregar ao tom emocional do discurso, elementos que estabeleçam ponderação e racionalidade, quesitos observados nos argumentos de autoridade. No entanto, se esse apelo à emoção ocorrer sem a parcimônia prevista, todo processo persuasivo pode estar comprometido, visto que, desse equilíbrio, depende a respectiva *adesão* do auditório.

A argumentação, como o seu próprio nome sugere, corresponde a um encadear de argumentos, intimamente solidários entre si, com o fim de mostrar plausibilidade das conclusões a que chega um interlocutor, no nosso caso, radiouvinte, torcedor ou não do Esporte Clube São Bento, ao entrar em contato com o já referido editorial radiofônico.

Por conseguinte, se o assunto em questão for polêmico – como o é –, haverá margem que entrem em jogo, com maior veemência, os procedimentos argumentativos. Neste sentido, quando o locutor/editor (L1) apresenta, em nosso caso, aspectos favoráveis e desfavoráveis em seus posicionamentos conclusivos sobre a questão polêmica que envolve o comportamento de L4, o que ocorre é a tomada de argumentos que buscam estabelecer a ligação entre as tese de adesão inicial – questionar o cerceamento da informação – e a tese principal – a desqualificação do presidente da agremiação esportiva.

O editor/locutor pode, em razão de suas intenções discursivas e motivações ideológicas, dispor estrategicamente de modos de organização discursiva, selecionando e utilizando elementos lingüístico-discursivos com força de instaurar efeitos de sentido desejados. Cabe, ainda, em caso de discursos jornalísticos opinativos, possibilidade de

prever o debate, o confronto, a polêmica. Como, de fato, aconteceu com o “Editorial do Timão do Povo”.

Desse modo, o trabalho de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) configura importante contribuição para estudos teóricos sobre o desenvolvimento da Argumentação, uma vez que é possível, a partir do constructo teórico descrito por esses autores, compreender melhor a dimensão dialógica dos discursos, sejam eles inscritos na esfera do cotidiano, ou sejam aqueles relacionados mais especificamente com da esfera do radiojornalismo. No entanto, para que os aspectos teóricos do trabalho desenvolvido por esses autores possam se consubstanciar há que se discutir os modelos de estratégia argumentativa e o modo como elas organizam o discurso, tema sobre o qual discorreremos nos itens subseqüentes.

2.3 As estratégias argumentativas

Para apresentar uma proposta de classificação de argumentos e estratégias de argumentação, partimos do pressuposto que os argumentos podem estar presentes em diferentes gêneros, variando sua aplicação e eficácia de acordo com a escolha dos recursos lingüístico-discursivos tomados para construção do gênero.

No exame de um editorial específico, contextualizado na esfera do radiojornalismo esportivo, interessa-nos definir quais são e como são os argumentos ativados para tal produção. Esse quadro permite, por um lado, compreender o quanto isso tem de estratégico na constituição daquele gênero discursivo e, por outro, quais elementos lingüístico-discursivos contribuem para caracterizar os respectivos argumentos locados para a respectiva organização discursiva. Nessa direção, com olhar prospectivo, observamos que, do arsenal de argumentos que L1²³ tinha à disposição

²³ Jornalista Luis Augusto Lannaro de Andrade, locutor/editor (L1), responsável pela produção e edição Programa Esporte Total e do Editorial do Timão do Povo, já descrito anteriormente.

para materializar suas intenções discursivas, teve ele o cuidado de considerar a natureza polêmica do tema sobre o qual discorreria e, sabendo disso, quais os resultados (de adesão) que aquela formulação poderia alcançar.

Essa observação remete-nos a um dos pontos-chave dos postulados da Teoria da Argumentação, no qual Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) apontam para a condição de adesão do interlocutor, como fator decisivo para seus estudos. Neste sentido, esses autores (*op. cit.* : 212) apresentam, sob forma de “esquemas de argumentos”, um conjunto de estratégias que podem ser aplicadas a quase todos os tipos de auditório.

Para podermos falar do conjunto que envolve estratégias ou “técnicas argumentativas”, como classificam Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), cuja apresentação se dá sob forma de esquemas organizacionais de argumentos, ressaltamos que eles não se orientam por uma medida rígida, dado que o processo argumentativo caracteriza-se, segundo Aquino (1997) pela combinação (estratégica) e, em muitos casos (especialmente aqueles de natureza polêmica) pelo entrecruzamento de argumentos.

Desse modo, as técnicas argumentativas podem ser agrupadas, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (*op.cit.*), em dois blocos: o primeiro, que trata dos *argumentos quase-lógicos* e o segundo, que trata os *argumentos com base na estrutura do real*. O primeiro bloco relaciona-se àqueles que se apresentam, de alguma maneira, como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos. São subdivididos entre aqueles que apelam para estruturas lógicas – contradição, identidade total ou parcial, transitividade – e aqueles que apelam para relações matemáticas – relação da parte com o todo, do menor com o maior e relação de frequência, além da comparação.

Já o segundo, ao trazer argumentos baseados na estrutura do real, vale-se da relação mais ou menos estreita que existe entre eles e certas fórmulas lógicas ou

matemáticas, para estabelecer uma solidariedade entre juízos estabelecidos e outros que se procura promover.

Porém, apesar de assim serem classificados, tomando por base as estruturas do real e podendo ser localizados nas práticas rotineiras de discurso, não se trata de descrições objetivas do real, mas, segundo os mesmos autores (*op. cit.*, 298), “da maneira pela qual se apresentam as opiniões a ele concernentes, podendo estas, aliás, ser tratadas, quer como fatos, quer como verdades, quer como presunções.”

A exemplo do que ocorre com o primeiro bloco, este também se subdivide entre argumentos que se aplicam às ligações de sucesso, que unem um fenômeno a suas conseqüências ou a suas causas – dentre outros, o argumento *pragmático*²⁴ – e argumentos que se aplicam às ligações de coexistência, que unem uma pessoa a suas atitudes, um grupo aos indivíduos que dele fazem parte e, em geral, uma essência a suas manifestações, a exemplo do que o ocorre com o argumento de autoridade.

Ainda, considerando a estrutura deste tipo de argumentação, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1966), o real pode fundamentar-se por intermédio do raciocínio ou analogia, quando o locutor recorre, a exemplo do que sucedeu no editorial radiofônico, à argumentação pelo exemplo, ilustração ou modelo.

Observemos, então, alguns segmentos selecionados com os trechos exemplificativos, no sentido de, nele, apontar alguns indicadores preliminares do jogo retórico-argumentativo instalado em nosso *corpus*.

Na linha 1, deste segmento inicial submetido à análise, observamos que a expressão *editorial*, e sua posição na formulação discursiva, tem um peso considerável para o processo argumentativo do discurso que, a partir dela, se enuncia.

²⁴ O argumento pragmático é aquele que permite considerar um ato ou um acontecimento de acordo com suas conseqüências favoráveis ou desfavoráveis. Em outras palavras, trata-se de estabelecer uma relação lógica entre causa e efeito, causa e conseqüências.

Ao utilizá-la estrategicamente na abertura, locutor/editor²⁵ – responsável pela produção e veiculação do editorial do programa de radiojornalismo esportivo, levado ao ar no dia 14 de março de 2006 pela da Rádio Cruzeiro FM, 92,3 MHz –, procura marcar seu discurso com o formalismo que se espera de um gênero como tal.

01 L1 – editorial... o torcedor do São Bento foi presenteado com uma vitória épica sobre o atual campeão mundial... ao final da partida o vitioso presidente... de imediato deu vazão ao seu carinho pelo torcedor do São Bento e fãs do esporte...

Em seus aspectos composicionais e temáticos originais, o formato do gênero *editorial* faz pressupor o uso de um discurso autoritário, produzido com uma linguagem exortativa que, segundo Bakhtin (1999) tenta reduzir tudo a uma *única voz*, silenciando a variedade e a riqueza que existem na comunicação humana.

Instaura-se, na abertura solenizada do discurso, uma espécie de contrato inicial de leitura entre locutor e auditório, segundo os princípios desenvolvidos por Bakhtin (1999), uma *atitude responsiva ativa* (no nosso caso) daquele radiouvinte que, acostumado às notícias do mundo dos esportes, agora é chamado para engajar-se à opinião que vem expressa nos enunciados estrategicamente encadeados ao longo do discurso editorialista.

O uso da figura da hipérbole (*vitória épica*) – relacionada à prática da *modalização*, prevista por Citelli (2005 : 81), como efeito persuasivo –, combinada com a outra, a ironia, (*vitioso presidente/ deu vazão ao seu carinho*), também na linha 01, podem ser vistos como recursos para enfatizar a conduta do presidente, comparando-a a um grande feito. Funcionam estrategicamente para buscar persuadir o interlocutor/ouvinte, seja o que constitui o auditório particular, seja o universal (o

²⁵ Jornalista Luís Augusto Lannaro de Andrade, 42, diretor da Equipe Timão do Povo, autor e locutor do editorial, é responsável pela supervisão e edição do Programa Esporte Total, doravante tratado como L1.

público-ouvinte que acompanha a programação da rádio), gerando, assim, mudança de opinião da população que conhece o time.

A seleção de argumentos é vital para o processo constitutivo do discurso inscrito no radiojornalismo esportivo de valor opinativo. Ao manipular elementos e recursos que dão sustentação a determinados expedientes argumentativos que buscam persuadir o auditório observamos, a partir da seleção lexical e do modo de organizar os enunciados, as estratégias de argumentação discutidas neste capítulo.

Outra possibilidade para se dar encaminhamento à questão de identificação e descrição das estratégias argumentativas pode ser verificada em Aquino (1997), que reúne um conjunto de estratégias que podem fortalecer o locutor em detrimento daquelas que podem funcionar em sentido contrário, a depender do contexto que se apresente. Nessa linha, dentre as estratégias apontadas pela autora (*op. cit.* : 205 -207) que podem funcionar como reforço positivo à imagem do locutor, destacamos as seguintes:

- Utilização de argumentos de autoridade.
- Estabelecimento de comparações e/ou analogias.
- Exploração das emoções (apelo à afetividade).
- Apelo à razão.
- Formulação de perguntas retóricas.
- Direito de refutar ou formular concessão.
- Uso da ironia, da repetição e da correção.
- Antecipação de objeções.
- Recuperação de conceitos ou fatos desconhecidos pelo interlocutor, com o

sentido de constrangê-lo pela dúvida.

- Observação do princípio da coexistência.
- Uso de argumentos baseados em dados observáveis e/ou documentos

fidedignos.

Por outro lado, há, ainda, elementos de argumentação que são, estrategicamente utilizados, no sentido de conferir desqualificação ao locutor. Dentre elas, Aquino (*op. cit.* 1997), considerara relevantes as seguintes ocorrências:

- O desprezo pelo debate.
- A invalidação do que fora enunciado.
- As atitudes para se evitar ou retardar o desenvolvimento do tópico.
- A inserção de observações generalizantes.
- O uso de retificações e de dados inverossímeis.
- A imposição de acordos.

Para compreender as atividades de formulação discursiva que envolvem as estratégias argumentativas observadas em nosso *corpus*, faz-se necessária uma abordagem, restrita à constituição do discurso argumentativo.

2.3.1 O discurso argumentativo

O processo de formulação do discurso argumentativo é caracterizado pela dinâmica dos elementos lingüístico-discursivos, de diferente natureza, que são alocados para sua constituição.

Diferentes tipos de argumentos são tomados para constituir discursos em diferentes situações. A escolha correta de um tipo implica possibilidade de consolidação dos efeitos de sentido previstos. São conhecidos a partir da modalidade de argumentação a que se propõem realizar. Dessa forma, os discursos argumentativos podem ser conhecidos a partir dos seguintes modos de argumentação:

- Argumentação *por citação*: aplica-se este recurso sempre quando se tem, como objetivo principal, a defesa de uma idéia. No entanto, para validar essa argumentação, precisamos recorrer ao testemunho de pessoas renomadas, consagradas

socialmente, que reflitam nossos pensamentos e nossas convicções acerca do tema que está em evidência.

- *Argumentação por Comprovação*: a sustentação da argumentação se dará a partir das informações apresentadas (dados, estatísticas, percentuais) que acompanham o fato apresentado. Esse recurso é explorado quando o objetivo é contestar um ponto de vista equivocado.

- *Argumento Dedutivo ou Silogístico*: é o tipo de argumento que, basicamente, não acrescenta nada de novo ao que já sabemos. Nele, a verdade das *premissas* garante a verdade da *conclusão*. Isso equivale dizer que se as premissas forem verdadeiras e seu encadeamento for adequado, a conclusão será necessariamente verdadeira. Exemplo: *Todo torcedor beneditino sofre. Cesar é torcedor. Logo, Cesar sofre.*

- *Argumento Indutivo*: embora as premissas possam ser verdadeiras, a conclusão, para este expediente, excede o conteúdo delas, seja pela generalização ou pela previsão, o que caracteriza apenas probabilidade conclusiva. Exemplo: *Todos os técnicos do São Bento, criticados pela imprensa até hoje, demonstraram incompetência técnica para dirigir o time. Logo, o novo técnico que for criticado pela imprensa será incompetente.* Neste caso, a lógica indutiva que se observa é a de que, partindo de uma determinada premissa feita sobre a seleção de técnicos contratados para atuar junto à agremiação esportiva sorocabana, com avaliação desfavorável pela mídia, generaliza-se esta avaliação para futuros técnicos, uma vez que o que interessa é a probabilidade da conclusão, sendo desnecessária a conclusão efetiva sobre o que se toma como premissa.

- *Argumento por Analogia*: aqui interessa usar da semelhança entre duas coisas, dois seres, para chegar à conclusão de que a propriedade de uma é a mesma que pode ser encontrada em outra. Neste tipo ignoram-se as diferenças específicas de cada

elemento comparado. Exemplo: *O São Bento é um time como o São Paulo. O São Paulo é um time vencedor. Logo, o São Bento é também um time vencedor.*

- *Argumento de presença*: observado amplamente em tratados jurídicos sob a expressão *Argumentum ad verecundiam*²⁶, e também conhecido como *de presença* ou *de comunhão*, pois, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), provoca o efeito de presença do objeto do discurso na consciência, garantindo a chamada *comunhão de espíritos* entre os interlocutores. Este tipo de argumento mostra o quanto um locutor – especialmente aquele que ajusta suas formulações discursivas a um gênero da ordem do opinar, como é o caso do editorial – pode, a partir da manipulação de discursos fidedignos e referendados, subjugar seu interlocutor.

Citelli (2005 : 81), ao observar o que contribui para a criação do efeito persuasivo do discurso, aponta os seguintes fatores:

1. *O caráter unidirecional da linguagem* (locutor afirma suas idiossincrasias, (pré)-conceitos e valores em um única direção, como se estivesse interpretando as demandas dos interlocutores.
2. *Modalização*: são textos construídos através de traços estilísticos muito próprios: existe o domínio da hipérbole e a profusão de qualificativos. Em especial, no rádio e na televisão, os adjetivos se alinham numa sucessão espantosa. (...)
3. *Transparência*. A informação é facilmente descodificável, ainda que se possa jogar com algumas ambigüidades do signo, visando a extrair conotações maliciosas. (...)
4. *Distância*. A voz do locutor tende a ser mais forte do que o próprio enunciado. (...)
5. *Jogo com o elemento emocional*. O interlocutor é como que “dominado” pelo impacto das “denúncias”, “acusações” movidas pelos noticiários.
6. *Trabalho com o inusitado*. Esse é um dos mais importantes aspectos a serem trabalhados por veículos sensacionalistas. O comum e corriqueiro não interessam, é preciso que haja algo diferente, **algum ângulo não explorado**, alguma situação que provoque impacto e estranhamento. (Grifos nossos)

O que aponta o referido autor (*op. cit.*), em especial em relação ao último fator pode ser tomado como indicador do processo que materializou o discurso do editorial

²⁶ Expressão latina, que significa *Apelo à Autoridade*, é uma espécie de técnica argumentativa baseada no apelo a alguma autoridade reconhecida para comprovar uma determinada premissa, objetivando fazer prevalecer o posicionamento de que o utiliza, mesmo que para tanto custe o silenciamento do interlocutor.

do “Timão do Povo” dentro dessa perspectiva, uma vez que nessa formulação específica, o ângulo inusitado e inexplorado (até onde conhecemos do gênero *editorial de rádio*), é observado a partir do encadeamento de argumentos e técnicas que produzem um jogo de comunicação, organizado por um locutor/editor diante de seu auditório.

Por conta de sua astúcia argumentativa, também amplifica a dimensão polêmica de seu discurso, posto que ao tratar o espaço do radiojornalismo esportivo como um espaço de contradições e conflitos, explora todos seus elementos lingüístico-discursivos para consecução deste seu objetivo que é o de instaurar polêmica pela força de seu discurso.

Podemos, a partir dessas considerações, refletir um pouco mais sobre o procedimento estratégico tomado por um radiojornalista que soube, ao submeter seu discurso a um gênero já cristalizado, revesti-lo, até certo ponto, de autoridade (genérica) que, teoricamente, não dispunha, posto que a inserção de um editorial de rádio, e ainda em programa de esportes, não se configura como regularidade discursiva.

Cabe, também, ressaltar neste estudo de identificação de diferentes tipos de argumentos, outra possibilidade de se construir argumentação no discurso a partir tipo de recurso conhecido como *falácia*, ou seja, parece-se com argumento válido e convincente, mas, numa análise pormenorizada, apresenta falhas lógicas.

Há, em relação a esse recurso argumentativo, certa distinção estabelecida entre o que é uma *falácia formal* e uma *falácia informal*. A primeira se valida à medida que depende exclusivamente da sua forma lógica de raciocínio; já a segunda, é constituída por raciocínios inválidos, de natureza dedutiva. Argumentos construídos sob essa ordem são considerados falaciosos, pois além de terem sua consistência questionada, também são criticados pelas intenções que subjazem ao seu propósito argumentativo.

No segmento a seguir, observamos a presença de argumentação falaciosa, na medida em que L1 tenta persuadir seu auditório em relação necessidade de defesa da massa de torcedores que sacrificam o próprio sustento em nome de uma paixão esportiva. As premissas à sua tese (l. 33-36), revelam-se como argumentos logicamente inconsistentes, inválidos, ou falhos na capacidade de provar eficazmente o que alega, uma vez que nem todos os torcedores que vão ao estádio, torcem para o Esporte Clube São Bento e, também, nem todos os torcedores comprometem seu próprio sustento com a compra de um ingresso para uma partida de futebol.

30 sociedade na qual viVEMos... isso ocorre tambÉM no esPORte... nossos
 profissioNAIS nunca serão oMISSos à opinião e informação aos torcedores...
torceDOres que tiram diNHEIro do PRÓprio sustento BÁsico para comPRAR o
seu inGRESso... para que possa saber TUdo o que acontece com o seu Time do
 35 coraÇÃo... torcedores que paGaram seu inGRESso e após serem agreDidos
por GESTos e paLAvras também perderam diREIto à informaÇÃo...

Argumentos dessa natureza, que se destinam à aumentar o grau de persuasão (presentes em boa parte da estrutura do discurso do Editorial do Timão do Povo), podem parecer convincentes para grande parte da opinião pública que ouve o programa Esporte Total apesar de conter falácias, mas não deixam de ser falsos por causa disso. Reconhecer as falácias é, por vezes, difícil uma vez que elas podem ter validade emocional, mas sem respaldo lógico.

Interessa-nos, a partir dessas observações, localizar e descrever o processo argumentativo no discurso radiofônico, no sentido de verificar o papel da Argumentação na construção de sentido em um campo específico do radiojornalismo. Nesse sentido, para mais especificamente o vínculo do processo de argumentação como a esfera do radiojornalismo, torna-se necessário um enfoque mais restrito ao que é pertinente às práticas lingüístico-discursivas que promovem argumentação no campo do jornalismo de rádio.

2.4 A Argumentação no radiojornalismo

Ao priorizar o estudo de um gênero de discurso (editorial) e sua relação com o campo do radiojornalismo esportivo, abrimos perspectiva para identificar, descrever e compreender o papel que representa a seleção e uso de determinados elementos lingüístico-discursivos, (verbais e não-verbais) na constituição de um discurso específico.

O rádio, pelas características de produção e circulação de seus produtos, está presente em quase todos os espaços, urbanos ou não, uma vez que possui vantagens de recepção que nem todos os outros meios possuem, como é o caso de sua sintonia móvel em ambientes dos mais variados (no carro, na rua, no lazer, no comércio, no presídio ou em algum portal digital na internet).

Sua linguagem, quando a serviço do radiojornalismo, principalmente, é carregada de elementos que buscam propiciar a ativação/construção/alteração de determinados *frames* no auditório²⁷, particular ou não, por meio de um diálogo unilateral (de certo modo) que pode ser mediado tanto pela razão como pela emoção daquele que está sintonizado nesse veículo.

Prado (1989 : 29), ao referir-se às peculiaridades da lógica de produção em radiojornalismo ressalta que, ao escrever um texto jornalístico para o rádio, é preciso sentar-se diante da máquina de escrever pensando que se vai elaborar um texto para ser ouvido, e não para ser lido. Ressalva também feita por Ortriwano (1985 : 83), ao afirmar que o produto radiofônico – mensagem – precisa respeitar todas as características do

²⁷ *Frames* são quadros, imagens que, no conjunto, formam blocos de conhecimentos pré-existentes, armazenados na memória e que representam situações estereotipadas. Caracterizam-se por não apresentar seqüências ordenadas entre os itens relacionados. Embora sejam importantes para o estudo das interações mediadas pela mídia, não se optou por esse recorte nesta pesquisa.

meio e as condições de recepção, devendo estar entre as preocupações básicas do emissor o fato de a mensagem radiofônica estar destinada a ser apenas ouvida.

Segundo Barbeiro e Lima (2001 : 33),

o desenvolvimento das comunicações e seus reflexos sociais estão imersos nas profundas transformações que vive a sociedade do início do século XXI. Há interação entre os fenômenos, ou seja, ao mesmo tempo em que as mudanças infra-estruturais possibilitam um avanço rápido da tecnologia, são modificadas por ela.

Esse progresso experimentado pelas estruturas e técnicas de comunicação coloca, aos analistas do discurso, um desafio, na medida em que, segundo Prado (1989 : 3) o avanço tecnológico impõe uma séria revisão e reestruturação dos pressupostos teóricos de tudo que se entende por comunicação.

Dos meios de comunicação de massa, o rádio é, segundo Ortriwano (1985 : 78), o mais privilegiado, por suas características intrínsecas. Entre elas, a autora destaca a linguagem oral, a penetração, a mobilidade (do emissor e do receptor), o baixo custo, o imediatismo, a autonomia e a sensorialidade. Esta, parece ser uma característica fundamental pois, diferente da televisão, embora nela a decodificação de mensagens se dê ao nível sensorial, no rádio a imaginação não é limitada pela presença da imagem. Ao contrário, o rádio, de acordo com Ortriwano (1985 : 80)

envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um “diálogo mental” com o emissor. Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um.

Dessa forma, ao analisar o processo argumentativo no campo do jornalismo circunstanciado em programa radiofônico que trata de esporte, mais especificamente de fatos ligados ao futebol, observamos que o espaço de produção, para discursos específicos desse campo, é propício para o embate de perspectivas diferentes e concorre,

no plano da argumentação, para a instauração da polêmica, uma vez que há, nesse espaço discursivo – o editorial – possibilidade de discussão pública de opiniões divergentes, o que favorece o conflito inerente à esfera em que ele se insere, o radiojornalismo esportivo, por nela se encontrar debates e contradições.

Considerar o discurso radiofônico como força argumentativa e reconhecer nele, especificidades lingüístico-discursivas capazes de instaurar polêmica significa dizer que o discurso, usado para esse fim, tem caráter persuasivo.

Para sua constituição, mobilizam-se todos os recursos teóricos possíveis visando a produção de efeitos de sentido, cuja finalidade única é o de poder manipular, num contexto de confronto, opiniões e avaliações que estejam fazendo parte do jogo da comunicação que se instalara a partir da veiculação do editorial.

Nesse sentido, ao observar o trabalho de textualização que envolve aspectos formais e contedúísticos do “Editorial do Timão do Povo” podemos dizer, segundo Mosca (2004 : 23), que “todo discurso é uma construção retórica, na medida em que procura conduzir o seu destinatário na direção de luma determinada perspectiva do assunto, projetando-lhe o seu próprio ponto de vista, para o qual pretende obter adesão.”

Entende-se, dessa maneira, que todo processo argumentativo implica uma definição prévia de fatores relacionados, que vão desde a própria seleção de um acontecimento e os juízos de valor que dele decorre, aos modos de descrever e enunciar-lo dentro de um contexto marcado ideologicamente por uma situação de conflito entre os interlocutores.

A partir dessas observações, verificamos que o engendramento de determinados mecanismos lingüístico-discursivos, alocados para formulação do discurso de radiojornalismo esportivo, como em nosso caso, forma um plano da argumentação coerente com a proposta do editorial do Timão do Povo.

Destacados de modo a exemplificar essa forma de organizar elementos e estratégias argumentativas, apresentamos, na seqüência, a análise de seis segmentos. O primeiro, traz a inserção de vozes de outrem no discurso citante, fato que, para tradição composicional do gênero, estabelece parâmetros específicos.

- 05 L2 – ((repórter de campo, tentando entrevistar jogadores após a partida, é surpreendido com as declarações do presidente do clube)) (...) rapidinho... o presidente aqui... Desabafou Davi?...

Aproveitando-se do recurso da edição que o suporte permite, a primeira fala inserida à linha 07, que é a de L2²⁸ acerca do discurso citado do interlocutor de L4 (o presidente do Clube), percebe-se, na fala do repórter de campo, uma intenção eufemizante (*desabafou Davi?*), ante a reação discursiva de L4²⁹.

No segmento posterior, observa-se, por conta dos efeitos de edição e coerção do *midium*, o uso estratégico de um recurso imprescindível à constituição do caráter polêmico que se enuncia no discurso do editorial: o *discurso citado*³⁰ (observado, inicialmente, às linhas 09, 11 e 13), combinado com outro expediente retórico – a *supressão* – que o dispositivo favorece.

- L3 – ((comentarista esportivo, da cabine de transmissão, observa reação do presidente do clube)) (...) nã...nã...nã...
 10 L4 – ((fala do presidente interrompe reportagem com jogador)) (...) vai você também Luís Augusto... Érico... Cruzeiro do Sul... vai si fu dê...

²⁸ Um dos sujeitos, L2 (Paulo Roberto Jr., repórter de campo e comentarista da Equipe do “Timão do Povo”), envolvido com a reportagem da qual o locutor/editor tomou excertos do discurso para oferecer como contextualização de seus turnos subsequentes.

²⁹ David Ferrari Jr., presidente do E.C. São Bento, gestão 2004-2206 – doravante denominado L4 – é tratado como interlocutor-alvo, por manter interação conflitiva com L1, fora de campo, mas dentro do editorial, por conta das inserções produzidas, estrategicamente, a partir de técnica argumentativa e recurso de edição própria do *midium*.

³⁰ Considerado uma das formas mais evidentes de manifestação da *polifonia* (outro importante conceito bakhtiniano discutido neste trabalho), o discurso citado é definido por Bakhtin (1999 : 144) como o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação.

O uso de elemento prosódico presente à linha 09 (*na... nã... nã...*) e os não-ditos, ou implícitos, (dados pelo recurso da *supressão*), valem como regras constitutivas da Argumentação, pois ela se funda também no que não se diz. Um dessas regras é o calão (*vai si fudê*) que, na edição para o rádio, ganha o *efeito piii* (efeito de apito, obtido por uma distorção provocada na linha de retransmissão radiofônica), aplicado, estrategicamente, na linha 11 que, na edição falada do editorial substitui o texto.

Esse recurso, reconhecido pela audiência, tem forte apelo comunicativo uma vez que dele depreende a noção autocensura, autocorreção assumida pelo locutor/editor para contrapor-se à fala ofensiva do interlocutor. O recurso de supressão de expressões chulas também pode apontar para o uso de técnica argumentativa, indicada por Aquino (1997 : 205), que é o desprezo pelo debate, uma vez que o conteúdo da linguagem (*...vai si fudê...*), implica não conceder direito à réplica para o interlocutor defender-se das acusações, o que denota, também, fechamento para o processo de contra-argumentação.

No terceiro segmento, observamos a importância da seleção e uso dos elementos que concorrem para mostrar a plausibilidade do jogo argumentativo do editorial. A tendência para a polêmica fica visível a partir da seleção lexical dos enunciados que L1 toma para sobrepor-se ao discurso citado, em trecho do segmento precedente.

L3 – ah... BRINcadeira...

15 L1 – as razões de tamanha agressão são as críticas recebidas pela torcida... todas estas... democraticamente levadas ao ar por ESTa emissora... não faltando também em nossa programação os elogios que... por ora... pela péssima campanha da equipe estão esCAssos... para desesPEro deste dirigente...

Este segmento apresenta formulação lingüístico-discursiva, constante das linhas 13-16, onde L1, utilizando-se da técnica argumentativa do *apelo à razão* (Aquino, 1997 : 205), sente necessidade de apontar o tópico central sobre o qual será tecido o *discurso polêmico* que se segue: agressão verbal do presidente pelas *críticas recebidas da*

torcida e “*democraticamente levadas ao ar por esta emissora*” (sic) e, ao mesmo tempo, insere um advérbio de modo (*democraticamente*), possivelmente visando à preservação da face do enunciador e do direito de opinar livremente.

Outro procedimento que mostra o modo estratégico de organizar de L1, é o assalto ao turno que é observado alternadamente entre os interlocutores inscritos no discurso citante, como é o caso do fragmento seguinte, onde L4 insere seu turno, (l. 19) bruscamente, sobre o turno de L4, durante comentário sobre o time adversário que ainda está em campo, após ser derrotado pelo “time da casa”.

L5 – (...) o São Paulo...

L3 – [aí LuÍS... CHUpa Luís... ()

Podemos notar, neste quarto segmento, que a ocorrência do recurso mencionado dá-se, na edição radiofônica, a partir de pausas entre um turno assaltado e outro, procedimento este que é colocado para sugerir ao radiouvinte que a seqüência discursiva é quebrada pelas faladas de L3, e deve ser restabelecida. Por essa razão, o assalto ao turno, como recurso de argumentação no editorial do Timão do Povo, justifica-se e pode ser visto como forma de validação da ação discursiva dos turnos (preponderantes) de L1 na constituição do editorial.

A utilização do discurso citado no discurso do radiojornalismo esportivo constitui-se, certamente, em uma técnica argumentativa imprescindível na produção dos efeitos de sentido observados no Editorial do Timão do Povo. E é desse estratagema, quando o locutor/editor, no “uso de suas atribuições”, resolve inserir vozes de outrem no corpo de seus enunciados, que surge um questionamento importante, à medida que ele aponta para a plausibilidade do tom, da forma e do conteúdo do editorial: quem se responsabiliza pelo que está sendo dito e por qual razão foram escolhidas essas vozes?

Por saber dessas imputabilidades, o locutor/editor abusa no uso arbitrário do discurso citado como medida retórico-argumentativa para acentuar o tom polêmico do editorial.

Depreende-se, do uso dessa estratégia, o conceito de *polifonia*³¹, uma vez que podemos observar, quando cotejamos a seqüência de turnos discursivos que compõem o editorial estudado, um entrecruzamento de várias vozes que foram “plantadas” estrategicamente no discurso de um locutor. Nesse sentido, quando o locutor “*cita no discurso direto a fala de alguém, não se coloca como responsável por essa fala, nem como sendo o ponto de referência de sua ancoragem na situação de enunciação*” (Maingueneau, 2005 : 138).

Devemos salientar que, por sua função de reportar-se a determinados acontecimentos de interesse social, o editorial reflete e refrata esse caráter naturalmente polifônico do discurso. Ao locutor/editor, no exercício de sua profissão, cabe ouvir vários sujeitos sociais envolvidos na interlocução para, depois, dar-lhes voz em seus enunciados, fato que pode ser observado no editorial sob exame.

De forma recorrente, a presença do discurso citado apresenta-se de maneira a enfatizar o processo de desqualificação que é imposto pelo locutor/editor a seu interlocutor. E quando o que está em jogo é o papel que representa as diferentes vozes inscritas em um dado enunciado, Fiorin (2001 : 71-72) esclarece, com precisão, dizendo que

As diferentes instâncias enunciativas e as diferentes vozes presentes no enunciado constituem um modo fundamental de funcionamento do discurso, a heterogeneidade. Com ela, o discurso torna-se um espaço conflitual e heterogêneo ou contratual e homogêneo onde vozes discordantes e concordantes tomam lugar em níveis diferentes. Essas vozes concordam, discordam, constituem-se.

³¹ Também entendido como *dialogismo*, essa condição representa o conceito fundador da obra de Bakhtin (1929) que reconhece nele o princípio constitutivo da linguagem, o que quer dizer que toda a vida da linguagem, em qualquer campo, está impregnada de relações dialógicas e dessas relações pode-se esperar posicionamentos de cooperação ou oposição, representados individual ou coletivamente, como é o caso da opinião expressa em editoriais

A partir dessas observações, constatamos que as técnicas argumentativas que fazem uso de elementos lingüístico-discursivos, aparentemente descompromissados de ideologias, podem mostrar o grau de responsabilidade que um radiojornalista deseja assumir, a exemplo do que transcorre no editorial sob estudo.

Essa decisão, como se vê, nada tem de espontaneísmo e/ou neutralidade. Ao contrário, revela o *como* e o *porquê* um sujeito social, com função na mídia, integra a fala de outro(s) à sua voz. Este procedimento revela sua postura em relação à situação de produção e ao conteúdo veiculado pela voz que representa.

Dessa forma, além dos assaltos ao turno, caracterizados pelo a organização estratégica de discursos citados inscritos de maneira a reforçar o aspecto valorativo indesejado da expressão, há um procedimento que procura recobrir de significado o *efeito piii* à linha 18 (em *...chupa Luis...*). Observa-se, no uso destes recursos, por vezes reiterados, o propósito de apresentar características discursivas distintas ao público-ouvinte.

Nas linhas 24-27, do quinto segmento, o locutor/editor faz referência a exemplos de atitude (negativa, ao impedir a imprensa de realizar seu trabalho). Podemos, ainda, citar a força da argumentação persuasiva que vem pelo efeito da *ilustração*, nas linhas 35-38, quando L1, de maneira eloqüente, vale-se de referências históricas que ilustram, com ironia, o comportamento de L4 que parece sentir saudade dos “anos de chumbo”, numa alusão clara ao estilo autoritário do período de regime militar pelo qual o país passou.

Ainda, às linhas 46-41, o locutor predominante (L1) usa, como recurso argumentativo, o *modelo atitudinal*. Para tanto, seu discurso apresenta marcas lingüísticas no vocabulário (*fica o alerta/ cadasTRANdo/ repriMINdo/ monitoRAR/ cadasTRAR*), nos indicadores temporais (*quando preocupam-se/ cadastrando/*

reprimindo/ a partir deste momento/ deveriam) que vão em direção a uma espécie de aconselhamento aos órgãos de segurança pública para adotarem um procedimento operacional no sentido de coibir novos acontecimentos, como o descrito no trecho.

- 20 L5 – e a gente conseguiu...
 [
- L3 – vagaBUNdo...
- 25 L1 – superada a violência... torcedores e jornalistas... veio a derradeira medida ... nossa emissora foi impedida de realizar seus trabalhos nos vestiários do São Bento... quando um profissional de imprensa é proibido de exercer sua função quem na verdade perde seu direito à informação é o ouvinte... é o dever de todo órgão de imprensa tornar de conhecimento público todo e qualquer fato relevante que acontece na
- 30 sociedade na qual vivemos... isso ocorre também no esporte... nossos profissionais nunca serão omissos à opinião e informação aos torcedores... torcedores que tiram dinheiro do próprio sustento básico para comprar o seu ingresso... para que possa saber tudo o que acontece com o seu time do coração... torcedores que pagaram seu ingresso e após serem agredidos por gestos e palavrões também
- 35 perderam direito à informação... o presidente do Esporte Clube São Bento talvez sinta saudade da ditadura... da época da repressão política e da proibição da livre manifestação de pensamento no Brasil... e atitudes como estas... não de seu proprietário... mas sim do mandatário do Esporte Clube São Bento infelizmente também
- 40 colocam no mesmo balcão da violência e falta de educação todos os seus pares de diretoria... patrocinadores... atletas e funcionários... Nós... do Timão Povo que clamamos aos torcedores paz nos estádios de futebol não podemos ser vítimas dessa violência no exercício
- 45 de nossa atividade... violência irresponsavelmente incentivada com uma atitude violenta e infeliz deste dirigente... aos órgãos de segurança pública fica o alerta... quando preocupam-se com as massas das torcidas organizadas... cadastrando e reprimindo corretamente
- 50 torcedores arrua-ceiros deveriam também... a partir deste momento, monitorar e cadastrar dirigentes desorganizados e também arrua-ceiros... nosso trabalho ao longo de quase meia década
- 55 continuará evoluindo... sempre realizando a maior cobertura do jornalismo esportivo em nossa região... a morça dos anos de chumbo ficou para trás... a informação e a opinião ao fã do esporte nunca faltará... nem mesmo sob violência... torcedor... o seu espaço estará sempre garantido em nossa programação... lamentamos o desrespeito e a violência à você torcedor... razão do nosso trabalho e único responsável pelo Esporte Clube São Bento... esta.. é a opinião do timão do Povo...

A extensão do turno de L1 (locutor/editor), neste quinto segmento, é representativa, pois, além de encaminhar à percepção de domínio do tempo e dos turnos, ajusta-se ao *caráter unidirecional da linguagem* (Citelli, 2005 : 81), já descrito por nós, à medida que L1 apresenta suas idiossincrasias e valores de forma monológica, como se pudesse interpretar todas as demandas de seus interlocutores.

Quando interagimos por meio da linguagem temos, segundo Kock (2004), sempre objetivos a serem atingidos, pois queremos atuar sobre o outro de determinada maneira. Desse modo, deter o turno, como o faz L1 no segmento precedente, implica em poder e esse poder, sobre os demais interlocutores inscritos no editorial radiofônico sob exame, manifesta-se pela gestão que o locutor/editor faz de seu turno, ao mostrar capacidade de controle sobre os demais turnos inseridos de L4.

No caso do discurso específico do editorial do “Timão do Povo”, há uma negociação estratégica, no interior do discurso editorialista, que aponta para o papel dos interlocutores, a posição que um tem sobre o outro e o estilo de troca de turnos, o que evidencia, neste caso, a posição determinante de quem, de fato, detém autoridade (L1) para formular o seu turno do modo como lhe convém.

Ainda em relação a esse quesito, podemos observar nos dois segmentos selecionados a seguir, (às linhas 24, 25 e 30, do primeiro segmento, e às l. 43 e 46-47 do segundo segmento), que o locutor/editor (L1) decide direcionar o mesmo discurso para auditórios distintos (torcedores, jornalistas, sociedade, Equipe Timão do Povo, órgão de segurança pública).

Primeiro segmento:

25 L1 – superada a violência... torcedores e jornalistas... veio a derradeira medida ... nossa emissora foi impedida de realizar seus trabalhos nos vestiários do São Bento... quando um profissional de imprensa é proibido de exercer sua função quem na verdade perde seu direito à informação é

30 o ouVINte... é o deVER de todo órgão de imPRENSa tornar de conhecimento PÚBLico todo e qualquer FAto relevante que acontece na sociedade na qual viVEMos... isso ocorre tambÉM no esPORte... nossos

Segundo segmento, ainda com L1 detendo o turno:

45 NÓS... do Timão POvo que clamamos aos torcedores PAZ nos estádios de futeBOL não poDEMOS ser VÍtimas DESSa vioLÊNcia no exercício de NOSsa atividade... vioLÊNcia irresponsavelmente incentiVAda com uma atitude vioLENTa e infeLIZ deste diriGENte... aos órgãos de segurança PÚBLica fica o alerta... quando preocupam-se com as MASSas

Tal direcionamento pode ser utilizado para garantir ganho de intimidade com os seus interlocutores, uma vez que procura falar, pelo tom dos enunciados, como se estivesse se dirigindo a cada um deles em particular.

Por outro lado, quando L1 busca ampliar o grau de adesão à sua tese central, movendo o auditório a consciência do seu auditório para a idéia de que atitudes arbitrarias de cerceamento à liberdade de expressão não cabem no contexto atual vale-se do uso da metáfora como expediente de orientação ao processo argumentativo sobre o comportamento a que se refere. Para tanto, o efeito que decorre dessa metaforização, eivada de ironia, denota certa prepotência do locutor/editor, pois, com ela, submete L4 a um constrangimento moral ao recuperar conceito histórico e social, presumidamente, desconhecidos pelo interlocutor. Nesse sentido, L1 faz alusão à linha 54, (... *a morDAça dos anos de CHUMbo ficou para trás...*), ao período histórico reconhecido pelas arbitrariedades políticas e supressão de direitos constitucionais relevantes à liberdade de expressão no país.

Ainda como estratégia de argumentação, para marcar ironicamente que dominação e poder são concretizados, segundo Van Dijk (2004), por grupos e estruturas sociais, que ao deter controle, impõem limitação de liberdade aos dominados, assim como do acesso à posição, ao status, ao privilégio, ao conhecimento e à educação, L1

toma a imagem de seu interlocutor (L4) para fazer ilação sobre seu viés ideológico, com o propósito claro de desqualificá-lo no meio social. Nesse sentido, expõe, às linhas 36-39, pelo argumento da ironia, sua postura progressista em relação ao comportamento condenável de seu interlocutor.

35 seu inGREsso e após serem agreDIdos por GESTos e paLAvras também perderam diREItO à informaÇÃO... o presiDENTE do Esporte Clube São BENTo talvez sinta sauDAde da ditaDUra... da época da repreSSÃO política e da proibição da LIVre manifestação de pensaMENto no Brasil... e atiTUDes como estas... não de seu proprieTÁRIO... mas sim do

Visto, portanto, dessa forma, o trânsito pelas diferentes esferas de interlocução, não descarta a preocupação de L1 de, sempre que pode, expor, ainda que de modo eufêmico, atributos ou atitudes e mesmo o próprio comportamento negativo do *outro*, o que lhe coloca em posição superior frente ao radiouvinte/torcedor do centenário Esporte Clube São Bento.

De modo geral, são freqüentes, na mídia, textos jornalísticos de natureza opinativa que procuram abordar temas dos mais variados, ora de interesse de um público específico (resenhas literárias, críticas de cinema, colunas esportivas, por exemplo), ora de interesse público (editorial, principalmente). Esses textos são, essencialmente expressos no modo de organização do discurso, apresentando uma seleção e uso de recursos de argumentação específicos no processo de formulação do discurso.

A configuração discursiva dos argumentos e das estratégias está relacionada à seleção lexical que o locutor/enunciador realiza para orientar o sentido que pretende dar ao discurso. Sabe o locutor/editor, no caso específico do discurso radiofônico sob exame, que a escolha acertada de repertório lingüístico, ajustado à sua formulação discursiva pode levar à adesão irrestrita do auditório.

Se recuperarmos a perspectiva de auditório, tratada no item 2.2 deste Capítulo, iremos verificar que, para cada auditório, é necessário um processo de argumentação diferenciado, pois as estratégias utilizadas nesse processo dependem, basicamente, da relação entre quem produz argumentos e seu público-ouvinte.

Assim, para entendermos as estratégias que se envolvem com esse processo, devemos levar em conta todos os aspectos que podem se relacionar com o auditório, desde suas características socioculturais, sua ideologia e suas posições, uma vez que para ele é dirigido o discurso do argumentador.

Essa adesão acontece a partir da identificação que o auditório estabelece com o locutor/orador e este, por sua vez, procura ajustar o nível de seu discurso, às características de identidade desse auditório. Essa coordenação básica entre os participantes exerce influência na seleção e uso de elementos lingüístico-discursivos tomados para constituição do discurso do radiojornalismo em questão.

Dessa forma, o modo como os argumentos são organizados, indica um relação estreita com as escolhas feitas e a maneira como elas são apresentadas. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) referem-se a essa organização relacionando-a à questão dos pontos de vistas arrolados para construção dos discursos, uma vez que, ao considerá-los, esses autores chamam a atenção para a qualidade de argumentos selecionados com o propósito de provocar determinados efeitos de sentido que podem suscitar a chamada comunhão de espíritos. Argumentam ainda, esses autores (*op. cit.*), que se a direção previamente estabelecida for a de instaurar polêmica junto aos interlocutores envolvidos com a interação e com o auditório, a estruturação do discurso, especialmente o de natureza polêmica, é construída exatamente a partir dessa polaridade.

A busca da adesão do auditório é um traço constante no processo de argumentação, esteja ele marcado por um entrecruzamento de vozes, como é o caso do Editorial do Timão do Povo, ou não. Nesse sentido, observemos no segmento seguinte,

às linhas 60-66, mais uma estratégia argumentativa que aloca, para a formulação específica do discurso inscrito em nosso *corpus*, a técnica de inserção do discurso citado no discurso citante. O expediente tem, como propósito, não somente ampliar a adesão supostamente garantida, mas também servir como referência ao auditório, pois a partir da comparação dos turnos, é possível estabelecer diferenças lingüístico-discursivas e ideológicas.

- 60 L3 – então PEga (o cargo) de presidente... PEde pro Luis Augusto peGA:: minha mãe num pode vim... minha MãE vai em TUdo jogo coMIgo... minhas FILha... em TUdo... p / causa daquele vagaBUN::do num puDEro vim hoje... e ele fica no ar condicioNAdo porque é coVARde... venha aqui... venha aQUI.. abre LÁ os e-mail pro ChiQUIInho... pro CHIna... pros (*) pra faLA mal de mim
- 65 lá... manda um vagabundo proVA que eu tô roBANdo dinheiro... eu num VIvo do São Bento que nem vocês vive... eu num VIvo não...
- L1 – (...) aINda acrediTAmos no jornaLISmo sem cenSURas... ..

Ao mostrar o fragmento discursivo inserido (de L4) no seu (L1), Benites (2002 : 55) afirma que

o locutor pode assumir duas posições: a primeira, denominada *autonímia simples*, consiste em apenas exibir esse fragmento como um objeto estranho, pela utilização de termos metalingüísticos, de diacríticos ou de outros mecanismos que marquem a delimitação do texto e o caráter pluriarticulado do discurso. Por outro lado, nos chamados casos de *conotação autonímica*, o locutor, ao mesmo tempo em que menciona o fragmento, faz uso dele, integrando-o à cadeia discursiva, num continuum estrutural.

A partir dessa observação, entendemos que o que resulta da heterogeneidade exposta em formulação discursiva como essa, é a valorização do argumento do discurso citado, uma vez que o mecanismo produz, como efeito, um distanciamento estratégico entre o locutor citante e o (inter)locutor citado.

Há, também, outro ponto a ressaltar em relação a esse tipo de argumento observado no discurso específico do editorial do “Timão do Povo”. Quando, por

exemplo, L1, por conta dos efeitos de edição (e por que não dizer da coerção do dispositivo midiático também?) faz uso do discurso citado, a escolha sempre recai sobre construções prototípicas do desvio da norma, o que é indicativo de fragilidade de L4 como desvio dos padrões formais de utilização do sistema da Língua Portuguesa, distanciamento no emprego da norma culta.

Interessa, neste caso, a L1 recuperar, pela exposição de uma linguagem culta, cuidadosamente escoimada, o desnível lingüístico que caracteriza o discurso de L4, fato que, estrategicamente, pode submetê-lo a constrangimento perante a opinião pública.

Marcas dessa sintaxe, como em *minhas filha* (L4), por exemplo, à linha 62, vêm corroborar com todo projeto de texto ao qual se propõe L1: desqualificar a posição de L4 e ganhar adesão do auditório. Essa tarefa é observada desde a arquitetura inicial do editorial, desenhada pelas estratégias discursivas já no denominado *exórdio* – dividido em duas partes: a *proposição* do tema e a *enumeração* das partes que apontam o rumo que o orador pretende seguir – até o fechamento que, com valor de interjeição, promove uma retomada de elementos valorativos que podem sustentar a tese da argumentação proposta.

Ainda como estratégia argumentativa característica no seu modo de organizar o discurso editorial, L1, na condição de editor recorre, novamente, à regra de supressão.

Contudo, há um ponto relevante que nos inquieta, exatamente porque ele emerge da própria análise das condições argumentativas do discurso constante do corpo do editorial. Trata-se do fato de esse gênero ser passível de apresentar, em seu aspecto composicional, uma estrutura de sobreposição de vozes, dispondo de entrecruzamento de falas de locutor/interlocutor(es) e valer-se de efeitos de edição.

Podemos pensar, com esse processo em curso, no fenômeno lingüístico que estaria ocorrendo em relação ao tratamento que se dá aos gêneros. A perspectiva que se

nos apresenta é a de que é inevitável a volatilização não apenas das informações e dos saberes, mas, sobretudo, das formas com as quais o ser humano organiza as práticas sociais da linguagem.

A partir dessas observações, interessa-nos compreender como um discurso específico, acolhido em uma esfera jornalística, voltada ao esporte, encontra condições para constituir-se como gênero. Para encaminhamento dessa discussão, julgamos adequado investigar, um pouco mais o radiojornalismo esportivo, como passaremos a fazer em seguida.

2.5 O radiojornalismo esportivo

A partir de 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial, o rádio se transformou em um importante veículo para difundir fatos diários e notícias do *front*. Surgia o radiojornalismo, tendo como referência dessa época o famoso telejornal “Repórter Esso” levado ao ar todas as noites, pela extinta TV Tupi, ao longo de dezoito anos consecutivos. É bom lembrar que esse campeão de audiência já havia marcado época, em edição radiofônica, a partir de 1941 (cf. Memorial da TV Tupi, 2008)³².

Se considerarmos, portanto, a época do surgimento do radiojornalismo, vamos verificar que há muito a ser feito pela história do radiojornalismo esportivo em termos de pesquisas acadêmicas.

Dos anos 50 até o final da década de 70, época em que se consolidou, de fato, esse tipo de atividade setorial do rádiojornalismo, muitas mudanças, oscilações e crises foram enfrentadas, como parte de transformações no próprio contexto em que as

³² Dado disponível em documentação eletrônica acessada e recolhida no endereço, descrito a seguir, em 11 de jun. de 2008: <http://br.geocities.com/memorialdatv/tupiind.htm>.

práticas desportivas foram se desenvolvendo e em que novas tecnologias de transmissão de dados e informações foram sendo criadas.

Novos formatos (gêneros) jornalísticos, para audiências e públicos cada vez mais segmentados, fizeram com que todo o radiojornalismo, por conta de crises econômicas que afetaram o setor, principalmente na década de 90, repensasse sua estrutura e funcionamento, sob pena de sucumbir diante da concorrência de outros meios, especialmente o da televisão que intensificara investimentos e recursos visando a ampliação de cobertura de eventos esportivos.

A inserção de conteúdos relacionados ao esporte no rádio exerceu grande influência no desenvolvimento da mídia radiofônica. Como um dos primeiros gêneros a se firmar no meio, o radiojornalismo esportivo foi obrigado a improvisar equipamentos e a descobrir técnicas novas para colocar no ar suas transmissões em amplitude modulada (AM), por meio de recursos eletromagnéticos. A necessidade de acompanhar excursões de clubes e da seleção brasileira ao exterior fez com que os profissionais da área explorassem as potencialidades tecnológicas que surgiam, a partir de então, na radiodifusão mundial.

A descoberta de uma linguagem adequada para ao rádio, a implantação do departamento estruturado, o âncora e o sistema de gravação, são alguns dos exemplos das novidades lançadas pelo segmento e que mais tarde foram levadas para o radiojornalismo e para outros departamentos do meio.

Em grande parte, o rádio esportivo evoluiu mais rapidamente que os outros segmentos por causa do futebol, modalidade que sempre foi o carro-chefe da sua programação. O gênero acompanhou o progresso desse esporte no país e foi muito importante na transformação do futebol em um produto de massa. Há cem anos, quando essa modalidade foi introduzida no Brasil por Charles Miller, em 1894, a sua prática era

muito elitizada. Brasileiro, mas filho de ingleses, Miller tinha dez anos quando foi estudar na Inglaterra, país de origem do futebol. Aos vinte anos, ele retornou para cá com duas bolas na bagagem e praticamente forçou o São Paulo Athletic, clube de seus pais, a adotar a nova modalidade. Em pouco tempo, Miller, um jogador de talento, e outros jovens de clubes de elite estavam praticando o futebol.

O rádio, implantado no Brasil em 1922, também era dirigido para um público de alto poder aquisitivo. Sua programação sofisticada chegava somente aos sócios que pagavam as mensalidades para as emissoras. Essa situação mudou no começo dos anos 30, mais exatamente em 1932, quando o governo autorizou a publicidade no rádio e o meio teve que se reestruturar e criar programas especializados para atingir o grande público. O esporte, então, surgiu como um novo apelo para essa mídia e sobrevive até hoje, mesmo com a concorrência da TV, enquanto o som com as imagens acabou com o radioteatro, a radionovela, os grandes musicais, os programas humorísticos e os de auditório.

Responsável pela divulgação e popularidade do futebol, transformado hoje em paixão nacional, o radiojornalismo esportivo teve o apoio dos empresários de rádio que, diante da concorrência, viram-se obrigados a investir nesse tipo de programação.

O esporte tornou-se importante dentro da programação radiofônica e obrigatório nas principais emissoras brasileiras. Essas estações mantêm equipes especializadas com locutores, repórteres de campo, rádio-escutas, comentaristas e toda uma infra-estrutura necessária para cobrir não apenas o futebol, mas outras modalidades esportivas. Elas contam com noticiários permanentes e colocam no ar uma longa jornada em dias de jogos de futebol.

O jornalismo esportivo no Brasil, de acordo com Oliveira (2008),

é quase uma incógnita: será que ele existe de verdade? Muitos afirmam que não, deixou de existir há muito, com a morte dos maiores

cronistas esportivos (leia-se de futebol) do país. Aliás, a crônica esportiva no Brasil, desde o início do século 20, com a "febre da bola", sempre priorizou o futebol, em detrimento dos outros esportes. As primeiras publicações esportivas nacionais, como a *Sports illustrado*, já davam conta do novo esporte da aristocracia brasileira que, mais tarde, seria aclamado como o esporte do povo.

Com novas demandas tecnológicas, a mídia prioriza outros conteúdos a serem trabalhados. Questões relacionadas à política, economia, comportamento e espetacularização da notícia parecem representar as prioridades dos meios, sejam ele eletrônicos ou não.

Também podemos dizer que, se por um lado o pioneirismo da crônica esportiva mundial especializada pode ser creditada, segundo, Leandro (2008 : 66-67), possivelmente a Homero, ao narrar, em sua obra "Ilíada" (Sec. VI a.C), a corrida na qual Ulisses venceu Ajax, por outro, a existência de material específico sobre esporte, no formato de página impressa, dentro do que se convencionou chamar de mídia, é um fenômeno muito mais recente na história da civilização. A rigor, o jornalismo esportivo mundial, segundo esse autor (*op. cit.*), origina-se do jornalismo geral, e não chegou ainda ao final do seu segundo século.

Há, também, quem avalie esse quadro sob um ângulo mais pessimista, como é o caso de Oliveira (2008), que considera a situação do jornalismo esportivo crítica. Para essa autora (*op.cit.*), pode-se dizer que o diagnóstico para o jornalismo esportivo no Brasil é, segundo Oliveira (2008), de UTI, pois ele

Ainda não morreu, mas sobrevive a duras penas. Começa no canal pequeno, que cobre o jogo do time local, precariamente, até o "todo-poderoso", que pouco a pouco abandona a variedade em nome da audiência. O pior de tudo é que o mesmo problema acomete as parcelas do jornalismo esportivo nacional constituídas do rádio e dos meios impressos – que agora dão menos atenção ainda aos esportes que vêm, por azar, atrás do futebol na lista de preferidos dos brasileiros.

Contudo, para estudarmos o radiojornalismo esportivo, é preciso ressaltar que somente uma pequena parcela das emissoras de rádio, a partir de nossa pesquisa, oferece ao ouvinte programas exclusivamente produzidos com conteúdo esportivo.

Das 12 rádios pesquisadas³³, apenas uma (1%) apresentava programação jornalística direcionada ao esporte. Muitas das emissoras apenas inserem, na grade de sua programação geral, notas de agências especializadas ou recorrem ao noticiário de jornalismo esportivo veiculado pela internet para reproduzi-las aleatoriamente.

Outra questão que aparece, ao analisarmos a linha de programação das rádios, diz respeito à audiência. Essa condição está relacionada ao ponto de contato que o ouvinte estabelece com a rádio. Ao sintonizá-la, os ouvintes procuram, além de formato atrativo, conteúdos que lhes interessam diretamente, como é o caso dos radiouvintes da Rádio Cruzeiro FM que encontram no Programa Esporte Total essa correspondência de interesses.

A partir dessas observações, compreendemos que o radiojornalismo esportivo está, em boa parte, imbricado com as características do discurso que nele se inscrevem. Para ampliar a visão sobre esse discurso específico e suas relações com o radiojornalismo esportivo, passamos a descrevê-lo a seguir.

2.6 O discurso do radiojornalismo esportivo

Reconhecemos que nas atividades discursivas, mediadas por um dispositivo mediático ou não, o que se registra, a partir de diferentes planos de argumentação, é a possibilidade de interferência na opinião e escolhas dos interlocutores.

³³ Pesquisa realizada, no período de seis meses entre os anos de 2006 e 2007, junto à ABERT- Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão e ASI - Associação Sorocabana de Imprensa, com análise de registros eletrônicos.

Para tanto, o discurso apresenta, em sua própria estrutura, elementos lingüísticos com unidades significativas, que são articuladas de modo a organizar certas orientações argumentativas que visam ao convencimento.

Assim, a linguagem é concebida como forma de ação sobre o mundo, conforme já o reconheceram tantos estudiosos como Ducrot (1987), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), que visa influenciar o comportamento do interlocutor, fazendo com que compartilhe de determinadas opiniões. Isso é o que acontece, também, com a linguagem tomada pelo radiojornalismo esportivo.

Essa condição, relacionada à *performance* radiofônica do editorial em estudo – a julgar pelas especificidades e demandas que experimenta, atualmente, toda a esfera do radiojornalismo – ajusta-se ao gênero escolhido, uma vez que o conjunto de estratégias argumentativas e o modo *como* e *porquê* elas foram montadas, dentro dos princípios da produção do radiojornalismo, produzem determinados os efeitos de sentido.

Nessa perspectiva, ao refletir sobre o momento da formulação de um discurso específico, certificamo-nos de que a seleção dos argumentos e os modos de organizá-los podem ser considerados pontos-chave para nossa investigação teórica. Embora não se consiga alcançar a intencionalidade discursiva de um locutor, Koch (2006) já chamara a atenção para a consciência sobre essa intencionalidade, pois, segundo a autora, ela encaminha as decisões de defesa ou refutação de uma idéia, de um juízo de valor colocado no circuito das ações e inter-ações que subjaz ao discurso, em especial, daquele inscrito no radiojornalismo esportivo-opinativo.

É fato que esse modo organizacional que conforma um texto argumentativo apresenta-se de modo totalmente planejado. Exige, também, uma interação com o tipo de auditório que pretende persuadir. Para tanto, torna-se necessário definir argumentos

que possam fundamentar e garantir o papel do discurso que é posto em direção a esse auditório.

Na Retórica Clássica, um discurso tipicamente argumentativo (um sermão, por exemplo), obedecia a regras bem definidas, que pressupunham, nesse caso, diversas partes fixas. São elas: o *exórdio*³⁴ sobre o tema escolhido, a *proposição* (ou dúvida apresentada), a *divisão*, a argumentação, propriamente dita, a *confirmação* e, numa fase derradeira, a *peroração* (para reforçar a persuasão do auditório). E mesmo sob esse arcabouço inflexível, as intenções discursivas de um astuto orador é que presidia o espírito de todo trabalho de composição retórico-argumentativa.

Em sua pesquisa, Aquino (1997), já apontava para a importância da análise do exórdio, quando se trata de observar a argumentação. No *Editorial do Timão do Povo*, podemos detectar que a parte exortativa está presente, conforme se observa às linhas 01-02, à medida que o locutor/editor apresenta o tema sobre o qual discorrerá (comportamento arbitrário de um dirigente esportivo local), e já posiciona, ao auditório, sua linha de raciocínio, como é possível observar, revisitando o segmento a seguir:

01 L1 – editorial... o torcedor do São Bento foi presenteado com uma vitória épica sobre o atual campeão mundial... ao final da partida o vitorioso presidente... de imediato deu vazão ao seu carinho pelo torcedor do São Bento e fãs do esporte...

No que diz respeito ao seu aspecto composicional e temático, esta introdução revela a opção feita pelo locutor/editor, denotando o uso de um discurso marcado pela voz da autoridade que se manifesta pelo tom exortativo da mensagem (cf. linha 03-05) que, segundo Bakhtin (1999) tenta reduzir, pela técnica da desqualificação, tudo a uma única voz, ignorando a variedade e a riqueza que existem na comunicação humana.

³⁴ Do latim *exordire* (“começar”), consiste na parte introdutória do discurso e integra a *dispositio* - ordenação adequada de idéias de um discurso, segundo o sistema retórico grego.

O processo de construção do discurso do radiojornalismo esportivo, por apresentar-se como um discurso polêmico, na medida em que procura dominar seu referente a partir da aplicação de estratégias argumentativas, requer uma análise prospectiva sobre a própria noção de discurso polêmico. De acordo com o entendimento de alguns autores, como Plantin (1990), Aquino (1997) e Marcuschi (2003) o próprio discurso guarda em sua gênese essa possibilidade de polêmica.

As vozes intercaladas, sobrepostas ou (até) silenciadas no interior do discurso do editorial do Timão do Povo; o manejo hábil ou controverso da linguagem em espaço institucional; o relevo dado pelos papéis sociais que representam os diferentes sujeitos imbricados no processo interacional, tudo isso concorre para a constituição de um discurso específico que tem, como propriedade discursiva, a interação verbal a partir do confronto lingüístico-ideológico que favorece a instauração da polêmica, processo que tomamos para estudo em análises subseqüentes em nosso estudo.

Dessa forma, entendemos que é o posicionamento estratégico do locutor/editor, que pode eleger a polêmica como matéria-prima de seu discurso, que lhe assegura a ousadia e a coragem que tal tarefa demanda. Como locutor que detém os turnos e deles dispõem estrategicamente na formulação de seu discurso, cabe-lhe sempre surpreender a guarda, seja do inimigo, seja da audiência.

Nesse sentido, ressaltamos que um dado relevante para nossas análises foi o fato de observar que, o reflexo da contradição e da interação verbal, mesmo que à distância, mediada pelo confronto lingüístico-discursivo, potencializa a dimensão polêmica desse discurso específico.

Este fenômeno lingüístico-discursivo pode ser localizado, quando se seve em conta o jogo de vozes que se entrecruzam (onde os turnos de L4 são colocados em confronto aos de L1), presentes na formulação do discurso do nosso *corpus*, onde é

possível observar, pelo arranjo composicional do editorial radiofônico, ataques mútuos, fato que aponta para uma configuração discursiva específica, na qual os participantes do processo argumentativo mostram-se dispostos a promover uma interação conflitiva.

Essa habilidade em produzir, pela linha discursiva adotada, efeitos de sentido envolventes, por meio do uso de linguagem emotiva, indicada às linhas 43-45, do próximo segmento, na qual o discurso é centrado na figura do locutor/editor (L1) que, pelo tom discursivo, assume-se como orador em busca adesão do auditório a sua a tese.

Expressões, como *clamamos* (l. 43), *paz nos estádios* (l. 43), *não podemos ser vítimas* (l. 44), indicam, no mesmo segmento selecionado, o objetivo de expressar emoções, sentimentos, estados de espíritos que envolvem a figura do locutor predominante, no sentido de se criar em torno dele um apelo emocional, importante para obter a atenção e adesão dos radiouvintes, como verificamos às linhas 54-58 do segmento mencionado.

Neste caso, o emprego da linguagem conativa é estratégico, uma vez que objetiva convencer o o(s) interlocutor(es) a ter determinado comportamento, através de uma ordem, uma invocação, uma exortação, uma súplica, etc. Os anúncios publicitários abusam dessa linguagem e os discursos autoritários também.

A disputa pelo auditório, no que diz respeito ao propósito do discurso editorialista, assume contorno de um duelo particular, uma vez que o locutor/editor apela para o tom emocional de seu discurso para aprisionar, no próprio texto, seu interlocutor – L4 – que é levado, no plano da argumentação, a um processo de desqualificação, estratégia argumentativa observada às l. 45-46 e 49-51. Observemos, então, o segmento sobre o qual fizemos as afirmações anteriores.

L1 - (...)

NÓS... do Timão POvo que clamamos aos torcedores PAZ nos estádios de futeBOL não poDEmos ser Vítimas DESSa vioLÊNcia no exercício

45 de NOSSa atividade... violÊNCia irresponsavelmente incentiVAda com
uma atitude vioLEnta e infeLIZ deste diriGENte... aos órgãos de
segurança PÚblica fica o alerta... quando preocupam-se com as MASSas
das torcidas organizadas... cadasTRANdo e reprimINDo corretamente
50 torcedores arruaCEIros deveriam tambÊM... a partir DESto momento,
monitoRAR e cadasTRAR dirigentes desorganiZAdos e também
arrua::CEIros... nosso trabalho ao longo de quase meia DÉcada
continuará evoluindo... SEMpre realizando a maior coberTura do
jornalismo esporTivo em nossa região... a morDAça dos anos de
65 CHUMbo ficou para trás... a informaÇÃO e a opinião ao FÃ do esporte
NUNca faltará... nem mesmo sob violÊNCia.. torceDOR... o seu
esPAço estará sempre garantido em NOSSa programação... lamenTAmos
o desresPEItto e a violÊNCia à voCÊ torcedor... raZÃO do nosso
traBALho e Único responSÁvel pelo Esporte Clube São BENto... esta.. é
a opinião do timÃO do Povo...

A situação de dissenso observada na formulação do editorial radiofônico, mostra que as trocas de ofensas são mediadas pelo dispositivo da edição que o suporte possibilita. Tanto é verdade que o editorial do “Timão do Povo” baseia-se numa lógica discursiva de concessão, isto é, permite que a certa altura do discurso sejam inseridos trechos testemunhais – gravados e editados – do discurso do interlocutor (discurso citado), numa alusão clara ao ouvinte sobre quem exerce o papel mais importante na formulação do referido discurso.

2.6.1 Incidência de conteúdo esportivo no radiojornalismo

Com intenção prospectiva, observamos, por meio de levantamento de dados, a incidência de conteúdos diretamente relacionados ao jornalismo esportivo em doze emissoras de rádio que operam no município de Sorocaba, para poder avaliar o tipo de tratamento que é dispensado aos gêneros do jornalismo esportivo pela mídia eletrônica sorocabana. Para Messa (2005), quando se lança

olhar genérico e panorâmico à história do jornalismo esportivo no Brasil, vamos constatar pelo menos duas características inquietantes. A primeira é a de que o jornalismo esportivo é mero entretenimento, e a segunda é que mais de 80% das temáticas noticiosas e das reportagens especializadas giram em torno de uma única modalidade

desportiva que é o futebol. Poderíamos conceber um jornalismo esportivo que não se restringisse apenas ao entretenimento do público leitor-torcedor?

Os dados averiguados e registrados sob formato de quadro servem, a nosso ver, como pistas sobre o tratamento que conteúdos esportivos recebem nos meios de comunicação, pois esse levantamento de dados orienta nossa tarefa de investigar a projeção do discurso de radiojornalismo esportivo, à medida que ilustra, objetivamente, o grau de interesse pela programação esportiva em instâncias de radiodifusão.

Quadro 1 : Tratamento do radiojornalismo esportivo nas rádios de Sorocaba (SP)

ESTAÇÕES DE RÁDIO	PRESENÇA DE CONTEÚDO ESPORTIVO NA PROGRAMAÇÃO			
	esporádica	diária (com programa)	diária (sem programa)	n u n c a
Antena 1				■
BAND FM	■			
Cacique AM			■	
Cacique 2 FM	■			
CBN - Clube AM				■
Cruzeiro FM		■		
Corisco FM				■
RBN	■			
Jovem Pan 2 FM			■	
Vanguarda AM			■	
Vanguarda FM	■			
103 FM	■			
Piratas / Comunitárias	■			

Fonte: ASI - Associação Sorocabana de Imprensa (fev/2007)

Observação: O quadro mostra resumo de pesquisa realizada (janeiro/2006 a julho/2006), com emissoras de rádio sorocabanas, para apurar a presença de conteúdo esportivo (noticiário, debate, transmissão de jogos, entrevista, mesa-redonda etc.), diluído ou com espaço privilegiado na programação.

Das doze emissoras de rádio que operam no município de Sorocaba, SP, pesquisadas durante seis meses consecutivos, para observar a inclusão de conteúdo jornalístico relacionado ao esporte, de modo geral, na grade de programação (transmitida localmente), a Rádio Cruzeiro FM (92,3 MHz) é a única que se dedica

regularmente ao jornalismo esportivo, apresentando programa diário – “Esporte Total” (em duas edições).

A partir dessa observação, podemos dizer que, a exemplo do que ocorre com as emissoras locais pesquisadas, a imprensa interiorana, em relação à abordagem de jornalismo esportivo, e de modo especial, de assuntos ligados ao futebol, comporta-se de maneira semelhante à chamada “grande imprensa” que opera em grandes capitais.

A visualização do quadro apresentado possibilita entender localmente, aquilo que pensamos nacionalmente sobre o tema. Os dados coletados também indicam a disposição quase exclusiva de apenas uma rádio em manter, em sua grade de programação, um programa dirigido especificamente ao esporte, com foco no futebol. Das doze emissoras de rádio, pesquisadas durante seis meses consecutivos, que incluem conteúdo esportivo na programação (transmitida localmente), a Cruzeiro FM, 92,3 MHz (“Uma emissora de classe”), é a única que apresenta programa diário – Programa Esporte Total (em duas edições) – dedicado exclusivamente ao jornalismo esportivo.

Visto sob a perspectiva de identificação de incidência de conteúdo específico, os dados ajudam a ampliar o campo de discussão sobre o radiojornalismo esportivo e corrobora, em boa parte, a avaliação anteriormente feita por Messa (*op. cit.*, 2005) sobre o tratamento que a mídia dispensa ao jornalismo esportivo, cujo foco nem sempre coincide com a importância que a esfera merece.

Diante da necessidade de tornar-se um espetáculo mediado, em tempos de globalização, o esporte, de modo geral, passa a ser apresentado segundo as orientações do mercado e, por essa razão, a mídia, especialmente a radiofônica, se vê obrigada a agregar novos códigos e novos recursos e, com isso, ocorrem as limitações técnicas do meio que podem comprometer a opção pelo tema na programação das rádios, como as do interior paulista, segundo a ABERT - Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e

Televisão que, por apresentarem dificuldades financeiras para serem mantidas no ar, optam por linhas de programação comercialmente mais viáveis do que o radiojornalismo esportivo.

Como ilustração desse fenômeno, reportamo-nos ao caso de uma tradicional rádio do interior paulista que encerrou, em 2007, sua programação dedicada ao esporte. Pioneira rádio do interior paulista, hoje com 54 anos de funcionamento, a Rádio Clube Ararense, de Araras (SP), sempre acompanhou de perto o futebol de Araras e principalmente o Esporte Clube União São João. Porém, por questões ligadas à parte comercial da emissora, encerrou sua programação esportiva, deixando de ter a sua conhecida equipe de radiojornalistas esportivos que levou ao ar, por mais de meio século, às 12h30, o programa esportivo “Show de Bola”, líder de audiência em toda a região ararense.

Em que pese a problemática relacionada à sobrevivência do jornalismo esportivo em rádios do interior paulistano, queremos ressaltar aqui, também, que apesar das ondas variáveis de prestígio que ora envolvem um, ora outro gênero do radiojornalismo esportivo, não podemos concordar que o discurso do jornalismo esportivo seja só isso que se percebe na atualidade.

Segundo Meditsch (1995), a linguagem de rádio, presente no discurso de radiojornalismo, não representa um retorno à oralidade, mas um passo adiante em relação à escrita que engloba ambas e cria uma nova situação. A oralidade, na linguagem radiofônica, é apenas a manifestação aparente, há um mundo de escrita e um modo eletrônico por trás de sua produção.

Desse modo, a palavra sonora configura-se como elemento central da linguagem do radiojornalismo que sofre acréscimo, na era do rádio digital, segundo Meditsch (não

publicado) também, do imediatismo e da instantaneidade, como características constitutivas.

A partir dessas observações, verificamos, com a tomada de *corpus* para nosso estudo, que os discursos constitutivos de gêneros desse campo podem, em seu tempo e necessidade, assumir outras configurações, com base em propostas editoriais mais arrojadas e ajustadas às novas demandas da era digital, incorporando ao factual certa dose mitificadora para o tratamento de determinados assuntos, sujeitos e contextos.

A esse respeito, Bakhtin (2000) aponta para um fenômeno que ele denomina de “transmutação” de gêneros dos gêneros ou na assimilação de um por outro. Este fenômeno aponta para o fato de que o sistema de gênero discursivo adotado por uma determinada comunidade lingüística, num determinado período histórico, determina as combinações e articulações dos diferentes tipos de discursos que ocorrem.

Nesse sentido, se esses sistemas são constituídos, muitas das vezes, pela heterogeneidade, é provável que as zona fronteira que delimita forma e conteúdo para os gêneros, torne-se plástica, fluida, configurando e reconfigurando-se nas diferentes práticas sociais tomadas pela linguagem.

Dessa forma, respeitando essa tendência que atinge o jornalismo esportivo, como um todo, em ajustar-se às novas demandas da tecnologia que permeia todos os sistemas de produção midiática, em especial o da radiodifusão, entendemos que o panorama apresentado sobre a incidência de conteúdo de jornalismo esportivo nas rádios pesquisadas, serve para indicar, segundo Kfour³⁵ (2006) que o constituiu-se ao longo do século XX e início do século XXI como uma atividade sob constante pressão,

³⁵ Em artigo do jornalista Juca Kfour³⁵, (disponível em: <http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2006-06-11_2006-06-17.html>), tomado neste estudo, por sua notória atuação no jornalismo esportivo brasileiro. Kfour³⁵ tem 38 anos de profissão e é formado em ciências sociais pela USP. Apresentou o programa de entrevistas na rede CNT, “Juca Kfour³⁵ ao vivo”, entre 1996 e 1999. Colunista de futebol de “O Globo” entre 1989 e 1991 e apresentador, desde 2000, do programa CBN EC, na rede CBN de rádio, dedicado exclusivamente a análise de conteúdos relacionados ao mundo dos esportes, com destaque para o futebol.

praticada por profissionais mal remunerados e despreparados, com pouco prestígio interno em suas publicações e, freqüentemente, acusados de práticas pouco éticas, do sensacionalismo ao suborno, passando por invenção de notícias e manutenção de relações promíscuas com jogadores.

Polêmicas à parte, interessa-nos, sobretudo, discutir o modo como o discurso inscrito no radiojornalismo esportivo se organiza. Para fazer esse encaminhamento, optamos pelo estudo da constituição do caráter polêmico desse discurso e é o que faremos a seguir.

2.7 O potencial polêmico do discurso de radiojornalismo esportivo

Num país que elege o futebol como seu maior representante, é de se esperar que a linguagem, no campo do esporte, produza e reproduza os mais variados gêneros do discurso, refletindo motivações, posicionamentos e, sobretudo, conflitos sociolingüísticos dentro e fora de campo.

Nessa perspectiva, o caráter polêmico que se apresenta nos programas o radiojornalismo esportivo é constitutivo do discurso do mundo do esporte e, por essa razão, pode ser entendida como esperada sua ocorrência no editorial do “Timão do Povo”.

O que define, basicamente, o discurso polêmico, segundo Ramos (1999) é que o conjunto das suas propriedades semânticas e argumentativas se encontra a serviço de um objetivo definido que é, em nosso caso, o de promover a desqualificação do objeto que se constitui seu alvo.

Para tanto, L1, ataca metaforicamente seu interlocutor, utilizando estratégias argumentativas que contemplam argumentos distintos, mas que no conjunto contribuem

para a construção de unidade de sentido esperada, ou seja, apresentar um discurso com força instauradora de polêmica que também seja entendido como desagravo, conforme mostram os três segmentos que destacamos a seguir:

Primeiro segmento:

- 15 L1 – as razões de tamanha agressão são as críticas recebidas pela torcida... todas estas... democraticamente levadas ao ar por Esta emissora... não faltando também em nossa programação os elogios que... por ora... pela péssima campanha da equipe estão esCAssos... para desesPEro deste dirigente...
 L5 – (...) o São Paulo...
 L3 – [aí LuÍS... CHUpa Luís... ()

Segundo Segmento:

- L3 – vagaBUNdo...
 25 L1 – superada a violência... torcedores e jornalistas... veio a derradeira medida ... nossa emissora foi impeDida de realizar seus trabalhos nos vestiários do São Bento... quando um profissionAL de imprensa é proiBido de

Terceiro segmento:

- 60 L3 – então PEga (o cargo) de presidente... PEde *pro* Luis Augusto *peGA*:: minha mãe *num* pode vim... minha MÃE vai em *TUdo* jogo coMigo... minhas FILha... em *TUdo... p / causa daquele vagaBUN::do num puDEro vim hoje... e ele fica no ar condicioNado porque é coVARde... venha aqui... venha aQUI.. abre LÁ os email pro ChiQUIInho... pro CHIna... pros (*) pra faLA mal de mim lá... manda um*
 65 *vagabundo proVA que eu tô roBANdo dinheiro... eu num VIvo do São Bento que nem vocês vive... eu num VIvo não*

Possivelmente, para representar, de forma adequada essa ação de reparação de danos morais, os quais L1 imputa às formulações feitas L3 – conforme podemos observar, a seguir, à linha 19, no primeiro segmento; linha 23, no segundo e linhas 62-63 e 64-66, no terceiro segmento deste bloco de análise –, a Equipe do “Timão do Povo” faz uma opção estratégica por um gênero – o editorial – que privilegia a tomada de posição diante de uma questão polêmica, em presença de um auditório afeito a debates acalorados e polêmicos, num espaço discursivo eivado de contradições.

Essa escolha ocorre, também, por esse gênero revestir-se de certa solenidade na apresentação discursiva e destacar-se por sua grandiloquência entre os demais gêneros de natureza opinativa, como o artigo, a crônica e o comentário – bem mais frequentes na esfera do jornalismo esportivo – que não exploram os recursos argumentativos com tanta ênfase como se observa em editoriais convencionais.

Ao trazermos estes aspectos para um discurso específico do radiojornalismo esportivo, que se apresenta como editorial, observamos que há tentativas de recuperação, em termos de características composicionais e/ou de estilo, do gênero que circula socialmente.

Entretanto, o que nos chama a atenção é o fato de que esse editorial, atípico em sua formulação, mesmo não recuperando integralmente as características de identidade do gênero a que se propõe, cumpre a finalidade de conciliar os interesses de diferentes ouvintes, mas também, e sobretudo, está, segundo Beltrão (1980 : 60):

comprometido a dizer em voz alta o que pensa. Eis porque se deve culpá-lo pelo seu silêncio. [...] Está-lhe vedado dar o silêncio por resposta ao interrogatório da atualidade, ou dar uma resposta ambígua. A ambigüidade é excusa de mau pagador. Ou medo à verdade. O ceticismo da acomodação. O jogo bonito de não comprometer-se, de expor os prós e os contra, embora sem desatar o nó da dúvida, pode resultar engenhoso, mas adoece de estéril...

Orlandi (1993), também já tratou do discurso polêmico ao observar a relação entre o objeto do discurso e os interlocutores. Estabeleceu distinção tipológica entre os discursos identificando três possibilidades: o discurso lúdico, o polêmico e o autoritário.

Diz ainda essa mesma autora (*op. cit.* : 9-10) que:

Nesse sentido, podemos caracterizar os três tipos de discursos da seguinte maneira: o discurso lúdico é aquele em que o seu objeto se mantém presente enquanto tal e os interlocutores se expõem a essa presença, resultando disso o que chamaríamos de polissemia aberta. O discurso polêmico mantém a presença do seu objeto, sendo que os participantes não se expõem, mas ao contrário, procuram dominar o seu referente, dando-lhe uma direção, indicando perspectivas

particularizantes pelas quais se olha e se o diz, o que resulta na polissemia controlada. No discurso autoritário, o referente está ausente, oculto pelo dizer; não há interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida.

Considerando esse modo constitutivo do discurso polêmico, permeado por fatores sociais, ideológicos e lingüísticos, observamos situações de confronto entre os sujeitos citados e citantes. Envolvidos na constituição do editorial a partir de uma interação conflitiva, esses interlocutores fazem parte de uma espécie de jogo simulado entre a vida e a morte dos locutores em que a disputa esportiva sacode auditórios dos mais variados, fator que incendeia o *toma-lá-dá-cá* de ataques verbais.

A despeito de outros discursos, invariavelmente o discurso do radiojornalismo esportivo não almeja a resolução do conflito instalado, pois sua razão de ser, como reiteramos, é o “bater de frente”, espantando a expectativa inocente dos radiouvintes acostumados a uma programação “Classe A”, de uma emissora educativa e cultural.

A polêmica, portanto, como fator constitutivo de um discurso jornalístico de natureza esportiva, nasce com uma vocação de tornar duradouro o conflito. E é essa dimensão, subjacente à produção e veiculação do discurso no jornalismo esportivo, que “agita a torcida”. E neste exercício, a situação de produção de um editorial radiofônico potencializa seus recursos lingüístico-discursivos, ativa os efeitos de edição e até aceita a coerção do *midium* para atribuir ao discurso um papel preponderante na constituição de um formato editorial distante do convencional.

Tal tarefa revela-se, do ponto de vista lingüístico-discursivo, inusitada, e ao mesmo tempo, ameaçadora, pois trabalha com a desqualificação de interlocutores, à medida que L1³⁶, ao formular seu discurso, coloca em jogo um equilíbrio, supostamente existente até então, ao inserir, estrategicamente em meio aos turnos que detém,

³⁶ Locutor-editor, *cf.* denominação adotada para transcrição do *corpus* que tem o turno preponderante sobre L4, interlocutor *para* e *com* o qual organiza suas estratégias argumentativas para composição de seu discurso editorialista.

seqüências heterogêneas, com enunciados carregados de discórdia, atribuídos a L4 (interlocutor-alvo, tomado pelo editor para ilustrar a “necessária” desqualificação).

A partir dessas observações, verificamos que o plano de argumentação imposto pelo locutor/editor está voltado ao escopo do discurso polêmico, uma vez ele trabalha com a possibilidade de o discurso ser, ao mesmo tempo, polêmico e produzir polêmica.

É provável que esse procedimento seja iniciado a partir de um processo polifônico que traz, em sua origem, possibilidade de polêmica, visto que outros discursos, que concorrem para a composição do programa radiofônico, evocam, implicitamente, outros tantos discursos, igualmente polêmicos e estes, operam e interagem, direta ou indiretamente, com o discurso circunstanciado no Editorial do “Timão do Povo”.

Entendemos que, a partir das observações precedentes, deva ser considerado o fato de que o discurso polêmico constitui-se como um conjunto complexo de propriedades, não sendo possível, portanto, atribuir apenas aos efeitos da manipulação de estratégias a façanha de tornar o discurso mais polêmico do que já o é.

No entanto, podemos levar em conta nessa caracterização além das estratégias argumentativas apresentadas, a seleção lexical, a organização e a natureza dos argumentos e, principalmente, a situação de produção (posicionamento dos interlocutores, contexto ideológico e discursivo e o domínio do tópico).

Podem se somar, ainda, a esse conjunto, o diálogo entre discursos, a fricção de vozes discordantes e a intercalação de gêneros tomados para constituição do referido texto criam conflito, seja para afirmar ou infirmar o discurso de uns sobre os outros, todos na tentativa de buscar adesão de interlocutores que representam um tipo de auditório bastante instável, como o do rádio-ouvinte.

Como a constituição do teor polêmico do discurso do Editorial do “Timão do Povo” está relacionada com o modo de formulação do discurso, devemos levar em conta, também, o conjunto de relações que ocorre, em diversos planos, a partir das interações que se verificam, interior e exteriormente, ao próprio discurso.

Nessa perspectiva, observamos situações distintas de interação, envolvendo diferentes argumentos e os fatores que compõem a situação argumentativa, interação (embora conflitiva) entre discursos, interação (presumida) com diferentes auditórios, interação com recursos tecnológicos do *midium*. Todas essas situações interativas organizam-se de tal modo, muitas vezes, estrategicamente, que resultam em conflito.

Podemos dizer que essa ação discursiva é resultante de um processo refinado de seleção e uso de recursos lingüístico-discursivos. L1 os incorpora e, assim, surge esse discurso singular, *sui generis*, que a nós se coloca de maneira insólita na constelação dos gêneros do discurso em mídia eletrônica.

E em razão dessa especificidade composicional é que, observando a gama de recursos retórico-argumentativos alocados estrategicamente para constituição de um editorial radiofônico e todos os efeitos de sentido decorrentes desse modo peculiar de organização discursiva, procuramos identificar e descrever alguns dos aspectos da Argumentação, considerados vitais à compreensão dos modos de organização e o tipo de estratégias discursivas adotadas pelo *Editorial do Timão do Povo*.

Nesse sentido, interessa-nos, portanto, compreender melhor a maneira polêmica e, ao mesmo tempo, polemizadora como o discurso é produzido e, principalmente, a ênfase com a qual esse discurso é propagado no radiojornalismo esportivo, tornando-o um produtor de realidades, a ponto de interferir no modo como a consciência coletiva compreende os conflitos que marcam o contexto dos esportes.

A dimensão polêmica observada na situação de produção do editorial do “Timão do Povo” pode estar relacionada ao fato de que, segundo Wainberg, Campos e Behs (2002):

(...) O polemismo como gênero dedica-se à eternização do conflito. O espetáculo proporcionado é a exegese, a capacidade de espremer a palavra. É isso que diverte as massas. E neste exercício o pensamento tem como missão romper com o trivial. Tal tarefa é ameaçadora pois desqualifica em certa medida o equilíbrio existente. Torna o senso comum absurdo. Abala a auto-estima de quem se considerava donatário de verdades absolutas. Verdades estas, muitas vezes, obtidas com esforço existencial. Por isso mesmo há sempre uma dimensão afetiva em tais conflitos. A torcida se apega emocionalmente à fala de um tornando-se surda à argumentação do outro. Busca-se assim reforço ao que já se tem, como que multiplicando anticorpos (racionais e afetivos) capazes de fazer frente ao que é estranho ao organismo vivo das crenças e hábitos que habitam nossas mentes. É propriedade do pensamento seu conservadorismo, e qualquer distúrbio a tal estrutura, através da qual vemos o novo com as lentes embaciadas pelo velho, faz o corpo todo adoecer.

Dessa forma, entendemos que a existência de um dilema, natural ou produzido, pode ser condição básica para formulação de um discurso polêmico, porque as tensões provocadas por uma enunciação carregada de certa ambigüidade, inerente às interações de fundo controverso, provoca ansiedade e, por decorrência, desejo de resolução. E é este fator que dá ânimo ao embate e instaura uma espécie de *arena de conflitos*³⁷ lingüístico-discursivos na qual interagem sujeitos tomados por esse tipo particular de discurso.

2.8 Elementos verbais e não-verbais que garantem argumentação no discurso de radiojornalismo

Sabemos que a Argumentação não se funda só no que se diz, mas também no que não se diz. Existem inúmeras regras de supressão para o discurso. Essa regra

³⁷ Noção já referida anteriormente que, segundo Bakhtin (2000) serve para ilustrar o movimento dialógico da enunciação, a qual constitui um território comum para o locutor e o interlocutor.

aplicou-se com perfeição a determinados elementos lingüísticos observados no corpo do editorial do Timão do Povo.

Ao invés do calão, da gíria, do regionalismo, do jargão, por exemplo, aplica-se essa técnica argumentativa típica de discursos polêmicos, cujo propósito, é o de proceder à desqualificação do interlocutor (L4), a partir da utilização de estratégias que compõem o quadrado ideológico³⁸, proposto por Van Dijk (2001). Esse procedimento resulta na instauração, estratégica, de um ponto de contato com os radiouvintes que comungam, mesmo à distância da avaliação feita para, conseqüentemente, obter adesão instantânea do auditório.

Plausível à conformidade do *midium* onde está inserido o discurso, a aplicação desse mecanismo concorre para a configuração de um processo de desqualificação moral do “adversário”, uma vez que esse efeito reforça, no inconsciente coletivo, a noção de improbidade comunicacional que a L4 é atribuída, sem direito à réplica.

Outro fator importante para análise do segmento final, apresentado a seguir, é a retomada de uma estratégia já observada no corpo deste capítulo (item 2.4), que é o *assalto ao turno*, como forma característica do entrecruzamento de vozes e discursos, marca patente na composição do *corpus* tomado para análise.

51 L1 – (...) ainda acreditamos no jornalismo SEM censuras... ..

Nesse turno, retomado mais uma vez pelo locutor/editor de modo a ressaltar sua autoridade discursiva, a utilização de um modalizador (*ainda*), à linha 51, no momento em que L1 encaminha seu discurso para um desfecho de forma solene, do ponto de vista

³⁸ Quadro conceitual, classificado por van Dijk (2004), como *ideological square*, (ou *quadrado ideológico*, na tradução livre), com o qual dispõe as estratégias que caracterizam o discurso ideológico, conforme o que segue: a) enfatizar *nossas* características positivas, b) enfatizar os atributos negativos *deles*, c) minimizar *nossos* atributos negativos e d) minimizar os atributos positivos *deles*.

do estilo, embora denote concessão, articula-se com todo conjunto argumentativo processado, até então, por conta do entrecruzamento das vozes, e retoma pressupostos já defendidos.

Esse elemento articulador tem, ainda, o objetivo de agregar, ao conjunto de enunciados atribuídos à instituição que representa o editor, valor conciliatório pois, apesar do caráter retórico incisivo, adotado para constituição desse discurso específico, o que importa para o plano da argumentação é o seu uso estratégico e o efeito que dele decorre nesse momento da formulação do discurso.

Com essa opção de retomada, que vem pelo uso do conector, L1 acena com uma postura não-revanchista, antecipando eventuais objeções, fato que se constitui em outra técnica argumentativa alocada para fechar, com ironia, o processo de desqualificação imposto a L4. Pelo menos no que se diz respeito ao campo das interações sociolingüísticas, o uso do modalizador (*ainda*), aponta para a disposição para um eventual diálogo, em que pese a tendência ao confronto, caracterizada pelo teor polêmico do discurso radiofônico.

A partir do conjunto dessas observações, cabe salientar que toda a organização e apresentação de argumentos e estratégias não prescindem da presença de elementos supletivos ao processo global de argumentação observado no editorial radiofônico que são os elementos prosódicos supra-segmentais (como o *tom* da voz, a *inflexão*, o *acento*, os *alongamentos*, a *entonação*, *pausas preenchedas* ou não, *repetições*, a *duração* dos turnos etc.), indicadores importantes que ampliam o grau de persuasão necessário ao discurso do gênero editorial, quando se trata de discurso da língua falada culta, a exemplo do que se verifica no editorial produzido pela Equipe do “Timão do Povo”.

Podemos, ainda, no que se refere aos componentes da língua falada, que atuam na construção de sentidos no discurso radiofônico, observar as *pausas*. Atuando no

campo da expressividade, elas não só variam conforme o estilo da locução e do locutor, mas também são utilizadas, estrategicamente, para delimitar idéias, estruturar o pensamento e auxiliam o jogo melódico da entoação, que é rítmica e funciona como suporte indispensável para a compreensão do que é construído por meio das palavras.

As pausas observadas, no segmento selecionado, a seguir, (às linhas 01-04 e 11-16), algumas mais breves, outras menos, apresentam-se, segundo Silva (2002) como materialidade simbólica que, além de ser própria da língua falada, é constitutiva no processo de significação. Segundo a autora (*op.cit.*), as pausas funcionam como pistas do que sua presença, em discurso específico de língua falada, pode fazer para com que o interlocutor compreender ou não.

- 01 L1 – editorial... o torcedor do São Bento foi presenteado com uma vitória Épica sobre o atual campeão mundial... ao final da partida o vitorioso presidente... de imediato deu vazão ao seu carinho pelo torcedor do São Bento e Fãs do esporte...
- 05 L2 – ((repórter de campo, tentando entrevistar jogadores após a partida, é surpreendido com as declarações do presidente do clube)) (...) rapidinho... o presidente aqui... Desabafo Davi?...
L3 – ((comentarista esportivo, da cabine de transmissão, observa reação do presidente do clube)) (...) não... não... não...
- 10 L4 – ((fala do presidente interrompe reportagem com jogador)) (...) vai você também Luís Augusto... Érico... Cruzeiro do Sul... vai si fu Dê...
L3 – ah... Brincadeira...
L1 – as razões de tamanha agressão são as críticas recebidas pela torcida... todas estas... democraticamente levadas ao ar por esta emissora... não faltando também em nossa programação os elogios que... por ora... pela Péssima campanha da equipe estão escassos... para desespero deste dirigente...

É fato que não há neutralidade na linguagem, uma vez que todas as escolhas lingüístico-discursivas e recursos utilizados pelos dispositivos midiáticos pressupõem valores e intenções, nem sempre explicitamente apresentados, por parte das linhas editoriais desses que gerenciam esses meios.

A partir das observações realizadas, podemos dizer que o que se destaca no discurso radiofônico é a produção de sentido e ela se materializa, essencialmente, por meio da oralidade. Nela, haja vista o que fora anteriormente observado há um conjunto de elementos que contribuem para essa produção, como, por exemplo, a força da *entonação* (no turno de L1), com mudanças de ritmos, inflexões de voz, alongamentos, acentos intencionais, conforme a importância do que é relatado, conforme ocorrências observadas às linhas 43-50, do segmento destacado:

45 NÓS... do timão POvo que clamamos aos torcedores PAZ nos estádios
de futeBOL não poDEmos ser VÍtimas DESSa vioLÊNcia no exercício
de NOSSa atividade... vioLÊNcia irresponsavelmente incentiVAda com
uma atitude vioLENTa e infeLIZ deste diriGENte... aos órgãos de
segurança PÚblica fica o alerta... quando preocupam-se com as MASsas
das torcidas organizadas... cadasTRANdo e reprimINDo corretamente
torcedores arruaCEIros deveriam tambÉM... a partir DESte moMENto,
50 monitoRAR e cadasTRAR dirigentes desorganiZAdos e também

Na língua falada, a combinação dos elementos verbais com os não-verbais e o encadeamento das pausas, podem ser observados com força capaz de estruturar o pensamento do (interlocutor), na medida em que atua para disciplinar, ordenar, clarificar e definir determinadas rupturas sintáticas da língua, importantes para a resignificação do discurso como um todo.

No rádio, por se tratar de um meio fisicamente compatível com a mobilidade humana, o uso desses elementos prosódicos sinalizam uma dinâmica discursiva que valoriza a expressividade que ora é marcada por um tom mais incisivo, ora mais emocional, dado a presença de expressões exortativas, repetições (como ocorre com a palavra *violência*, e suas derivadas, cf. l. 44-46), de modo a enfatizar determinados efeitos de sentido junto a esse auditório que se configura nem sempre numa condição de estabilidade e fidelidade.

Em relação à tarefa que todo argumentador realiza em seu processo de seleção e apresentação de estratégias argumentativas ao seu auditório, vale dizer, ainda, que um fator fundamental, segundo Perelman (1996: 21), para persuadir o auditório, de modo eficaz e eficiente, não basta dominar com habilidade todo arsenal de argumentos que se tem. Mais do que isso é necessário trabalhar o discurso considerando sempre uma larga audiência e a qualidade da atenção de quem se quer persuadir.

Em nosso caso, considerando a inscrição do *corpus* no suporte rádio, as dimensões do auditório devem ser levadas em conta, uma vez que o rádio opera em frequência modulada, o que permite acesso irrestrito do radiouvinte, em escala intercontinental. Assim, é vital para o locutor/editor do editorial do “Timão do Povo” conhecer, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 : 38) *o conjunto de todos aqueles que quer influenciar mediante o seu discurso*, pois o conhecimento do seu auditório, seja particular ou universal, contribui para o sucesso da argumentação na qual ele fundamentará seu discurso, propondo determinados acordos prévios com esses auditórios. Quanto melhor se conhece o auditório ao qual o locutor formula seu discurso, maior é a chance de obter adesão às teses apresentadas.

Esta constatação parece ajustar-se aos pressupostos sobre os quais foi formulado o editorial do “Timão do Povo”. A busca da sintonia que o programa “Esporte Total” realiza com os radiouvintes, considerando a liderança absoluta do programa em seu horário, por três anos consecutivos (2004, 2005 e 2006, conforme atestou pesquisa realizada pela ASI - Associação Sorocabana de Imprensa), pode não estar relacionada com o gênero escolhido, mas valoriza os efeitos de sentido que a formulação discursiva, com base polêmica, é capaz de produzir em seu auditório, visando persuadi-lo a partir da relação que as características lingüístico-discursivas do locutor/editor estabelece, em seu discurso, com seus interlocutores.

Dessa forma, entendemos que para o discurso do radiojornalismo esportivo adquirir uma *sintaxe própria* (Fávero, 2006 : 204), com ocorrência de determinados elementos verbais e não-verbais que atuam no plano da organização lingüístico-discursiva, é necessário observar outros aspectos que concorrem para essa finalidade.

A utilização da *regra de supressão* – observada a partir do uso estratégico do *efeito piii*³⁹, quando trechos do discurso citado, nos quais se observa o uso de termos de baixo calão – é um exemplo desses recursos complementares, visto que, ao analisá-lo, verificamos que a argumentação não se funda só no que se diz, mas também no que não se diz. E, no caso do editorial radiofônico, essa regra é substancial para construção de determinados efeitos de sentido.

A inserção de marcadores prosódicos, em discurso específico do gênero editorial de rádio, observado principalmente nos turnos de L4, além de apontar marcas de desvio morfossintático, também apontam para identificação de aspectos do seu estado psicológico e, conseqüentemente, atuam no processo de desqualificação a ele imposto.

Em conformidade com o conjunto das análises realizadas, pudemos constatar que o editorial do Timão do Povo é resultado da combinação de elementos lingüístico-discursivos, selecionados e apresentados intencionalmente, com estratégias argumentativas distribuídas, de modo eficaz e eficiente, na construção de um discurso específico ajustado à situação de produção.

O modo como se dá a organização desse discurso também está imbricado com as potencialidades do *midium* que, em nosso caso, indica uma formulação discursiva repleta de possibilidades que, do ponto de vista da estrutura e funcionamento dos gêneros, podem

³⁹ Recurso característico da mídia eletrônica que possibilita leitura presumida do seu conteúdo pelo ouvinte/telespectador.

causar certo estranhamento, porém revestem-se de indicadores importantes para estudos que contemplam a análise do discurso e da argumentação.

Essa constatação resulta do fato de o editorial tomado para nossas análises, apresentar, mesmo que parcialmente, determinadas características distintivas do gênero que circula em sociedade, principalmente se considerarmos que o editorial, sob exame, ao apresentar uma conformidade discursiva incomum, recupera, conforme observamos no Capítulo I, item 1.2.2, em sua estrutura formal e conteudística, aspectos composicionais próprios da constituição original do gênero.

É evidente que as características observadas sinalizam traços importantes para constituição dessa identidade genérica, que foi constituída a partir de uso isolado ou articulado de determinadas ações, como é o caso da adoção de esquemas argumentativos, propostos estrategicamente para ampliar o grau de adesão de um auditório.

Também cabe nesse processo a realização de um jogo argumentativo que subjaz à escolha e uso de elementos retóricos, ora promovendo apelo à razão, por meio de argumentos lógicos, ora valorizando o tom emocional de um locutor/editor situado ideologicamente em confronto com seu interlocutor.

Se nos reportarmos a um dos três aspectos constitutivos na produção dos gêneros do discurso, a partir da teoria bakhtiniana, que são conteúdo temático, plano composicional e estilo, verificamos neste último que, segundo Costa Val (2003), o estilo é definido pelos gêneros, orientando o processo de seleção de recursos lexicais e morfossintáticos no interior de cada frase e nas relações interfrasais presentes em um discurso.

Segundo Bakhtin (2000), o estilo também depende do modo como o locutor compreende e percebe seu interlocutor, e do modo com quem ele prevê sua atitude responsiva. O estilo, como traço distintivo na constituição do nosso *corpus*, não pode

ser caracterizado como geral, pois não oferece uma forma padronizada, como ocorre com uma ata ou uma ordem judicial, visto que não oferecem possibilidades individuais de produção.

Entretanto, como observado na formulação específica do editorial do “Timão do Povo”, o estilo passa a ser individual, uma vez que a seleção lexical e o engendramento argumentativo determinado valor à medida que o locutor/editor delas se apropria e contextualiza. Dessa observação, depreende-se que o estilo grandiloquente do referido editorial, apesar de apresentar formulação discursiva específica, não descola do tom solene e marcado do gênero ao qual se tem reconhecimento em sociedade.

Dessa forma, o cotejamento dos esquemas de argumentação realizados salienta nosso interesse em descrever a aplicação de algumas das estratégias discursivas utilizadas na composição desse editorial – singular, sob o ponto de vista composicional –, mas que, por suas escolhas e rumos que toma, apresenta-se como resultado de estratégias discursivas que necessitam estudos amplificados. E um encaminhamento factível é promover um diálogo mais amplo entre os discursos, especialmente aqueles sob mediação dos meios midiáticos.

2.9 Diálogos de argumentos e discursos mediados pela mídia

A materialidade de um tipo específico de discurso, constitutivo de editorial radiofônico, remete-nos a algumas observações importantes.

Inserir um gênero discursivo, de tradição reconhecida, na esfera do radiojornalismo pode indicar, além da organização de práticas sociais a partir do uso da linguagem, como também um processo polifônico.

Essa ação decorre do fato de que outros discursos, que concorrem para a composição do programa de rádio evocam, implicitamente, outros tantos discursos, igualmente polêmicos que, em maior ou menor intensidade, operam e interagem, direta ou indiretamente, com o discurso circunstanciado no Editorial do Timão do Povo.

Dessa forma, podemos dizer que a mediação decorrente da relação do discurso com os meios midiáticos, promove o diálogo entre argumentos, discursos e, conseqüentemente, entre gêneros.

É fato que discursos marcados pela fricção de vozes discordantes evocam conflito, polêmica, seja para afirmar ou infirmar o discurso de uns sobre os outros, na tentativa de buscar adesão de interlocutores que representam um tipo de auditório bastante instável, como o do radiojornalismo esportivo.

Se reportarmos-nos ao discurso midiático em estudo, observaremos que sua relação com o(s) auditório(s) inscrito(s), um traço específico dessa interação (presumida) é o fanatismo que condiciona interlocutores envolvidos com questões, geralmente polêmicas, do esporte. Diante das circunstâncias apresentadas pelo locutor/editor, o radiouvinte do editorial do Timão do Povo, não declara esse fanatismo pelas cores de seu “Bentão”, mas, tal como nas arenas dos implacáveis gladiadores de outrora, pela eliminação, ao menos moral, de um dos adversários envolvidos na batalha midiática de discursos.

Ao ressaltar algumas constatações a que chegamos com o resultado dos nossos estudos, entendemos que a retomada analítica de determinados elementos constitutivos do discurso específico do *corpus* tomado para exame, pode ampliar o entendimento do modo como se constitui um gênero deslocado de seu *habitat*, sobre o qual buscamos possibilidades para sua descrição e interpretação, à luz da Argumentação e da Análise Crítica do Discurso.

Nesse sentido, para configurar mais nitidamente a retomada de determinados pontos de análise de nosso objeto de estudo, que agora ganham contornos conclusivos, optamos pela explicitação dos critérios utilizados para essa avaliação. Para tanto, levamos em conta determinados aspectos que passamos a descrever:

Aspectos relativos às observações feitas sobre *forma composicional* e ao *tema* identificados no *corpus* tomado para análise:

a) Trata de um texto *opinativo* – é marcado por um juízo de valor, pela argumentação baseada em razões (e emoções), pela opinião sobre determinado assunto que, segundo o editor e apresentador do programa, é de interesse público.

b) Sem assinatura – nenhum jornalista, em particular, assume explicitamente a autoria do texto, uma vez que o editorial radiofônico enuncia-se como uma realização da Equipe do “Timão do Povo”, ligada ao programa Esporte Total.

c) Expressão do ponto de vista da direção do programa – a própria equipe de radiojornalistas, pertencentes à equipe supracitada, autoproclamam-se como porta-voz do torcedor beneditino, assume a autoria do texto, responsabilizando-se pela forma e pelo conteúdo do mesmo.

d) Expressão do ponto de vista emissora de rádio (Cruzeiro FM, 92,3 MHz) e dos patrocinadores do programa Esporte Total – de forma indireta, os diretores da Fundação Cultural Cruzeiro do Sul”, mantenedora da rádio, e seus patrocinadores também determinam, veladamente ou não, a forma e o conteúdo do editorial, estabelecendo uma relação de tensão entre estes, a direção do programa e o público ouvinte.

Aspectos relativos à observação de *marcas lingüísticas* e *estilísticas* presentes no editorial:

e) Ênfase no uso da Ironia e da adjetivação: o uso da ironia e dos qualificativos não são minimizados para que não se perca o caráter polêmico da argumentação que passa a ser baseada não somente em fatos, mas em conteúdos emocionalmente comprometidos, razão pela qual a busca pelas soluções conciliatórias desaparece no tratamento lingüístico-discursivo dado pelo editor.

f) Primor na seleção e uso do léxico: a importância da escolha e emprego de itens lexicais para composição dos enunciados do editorial denotam além do a intenção lingüístico-discursiva, da polissemia, mas também o componente ideológico de seu articulador.

Como forma de observar melhor o comportamento deste último aspecto, considerando sua relevância à constituição de toda a tessitura discursiva do editorial do “Timão do Povo”, realizamos uma análise comparativa da imprensa falada com a escrita, no sentido de observar, em ambas, os efeitos que o discurso jornalístico é capaz de produzir. Algumas das conclusões a que chegamos:

1. O tom da voz, a entonação, as pausas e hesitações, a tonicidade e o entrecruzamento de vozes – observados no item 2.8 deste Capítulo – assumem a o papel de emitir, mesmo que de maneira implícita, a opinião do produto radiofônico que se coloca em circulação, enquanto que a mesma função, na mídia impressa, encontra-se na seleção e disposição que uma matéria ocupa na(s) página(s) de um jornal.

2. A extensão dos turnos do discurso radiofônico, (também observada no item 2.8 do referido Capítulo), em relação à própria dinâmica do midium, conota opinião, assim como, na mídia impressa, o tamanho da foto ou seu conteúdo também desempenham essa função. Neste caso, os turnos que detêm o locutor/editor (L1), na composição do editorial, podem ser considerados indicadores precisos para observar o efeito de valor opinativo a que o discurso específico do editorial se propõe.

3. Na produção de mídia impressa, o tamanho do corpo usado no título de uma manchete jornalística é opinião; na mídia falada, a escolha do horário de inserção do editorial durante a grade da programação também representa valor opinativo.

4. A chamada de primeira página, em muitos casos, passa opinião. Não por seu conteúdo, mas por estar ali, valorizando a matéria dentro do jornal. Já a seleção de enunciados, a entonação de voz do locutor, diferente da locução espontânea corrente na programação, lacônica e eloqüente, sem trilha sonora para apoiar o texto, na *mídia falada*, apresentam-se como recursos que coexistem e colaboram para, anonimamente, o veículo expressar seu posicionamento diante de algum fato de interesse da opinião pública, preferencialmente se revestir-se de polêmica, como é o caso típico do nosso editorial que se inscreve no campo do radiojornalismo esportivo, ambiente discursivo eminentemente polêmico.

Cabe aqui, ainda, ressaltar o reconhecimento de conhecidas bases, como a dos postulados que compõem a teoria bakhtiniana, com seu construto teórico acerca do dialogismo, sempre necessário e atual, para alinhar as perspectivas observadas a partir da relação entre discursos e gêneros perpassam nosso objeto de estudo.

Ao finalizar este Capítulo, ressaltamos que nossas reflexões nos encaminham para as seguintes possibilidades de diálogo:

- Diálogo entre *interlocutores* (*auditório particular/universal*).
- Diálogo entre *discursos* (instituído/citado/anteriores - dentro do mesmo discurso editorial).
- Diálogo entre *gêneros* (entrevista/editorial).
- Diálogo entre esferas (jornalismo/esporte).
- Diálogo entre mídias (impressa/falada).

Dessas possibilidades, constatamos que um texto está sempre relacionado a outros. Um discurso também sempre está nos outros e, nesse diálogo, está o fio condutor que nos permite compreender seus sentidos e suas relações de poder.

Partindo dessa premissa, defendemos a idéia de que os estudos realizados até aqui apontam para um novo desafio, a ser realizado no Capítulo seguinte, que é o de analisar o discurso de radiojornalismo esportivo como instrumento midiático de poder.

Capítulo III

Discurso de radiojornalismo: instrumento midiático de poder

O discurso no radiojornalismo
esportivo: estudo do
comportamento do gênero
editorial

3.1 Mídia e Esporte: aspectos ideológicos e discursivos que interagem na construção de sentidos

Há um consenso junto às esferas menos ortodoxas do pensamento sociológico, que diz: se a mídia está em toda parte, o esporte está em todas as mídias. Essa constatação prende-se ao fato de que ele já pode ser considerado um dos alvos principais da mídia, na medida em que transmite informações, alimenta o imaginário coletivo e, se explorado teoricamente de forma razoável, (o que é difícil explicitar), fornece elementos interessantes à interpretação da sociedade.

De acordo com Pires (2006), foram os satélites que possibilitaram a apropriação do esporte pela indústria do entretenimento quando ligaram os continentes pela imagem, há aproximadamente 40 anos. Assevera o autor que o espetáculo esportivo, antes reservado apenas para o deleite das arquibancadas, foi globalizado. Antes, com o rádio; depois, com a televisão, o esporte, sob efeito da mediação, viu suas platéias se multiplicarem.

O esporte, sob o olhar dos meios que o midiaticizam, assume um caráter fascinante, porque passa a ser tratado como uma verdade absoluta, uma realidade incontestável que acontece diante dos ouvidos do mais longínquo radiouvinte, ou dos olhos distraídos de um espectador, cuja atenção é disputada ferrenhamente pela mídia.

Nesse contexto, interessa tomar o esporte como uma possibilidade de confronto, de vontade, onde talento, derrotas e vitórias convivem, o tempo inteiro, em busca do limite e da certeza do inédito, como acontece com uma jogada que se transforma em gol, que nunca se sabe como será, até o instante em que é.

Sem um enredo pré-determinado, o esporte, por poder mostrar resultados imprevistos, contagia a todos com a espontaneidade, mas também dá lucro com a emoção e gera poder para quem dele se serve. Especialmente para aqueles que não

fazem parte de sua efetiva prática, mas constroem, a partir dele, seus discursos, polêmicos ou não e vendem seus produtos.

Diante dessa perspectiva, podemos afirmar que poucos fenômenos sociais possuem a dimensão globalizante que o esporte apresenta. Inserido nos *mass media*⁴⁰, ele tornou-se um espetáculo sem igual, capaz de colocar mais de dois bilhões de pessoas numa mesma platéia. E por possuir uma linguagem universal, produzida por regras padronizadas, o esporte apresenta uma espécie de estética que se amolda perfeitamente à mídia. Um gol bonito é bonito no Estádio Municipal “Valter Ribeiro”, em Sorocaba, (onde o Esporte Clube São Bento recebe seus adversários), ou em qualquer lugar do mundo. Com a inserção midiática, algumas das mais belas obras de arte, feitos e demonstração de superação, produzidas pelos diferentes esportes, passaram a fazer parte do cotidiano e da memória coletiva brasileira e da humanidade.

Dessa maneira, o futebol, mais especificamente, configura-se como uma prática sócio-esportiva que monopoliza o noticiário sobre esportes no Brasil e ganha, no rádio (e também nas transmissões televisivas), uma dimensão ainda maior àquelas dadas às características do meio. O futebol, nesse sentido, funciona como uma espécie de elemento aglutinador, em uma sociedade marcada pela heterogeneidade, como a que vivemos.

A partir dessas observações, há que se fazer uma reflexão sobre o processo de midiaticização do esporte, em especial do futebol, enquanto uma construção específica no campo do radiojornalismo compreendido como um espaço de construção de múltiplos

⁴⁰Retomamos o conceito de *mass media* visto que, atualmente, a expressão dá margem para criação de outra, a *self mídia*. Enquanto aquela concepção relaciona-se aos sistemas organizados de produção, difusão e recepção de informação, cuja gestão pode ser feita por empresas especializadas na comunicação de massas, de natureza privada ou pública, com regimes concorrenciais, monopolísticas ou mistos de exploração, este novo conceito, calcado na era da pós-informação, aponta para um processo diferente, que caracteriza um fluxo de comunicação biunívoco, onde o locutor perde a sua onipotência em favor do interlocutor, que tem agora um papel ativo. Surge, nesta concepção, a interação, visto que o sujeito exerce seu papel de participação, em detrimento do lugar de representação que antes tomava.

sentidos. Essa discussão, que se apresenta a seguir, subsidia a descrição das especificidades de um discurso como esse que, ao ser apresentado em mídia eletrônica, desenvolve propriedades que o qualificam como instrumento midiático de poder.

3.2 O processo midiático e a produção discursiva

A proposta de análise da relação que envolve mídia e poder, complexificada pelo discurso, formulado estrategicamente, parte da necessidade de ser discutido um conceito básico que esclareça, antecipadamente, o que é e como pode ser caracterizado esse relacionamento.

Há muitas maneiras de se tratar as relações entre discurso e poder: para uns, as instâncias discursivas são produto, para outros causa e para outros são a própria essência constitutiva do poder.

Se o uso da linguagem, como afirma Fairclough (2001 : 33)

é formado socialmente, ele não é formado de maneiras monolíticas ou mecânicas. Ao contrário, as sociedades e as instituições e os domínios particulares dentro delas mantêm uma variedade de práticas discursivas coexistentes, contrastantes e freqüentemente competitivas (“discursos”, na terminologia de muitos analistas sociais) (...)

é razoável pensar que a linguagem descubra formas e sentidos para representar diferentes possibilidades de prática social mediadas por ela, ainda que essa prática esteja implicada com a constituição de um discurso radiofônico tomado como um instrumento midiático de poder.

Dessa forma, podemos passar a entender por processos midiáticos, toda ação voltada à comunicação humana, cuja mediação é feita pelos meios de comunicação de

massa, os chamados *mass media*. Esse processo constitui-se forma dinâmica e abrangente, em número maior ou menor de aderências à lógica do meio. Compreende desde as instâncias produtoras e receptoras, com os respectivos sujeitos envolvidos e os contextos, amplos e/ou restritos, que os conformam; dos próprios meios empregados na produção e circulação das mensagens; dos produtos midiáticos frutos desse processo; à complexa relação entre as diferentes linguagens empregadas na manifestação de tais produtos.

No caso do rádio, esse processo foi ganhando, ao longo dos anos, contornos bem definidos, que, de certa forma, apontam para a multiplicidade de gêneros ou formatos e áreas de conhecimento com as quais estabeleceu interfaces, o que dificulta muitas vezes o estabelecimento dos limites necessários à própria caracterização do processo produtivo radiofônico, como, de fato, registramos na introdução do presente trabalho.

Contudo, se o que se pretende nesta discussão é conhecer um pouco mais sobre o campo das relações de poder que a mídia estabelece, ao constituir seus próprios discursos, é conveniente reportarmo-nos a uma questão fundadora: os processos midiáticos, em razão de suas relações internas e externas com as fontes de produção não têm, a nosso ver, autonomia suficiente, visto que se encontram sob o abrigo de uma área mais ampla – a Comunicação Social, que, aliás, só passou a se propor como área de conhecimento pela relevância que tais processos foram assumindo no mundo contemporâneo.

Uma das principais características do discurso midiático, segundo Serra (2001) é o fato de ele se apresentar como um discurso acabado e de funcionar, aparentemente, sem intermitências, nem vazios.

Segundo essa autora (*op. cit.*),

O funcionamento dos discursos espontâneos, dos discursos que trocamos uns com os outros no decurso da vida quotidiana, mostra-se intermitente, pontuado por todo um conjunto de hesitações, de esperas, de rupturas, de silêncios, de derivas (Rodrigues, 1997). O discurso midiático pelo contrário, flui de maneira constante e ininterrupta, encadeia enunciados que se apresentam habitualmente de forma acabada, e esconde os seus processos de origem.

Esse efeito de completude, a que se refere a autora (*op.cit.*), resulta da camuflagem de identificadores textuais na formulação discursiva, obtida pelo uso sistemática da terceira pessoa do plural que, para a produção de sentidos, representa uma forma estratégica de fugir da individualização do locutor, como se observa à linhas 43-45, do segmento a seguir. Essa prática discursiva abre perspectiva de universalidade referencial àquilo que se formula, fato que oferece credibilidade ao discurso, independentemente da posição que o locutor ocupa.

45 NÓS... do Timão POvo que clamamos aos torcedores PAZ nos estádios de futeBOL não poDEmos ser VÍtimas DESsa vioLÊNcia no exercício de NOSsa atividade... vioLÊNcia irresponsavelmente incentiVAda com

Também o discurso da mídia leva em conta a necessidade de apresentar-se sob a perspectiva da transparência ou da visibilidade universal, e essa condição corresponde diretamente à sua natureza aberta, eivada de efeitos generalizantes, visto que ao apresentar-se perante a opinião pública, manifesta seus argumentos de maneira clara, de modo a interagir com o maior número de interlocutores, sob pena de gerar conflitos interacionais indesejáveis com seu auditório.

Nem sempre o discurso midiático desempenha uma função harmonizadora ou de compatibilização entre pontos de vista divergentes. Por vezes, exacerba essas diferenças. Muitos dos atuais conflitos aparecem instigados e por vezes despontados, na seqüência da formulação do discurso midiático.

A partir dessas observações, entendemos que, quando um locutor/editor formula seu discurso a um auditório, relativamente indiferenciado e, em muitas das vezes, distante, como o é o do programa Esporte Total, a contar pelo dispositivo em que se inscreve, esse locutor não tem oportunidade de promover uma interação verbal pessoalmente e, por isso, por meio da utilização de estratégias argumentativas, como as já descritas no Capítulo anterior, tenta aproximar seu processo de formulação discursiva da compreensão responsiva ativa de seu interlocutor.

No entanto, não se pode garantir, nesse tipo de interação, adesão completa e imediata, uma vez que há riscos nos planos de argumentação que nem sempre são bem avaliados por quem os elabora.

Desse modo, entendemos que a análise das diferentes funções e estratégias que o discurso midiático apresenta contribui para um entendimento maior não somente de suas fronteiras, sua permeabilidade pelos outros discursos mas, sobretudo, de suas relações de poder como formador (ou não) de opinião.

3.3 Discurso do radiojornalismo esportivo como instrumento de poder midiático

É bem verdade que muitos gêneros circulam na mídia. Essa profusão decorre da complexidade e diversidade das práticas sociais tomadas pela linguagem. Na esfera da materialidade genérica, há pontos de tomada conceitual muito peculiares.

A relação dessa diversidade de práticas sociais com a apropriação de gêneros encontra alinhamento com o conceito de gênero discursivo formulado por Bakhtin (2000: 279), ao afirmar que

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de se

surpreender que o caráter e os modos desta utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, (...).

Fairclough (2001) postula que, da mesma forma que o discurso é moldado, é também formador da estrutura social. A partir deste princípio, esse autor (*op. cit.*) diferencia três aspectos dos efeitos construtivos do discurso: 1) como construtor das identidades sociais e posições do sujeito na esfera social (tendo a linguagem função identitária) 2) como edificador das relações sociais entre os indivíduos (tendo a linguagem função relacional); 3) como produtor de sistemas de conhecimentos e crenças (tendo a linguagem função ideacional).

Nessa perspectiva, entendemos que as práticas discursivas circunstanciadas pela mídia podem contribuir para reproduzir a sociedade ou para transformá-la. No caso específico do discurso radiofônico do editorial do “Timão do Povo”, observando sua *performance*, nós o identificamos como um instrumento de poder midiático, na medida em que produz e reproduz significados, sob coerção ou não do dispositivo em que se inscreve.

Em sua formulação, há um traço característico do discurso polêmico que é a ironia. Ela pode estar representada, simbolicamente, tanto numa afirmação, num elogio ou num conselho que o locutor, sarcasticamente, dirige ao interlocutor, no sentido de induzi-lo a fazer o que foi pedido ou dele se afastar.

Quando investigamos a natureza desse recurso, verificamos que ela se define, segundo Mauro (2004) tanto pela matéria da qual se ocupa quanto pelo método que subjaz e orienta o processo de sua constituição, como o que se apresenta à linha 67:

65 lá... manda um vagabundo *proVA* que eu tô *roBANdo dinheiro*... eu *num Vivo* do São Bento que nem vocês vive... eu *num Vivo* não...
L1 – (...) aINda acrediTAMOS no jornaLISmo sem cenSURas... ..

Observamos, no turno de L1, utilização da ironia, como estratégia argumentativa importante, uma vez que se apresenta como expediente de fechamento da formulação discursiva do editorial e, ao mesmo tempo, em seu posicionamento estrategicamente conclusivo, recupera e resume a opinião do locutor/editor a respeito dos fatos e comportamentos discursivos que o motivara levar ao ar o editorial do “Timão do Povo”.

A ironia, segundo Brait (1996 : 58),

[...] pode ser enfrentada como um discurso que, através de mecanismos dialógicos oferece-se, basicamente, como argumentação indireta e indiretamente estruturada, como paradoxo argumentativo, como afrontamento de idéia e de normas institucionais, como instauração polêmica ou mesmo como estratégia defensiva.

O discurso do locutor/editor (L1), valendo-se da ironia como elemento de argumentação, trabalha com a premissa de ser o programa Esporte Total um espaço democrático para livre manifestação de opiniões, o que não corresponde exatamente aos fatos. Assim o faz, quando L1, em segmento anterior, (às l. 49-51), sugere, e não pede ou determina, que os órgãos de segurança pública deveriam *monitorar e cadastrar dirigentes desorganizados e também arruaceiros*, numa alusão ao comportamento do “cartola” do Esporte Clube São Bento (L4), por força de suas declarações junto à mídia, especialmente à diretoria do programa “Esporte Total” da Rádio Cruzeiro do Sul FM.

A tese de adesão inicial do locutor, que se refere à indignação profissional da equipe do “Timão do Povo”, diante o cerceamento do direito de informar o público-torcedor sobre o que acontece com seu “clubes do coração”, fundamenta-se em fatos ou em presunção, para fazer com que o auditório se convença dos argumentos e reconheça, no trabalho de jornalismo feito pela referida equipe, o fazer-jornalístico isento, que faz concessões e, sem impor censura prévia, procura dar voz aos seus interlocutores.

A presença desse recurso argumentativo, observada com maior ênfase no fechamento da formulação do discurso radiofônico do editorial do “Timão do Povo”, contribui para o desvelamento de boa parte do jogo comunicacional entre o *ser* e o *parecer* presentes, simultaneamente, no discurso formulado por locutor/editor (L1) em direção a seus interlocutores.

Se observarmos a peculiaridade presente na formulação desse discurso, em relação às vozes colocadas, estrategicamente, em situação de conflito, podemos dizer que a ironia, como recurso de argumentação em nosso *corpus*, é considerada, segundo Brait (1996 : 15)

[...] como confluência de discursos, como cruzamento de vozes.

Por esse enfoque, a ironia é surpreendida como procedimento intertextual, inderdiscursivo. [...] Em outras palavras, a ironia será considerada como estratégia de linguagem que, participando da contribuição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura polifonia, ainda que essa polifonia não signifique, necessariamente, a democratização dos valores veiculados ou criados.

A partir dessas observações, entendemos que a identificação e descrição desse recurso são importantes porque, a partir dessas ações, além de verificarmos o que está implícito sob a formulação aparente de um editorial, como o nosso, localizando o que há nele de contraditório, também avançamos na compreensão de um ponto importante que aponta para a gênese desse gênero específico e que diz respeito ao aspecto composicional relacionado à formulação discursiva desse gênero.

Ora aproximando-se da configuração original do gênero editorial, como é socialmente cristalizado, ora incorporando nessa formulação elementos incomuns à composição tradicional do gênero editorial, como é o caso flagrante do discurso citado no citante, esse modo estratégico de organizar os elementos e recursos argumentativos, garante a dimensão polêmica do discurso do radiojornalismo esportivo.

À medida que se observa, na constituição específica desse discurso, um modo específico de refletir e, ao mesmo tempo, refratar um fato sociocultural ligado à realidade entendemos que essa refração define-se não só pela forma de organizar o discurso, mas como esse discurso, sob a mediação do radiojornalismo esportivo, é tomado pela sociedade.

Nesse sentido, podemos considerar outro viés, complementar à perspectiva de gênero apresentada que considera, segundo Martín-Barbero (1995 : 40), a recepção/circulação do gênero não apenas como uma etapa do processo de comunicação midiática, mas um lugar novo para repensar o processo global da comunicação.

A esse respeito, é de vital importância o reconhecimento das condições de produção do discurso radiofônico pois, ao constituir-se, leva em conta a relação íntima com o radiouvinte que, em última instância, opera a produção e a reprodução de significados veiculados a partir dos discursos e gêneros construídos nessa esfera.

Fairclough (2001) defende o princípio de que os efeitos sociais dos discursos precisam ser compreendidos e qualificados. A relação observada entre eles e as práticas sociais não devem ser tratadas, segundo esse autor (*op. cit.*) como “simples causalidade mecânica”, uma vez que não cabe dizer que determinados aspectos dos textos transformam a vida das pessoas, ou causam efeitos políticos.

Além disso, observa o autor (*id.*), causalidade não é o mesmo que regularidade. Não existe uma relação de causa e efeito que seja regularmente associada com um discurso ou com aspectos dos discursos. Todavia, eles produzem efeitos sobre as pessoas, e tais efeitos são determinados pela relação dialética entre discurso e contexto social.

Ao observar o desenvolvimento desse processo, verificamos que os gêneros e as relações entre eles sofrem transformações ao longo do tempo e têm baixa resistência à

coerção de determinados dispositivos midiáticos. Dessa forma, é bem provável que possam emergir, num contexto global de mudanças aceleradas, novos subgêneros (*Chat* e *e-mail*, por exemplo), e outros, pela situação constante de uso, cristalizam-se.

O radiojornalismo esportivo ocupa um lugar importante de mediação da realidade⁴¹, onde temas de diferentes campos sociais passam pelo processo de midiatização a partir de um entrecruzamento de gêneros e discursos que se convertem, na maioria das vezes, em disputas acirradas.

Diante das perspectivas apresentadas, fica patente a dificuldade de se trabalhar com discursos inscritos em instância radiofônica, especialmente o de cunho esportivo, uma vez que a primazia dos estudos realizados por analistas do discurso como Ortriwano (1985), Lage (2001), Marques (2002), Marques de Mello (2003), Barbosa Filho (2003), entre outros, volta-se aos discursos consubstanciados pela mídia impressa e, conseqüentemente, o que passa a interessar são os gêneros produzidos naquela instância, em seus respectivos suportes.

Dessa forma, um dos enfoques que pode nos ajudar nesse trabalho de caracterização é o de Eco (2002 : 5), que compara o discurso do campo do esporte a uma *falação esportiva*, cuja aparência é a do discurso político, ressaltando que o objeto das enunciações, nesse caso, não mais se direciona ao Estado, como instituição de poder, mas sim ao *estádio* com seus bastidores, como cenário de um grande jogo de acirradas disputas.

Para esse autor, o discurso da mídia que cobre o esporte desempenha o papel de uma falsa consciência em razão de sua prática alienante e, por isso, pode ser comparado apenas a uma *falação* com pretensão hegemônica, enquanto discurso que, ignorando a vivência das práticas desportivas, torna-se fim em si mesmo.

⁴¹ A julgar pela expressão cunhada por Nelson Falcão Rodrigues (1912-1980) que dizia ser o “Brasil, o país do futebol”, pelo fato de exibir o melhor currículo das seleções internacionais de futebol: de onze Copas Mundiais de Futebol, disputadas até então (década de 80).

Ao tratar da condição quase mítica que o futebol assumiu na sociedade moderna e, por conseguinte, sobre o *status* de discurso hegemônico que alcançou o discurso do jornalismo esportivo, Eco (*ibidem*), salienta que:

(...) falação, assim, aparenta ser a paródia do discurso político. Entretanto, como nessa paródia todas as forças que o cidadão tinha para o discurso político acabam se destemperando e disciplinando, a falação esportiva passa a ser ela mesma o sucedâneo do discurso político, a ponto de chegar a ser o próprio discurso político. Daí que o esporte desempenharia o papel de falsa consciência. E mais: a falação sobre o esporte dá a ilusão de que se pratica o esporte; o falante se considera esportista e não percebe mais que não pratica atividade esportiva alguma. A falação, assim, é a possibilidade de compreender tudo sem qualquer apropriação preliminar da coisa. (apud Marques, 2002: 5).

Visto por esse ângulo, o discurso de radiojornalismo esportivo torna-se emblemático à medida que problematiza o viés opinativo e simula acabamento, pois que, para sua operacionalização, não apresenta intermitências, hesitações ou vazios.

Considerar esse posicionamento implica colocarmo-nos diante de um quadro de divergências sobre critérios e procedimentos que muitos estudiosos, de diferentes matizes, defendem para criação de um referencial teórico sustentável acerca do discurso em jornalismo esportivo.

É fato que as relações de poder permeiam, de modo geral, a produção midiática em relação à constituição discursiva, à medida que prioriza alguns gêneros em detrimento de outros. Nesse sentido, verificamos que não apenas a relação do esporte com a mídia mudou, mas mudou também a produção de gêneros midiáticos relacionados ao esporte. Esse fenômeno ocorre, especialmente com o advento dos *mass media*, uma vez que o esporte, pelo que passou a representar mercadologicamente para esses meios, optou por uma espécie de tematização para seus produtos midiáticos. O grau de influência que o campo do jornalismo esportivo vem exercendo, nos últimos

anos, sobre o comportamento social é grande, haja vista o interesse pela carreira de ídolos, clubes e campeonatos nacionais e/ou internacionais.

No rádio, as palavras constroem diferentes apelos e dão mais densidade para o discurso. Os apelos e a densidade do discurso radiofônico justificam o fato de o rádio ser o meio de comunicação que melhor reflete a relação entre mídia e poder. Dessa forma, o discurso formulado em rádio é resultado de um conjunto de técnicas e operações complexas que implicam o conhecimento dos sistemas expressivos da palavra radiodifundida e a utilização de recursos técnicos que produzem efeitos de sentido específicos.

A palavra, os recursos prosódicos e os efeitos especiais de edição radiofônica funcionam, no discurso do radiojornalismo, segundo Meditsch (2002), como uma unidade conceitual quando combinadas, pois, ao exercer interação modificadora no auditório, aumenta as possibilidades expressivas do *midium*.

Cabello (1999) coloca, como especificidades do discurso radiofônico, o uso de um estilo próprio oral-auditivo a partir de características de *tempo* (velocidade de fala), *dinâmica* (ênfase da frase), *melodia* (seleção de palavras eufônicas), *sons complementares* (para ampliação dos dados), *voz* (rica em inflexões, persuasiva, capaz de conduzir a mensagem), *articulação* (que complementam a clareza com o volume e a intensidade da voz, constituindo-se um estilo de quem fala) e *linguagem* (do locutor adequada ao texto radiofônico).

Nessa perspectiva, o discurso do radiojornalismo, com todas essas especificidades lingüístico-discursivas, próprias do dispositivo, tem uma importância significativa para o campo do jornalismo esportivo, uma vez que boa parte da opinião pública, no Brasil, está permeada por temas e discussões acerca do mundo dos esportes, em especial, o futebol. Por essa razão, o discurso do jornalismo esportivo passa a ser mais requisitado

pela mídia que, ao mesmo tempo em que se especializa em novos suportes, especializa seus discursos, incluindo os do campo esportivo.

Com cenário propício, reunindo fatores que interessam à chamada era da *espetacularização da notícia*, o discurso do radiojornalismo esportivo ganha fôlego e potencializa seus atributos no sentido de impor condições, marcar limites, avaliar posições, estabelecer critérios de julgamento.

O *mise-en-scéne*, tomado para consecução desse objetivo, no caso do processo de formulação do editorial do “Timão do Povo”, envolvendo não somente o uso de argumentos e estratégias argumentativas, descritas no Capítulo II, mas, e principalmente, o modo estratégico de organizar o discurso, acaba fazendo parte, em maior ou menor grau, do processo que reproduz ou legitima, o discurso midiático como instrumento de poder, considerando que é poder que emana do discurso.

Desse modo, a utilização da língua, seja quando ela é tomada pelas interações verbais cotidianas, seja quando tomada por esferas midiáticas, assume um propósito que é o de discutir valores e crenças que ampliem nossa percepção sobre o mundo e sobre o grupo social com o qual interagimos. Essa perspectiva aponta para uma certeza: podemos, de acordo com Fairclough (2001) perceber o discurso como uma forma de ação no mundo e na sociedade.

Indignar-se, ao nível do discurso, perante a opinião pública, pelo fato de ainda serem observados determinados comportamentos no meio desportivo, colocando o exercício do radiojornalismo sob censura, ou ainda, colocar o discurso do radiojornalismo esportivo como instrumento midiático de defesa de torcedores, supostamente subjugados e destratados por gestos e palavras de “cartola”, são procedimentos adotados no interior do editorial do “Timão do Povo”, conforme mostra o segmento que compreende as linhas 25-27, 30-31, 34-35 e 37-38. Esse discurso

específico, que destaca o papel positivo do jornalista, frente ao papel negativo do presidente do clube, mostrou-se capaz e eficiente em seu modo de agir sobre a sociedade, provocando, seja pela força de seu conteúdo temático, seja pelo estilo marcado pela retórica, seja pelo inusitado de sua formulação, alteração no comportamento da opinião pública, pois mostra que o torcedor saiu perdendo.

25 **L1** - superada a violência - - torcedores e jornalistas - - veio a derradeira
medida... nossa emissora foi impedida de realizar seus trabalhos nos vestiários
do São Bento... quando um profissional de imprensa é proibido de exercer sua
função quem na verdade perde seu direito à informação é o ouvinte... é o
dever de todo órgão de imprensa tornar de conhecimento público todo e
30 qualquer fato relevante que acontece na sociedade na qual vivemos... isso
ocorre também no esporte... nossos profissionais nunca serão omissos à
opinião e informação aos torcedores... torcedores que tiram dinheiro do próprio
sustento básico para comprar o seu ingresso... para que possa saber tudo o
que acontece com o seu time do coração... torcedores que pagaram seu
ingresso e após serem agredidos por gestos e palavras... também perderam
35 direito à informação... o presidente do Esporte Clube São Bento talvez sinta
saudade da ditadura... da época da repressão política e da proibição da
livre manifestação de pensamento no Brasil... e atitudes como estas... não de
seu proprietário... mas sim do mandatário do Esporte Clube São Bento
40 infelizmente também colocam no mesmo balcão da violência e falta de
educação todos os seus pares de diretoria... patrocinadores... atletas e

Assim, se pensarmos no papel que desempenham os discursos que circulam na mídia e por ela são veiculados, constatamos que eles exercem papel decisivo na construção e, de certa forma, legitimação de identidades sociais, uma vez que os discursos construídos pela mídia, passam a ser, de certa forma, aqueles que são construídos por nós, a partir dessa relação, basicamente, de dependência, uma vez que por meio do discurso midiático, usando suportes e situações discursivas variadas, a visão da realidade que nos chega assemelha-se às características de um mundo não vivido por nós. Esse fenômeno, que registra a força e o poder do discurso das mídias, leva em conta o processo específico de seleção de discursos e gêneros que deles se utilizam.

Nesse sentido, podemos dizer que as observações precedentes tomam a direção semelhante àquela proposta por Fairclough (2001), quando discute a questão da formação da opinião pública a partir da posição dos *mass media*. Para esse autor (*op. cit.*:144) pode-se dizer que a mídia de notícias efetiva o trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder de modo disfarçado e oculto.

Alguns fatores extralingüísticos podem contribuir para o entendimento desse modo, por vezes complexo de se constituir o discurso que emana dos processos midiáticos, com força de instaurar polêmica. É sobre esses fatores determinantes que iremos tratar a seguir.

3.4 A Ideologia, o Contexto e o Discurso: elementos que garantem o exercício do poder midiático

As estratégias argumentativas, as interações com auditórios variados, o contexto que determina condições de produção e recepção, as motivações ideológicas que subjazem ao próprio discurso, sem contar as próprias regras internas do campo do radiojornalismo, podem ser considerados elementos favorecedores que ajudam a conceber o espaço do radiojornalismo como um lugar propício ao exercício do poder midiático, na medida em que cada fator procura destacar-se na constituição do discurso próprio desse campo.

Compreendido dessa forma, o campo midiático caracteriza-se como favorável ao desenvolvimento de relações tensas, uma vez que alguns discursos do jornalismo esportivo, em especial os da mídia eletrônica, apresentam-se com maior eloquência para legitimar o esporte, o que acaba provocando novas tensões em relação aos demais.

À luz de teorias como as da Análise Crítica do Discurso, se considerarmos a situação de produção em que o discurso se dá, como se observa a partir do turno de L1, às l. 13-17.

- 10 **L4** - ((*fala do presidente interrompe reportagem com jogador*)) (...) vai você também Luís AuGUSto... Érico... Cruzeiro do SUL... vai si fuDÊ...
 L3 - ah... brincaDEIra...
 L1 - as razões de tamanha agressÃO são as críticas receBidas pela torcida... todas ESTas... demoCRATICamente levadas ao ar por ESTa emissora... não faltando também em nossa programação os eloGIos que... por Ora... pela PÉssima campanha da eQUIpe estão esCAssos... para desesPEro deste dirigente...
- 15

Nesse segmento, observamos o estabelecimento de uma relação íntima dessa situação com os aspectos que a formulação assume, pois que ele inclui as falas de L3 e L4 no editorial, para mostrar que verdadeiramente ocorreu uma agressão e poder referir a ela. Isso não impede de refletirmos, a exemplo do que nos propõem van Dijk (2005), sobre *o que* tem e até mesmo *o quanto* tem de ideológico esse discurso pois, segundo esse autor (*op. cit.*, 2005 : 74),

(...) para perceber o papel da imprensa e das suas “mensagens”, precisamos de prestar uma atenção detalhada às estruturas e estratégias desses discursos e aos modos como estes se relacionam com os dispositivos institucionais, por um lado, e com a audiência.

Nesse sentido, ao priorizarmos, nessa mesma situação de produção, a análise do conteúdo da formulação discursiva, poderemos, segundo van Dijk (*id.*) identificar qual é a ideologia que atravessa todo o discurso.

Por um lado, essa análise aponta para um sujeito social (L4) que se posiciona ideologicamente, mesmo que à distância, em confronto (conforme apontamos no segmento a seguir, às linhas 56-60, com ênfase às linhas 61-62), com seus

interlocutores, em especial um locutor que assume, em seu discurso, o objetivo de emitir uma opinião, não uma qualquer, mas a do meio que representa.

55 NOssa programação... lamentAMOS o desresPElto e a vioLÊNcia à voCÊ torcedor... razão do nosso trabalho e Único responSÁvel pelo Esporte Clube São Bento... ESTa.. é a opinião do tiMÃO do Povo...

60 L3 - então PEga (o cargo) de presidente... PEde pro Luis Augusto peGA:: minha mãe num pode VIM.. minha mãe vai em tudo jogo coMigo... minhas filha... em TUDO... p / causa daquele vagaBUN::do num puDEro vim hoje... e ele fica no ar condicionado porque é coVARde... venha aQUI... venha aQUI... abre lá os e-mail pro ChiQUIInho... pro CHIna... pros (*) pra faLA mal de mim LÁ... manda um vagabundo proVA que eu tô robando diNHEro... eu num Vivo do São Bento que nem vocês VIVE... eu num vivo NÃO...

É nessa situação de conflito interacional que o locutor/editor tem de tomar uma posição diante dos fatos observados por ele, pelo meio e pela sociedade sobre a qual seu discurso pretende agir.

Depreende-se das observações que o discurso do editorial do “Timão do Povo”, nesse contexto de contradições, segundo Beltrão (1980 : 60),

tem sempre de tomar partido, pois sua finalidade é aconselhar e dirigir as opiniões dos leitores. Não se pode reservar: tem de decidir-se. (...) pois está, por essência, comprometido a dizer em voz alta o que pensa. (...) Está-lhe vedado dar o silêncio por resposta ao interrogatório da atualidade, ou dar uma resposta ambígua. (...) O jogo bonito de não comprometer-se, de expor os prós e os contra, embora sem desatar o nó da dúvida, pode resultar engenhoso, mas adoece de estéril...

Nessa perspectiva, a identificação dos componentes ideológicos que subjazem à situação de produção do referido editorial ajuda a ampliar nosso conhecimento sobre as conexões e níveis de relacionamento e influência que as estruturas discursivas exercem, de acordo os postulados da Análise Crítica do Discurso, sobre as estruturas e o conteúdo dos modelos mentais e atitudes dos produtores (locutores e interlocutores). Segundo Van Dijk (2001), a linguagem, a depender de seu uso e motivação, pode, além

de expressar poder, também mostrar como o poder, sob o ponto de vista ideológico e discursivo, se inscreve nas práticas sociais organizadas a partir do uso da linguagem.

No entanto, há outro ponto para o qual queremos chamar a atenção, visto que pode exercer influência nas instâncias de produção, circulação e compreensão discursivas, que é a posição que socialmente os locutores desempenham.

A formulação discursiva do locutor, nas instâncias de produção em se que coloca, é quase sempre pautada por um quadro conceitual (van Dijk, 2004), por meio do qual ele organiza, estrategicamente, seu plano de argumentação de modo a enfatizar suas características positivas e minimizar os mesmos atributos em seu interlocutor.

Nesse procedimento, o importante passa a ser o posicionamento indicativo de *como*, mais do que *o que* falamos de nós próprios e dos outros.

O fragmento do editorial, a seguir, exemplifica esse caráter de avaliação proveniente do quadrado ideológico proposto por van Dijk (200), a partir do turno selecionado, no qual L1 apresenta seu plano argumentativo, visando desqualificar, (conforme linhas 36, 37 e 38), L4, à medida que faz, sobre ele, referências desabonadoras acerca de sua ideologia e de seu comportamento agressivo, para o qual usa o recurso do *Argumento por Analogia*, ao comparar o comportamento violento e deseducado do “mandatário” do Esporte Clube São Bento, aos demais correligionários do presidente, conforme expresso às linhas 41-42.

- 35 seu inGREsso e após serem agreDIdos por GESTos e paLAvras também
perderam diREItto à informação... o prediDENte do Esporte Clube São BENTo
talvez sinta sauDAde da ditaDUra... da época da repreSSÃO política e da
proibiÇÃO DA livRE manifestaÇÃO do pensaMENto no Brasil... e atitudes
como estas... não de seu proprieTÁRIO... mas sim do
- 40 seu mandaTÁRIO do Esporte Clube São Bento infelizMENTe também colocam
no mesmo baLAIo da violÊNcia e falta de educaÇÃO todos os seus PAres de
diretoria... patrocinaDOres... aTLEtas e funcioNÁrios...

Ainda, a presença, à linha 37, de um modalizador (*talvez*) – com intenção de ironizar o “cartola” – é inscrito no discurso de L1 com o propósito de revelar uma possibilidade de identificação ideológica de L4, uma vez que o enunciado dado por esse modalizador sugere que seu conteúdo não tenha sido, ironicamente, assumido por seu locutor. Esse mecanismo pode ser observado a partir do uso da expressão *também* (linha 40). Eleita pelo aspecto de valoração que representa, a seleção lexical desse modalizador tem importância vital para construção desse processo de desqualificação previsto por van Dijk (2004) e que se ajusta ao modelo construído pelo locutor/editor.

A esse conjunto de fatores em cuja esfera se produz o discurso – oral ou escrito –, é que denominamos *contexto discursivo*, e à soma do texto e do contexto discursivo como conjunto de atividade comunicativa, discurso.

Como programa líder de audiência no horário e por enunciar-se de forma prioritária no radiojornalismo esportivo, podemos dizer que a vocação do discurso do “Timão do Povo”, ao levar ao ar o programa *Esporte Total*, sempre foi a de oferecer informação o radiouvinte, com cobertura diária, e quase exclusiva, de fatos e acontecimentos do mundo esportivo que interessam ao torcedor sorocabano.

Por essa razão, ao lado do chamado “expediente diário” da última rodada pelo campeonato, abordando apenas resultados dos últimos jogos e/ou transações de atletas com novos clubes, o diretor geral e editor do programa reserva, sistematicamente, um espaço na programação, para emitir opiniões que representam, segundo ele, o pensamento do “Timão do Povo” – referência direta à equipe de radiojornalistas, contratados pela Cruzeiro FM, que estão empenhados em oferecer o que há de melhor no jornalismo esportivo do rádio sorocabano –, nunca o dele próprio.

A inserção, portanto, de um tipo específico de discurso que apresenta características da linguagem radiofônica, mas se inscreve em um gênero incomum à

grade de programação voltada ao radiojornalismo esportivo, chama a atenção para um outro fator que reside na representação de conteúdo a partir da escolha de enunciados tomados por essa linguagem.

Isso quer dizer que, quando esse discurso passa a relacionar-se com determinadas estratégias que exploram a expressividade por meio de elementos lingüísticos e não-lingüísticos (no caso em estudo, os *prosódicos*), é sinal de que a seleção lexical também pode representar conteúdo ideológico, invocando a adesão de um auditório.

Como se observa, o processo discursivo vai além da competência dos sujeitos envolvidos em uma interação verbal, quando se leva em conta a tarefa de ativar e organizar os planos de argumentação.

Vale lembrar, ainda, que há outros fatores imbricados nesse processo, como já nos sinalizou o estudioso da Análise Crítica do Discurso, Van Dijk (2001), ao constatar que o discurso não só reproduz, mas também ajuda a construir diferentes classes de conhecimento, dependendo do tipo de conhecimento invocado pelo grupo social afetado, podendo esse conhecimento produzido passar a ser, em razão da interação social, compartilhado pelos interactantes.

Isso equivale afirmar que locutores e interlocutores podem, dentro de circunstâncias modificadas pela ação de um dado contexto e de implicações ideológicas, determinar, decodificar e interpretar as possibilidades e os modos de formulação, o que nos faz acreditar em que todo e qualquer discurso, ideologicamente marcado, é incontrolável à pressão do conflito sobre as interações sociais. Isso decorre dos recursos discursivos que podem efetivar, ou não, a ação ideológica de tal maneira que, sem revelar os interesses, possam produzir os efeitos de convencimento e de poder desejados.

A partir dessas observações, podemos entender que o modo pelo qual os discursos são organizados, em dado contexto e sob influência de determinada ideologia, pode revelar traços importantes para a análise do exercício do poder midiático, uma vez que há, para esse fim, um conjunto complexo e tenso de estratégias que são oportunamente ativadas.

3.5 Timão do Povo *versus* Time do Mandatário: o poder midiático em jogo (fora do campo)

Como o radiojornalismo ocupa um lugar de mediação da realidade, pode-se dizer que o esporte, ao lado de tantos outros temas dos campos sociais que passam pelo processo de midiaticização, leva em conta sua relação com o meio e com os sujeitos que, de uma maneira ou outra, afetam essa relação. Por essa razão é que dizemos que o trabalho desenvolvido pela mídia, em especial a radiofônica, na construção de sentidos demanda um grande esforço de negociação entre as diferentes vozes e suas diferentes intenções, em grande parte, imbricadas em interações complexas que envolvem, geralmente, disputas pelo poder midiático.

A assunção do estilo polemista, ao considerar esse cenário de disputas internas e externas ao discurso do radiojornalismo esportivo, pode ser percebida quando relacionamos esse estilo peculiar de discurso com o discurso de uma imprensa que questiona, por exemplo, os métodos gerenciais de um “cartola” frente a um clube que dirige.

A tensão discursiva, decorrente desse relacionamento problemático, constitui uma marca do perfil discursivo do locutor/editor em questão, visto que este sempre fez

questão⁴² de assumir explicitamente posicionamentos ideológicos, especialmente aqueles que defendia para implementar, apesar de controvertido, mas eficaz modelo de gestão junto ao clube, que foi capaz de reconduzi-lo, em 2005, à elite do futebol paulista, fato que concorreu para despertar animosidades em todo meio jornalístico que acompanhava a trajetória do quase centenário Esporte Clube São Bento.

Foram as declarações desse “cartola” à imprensa falada e escrita, colhidas de forma convencionalmente ou em situações informais que desencadearam reações em alguns de seus interlocutores. Estes, tomados por concepções ideológicas antagônicas e exercendo papel que a própria mídia lhes confere (e conforma), deflagraram um processo ostensivo de contra-argumentação com o intuito de desqualificar não somente a imagem pública mas, principalmente, as manifestações lingüístico-discursivas feitas pelo tal “cartola” (David Ferrari Jr, L1). Assim, discursos anteriores promoveram a formulação do editorial no programa Esporte Total.

É fato que a linguagem, a palavra em si, vem carregada de significações, uma vez que ela expressa uma gama variada de relações sócio-historicamente construídas. Por essa razão, os confrontos nos quais L4 envolvera-se evoluíram para uma situação tensa e sem possibilidade de solução, servindo como subsídio para a constituição, em “medida extrema”, de um editorial radiofônico.

As matérias opinativas, colhidas, inicialmente junto à mídia impressa (conforme o que mostramos a seguir, no item 3.6, deste Capítulo), são revestidas, geralmente, de pequenas locuções feitas num tom languageiro, quase coloquial, porém, estrategicamente ajustado ao contexto do programa e do interlocutor presumido do qual faz idéia seu idealizador. Críticas acerca de resultados e *performances* individuais e / ou

⁴² Vimos acompanhando suas locuções.

coletivas, envolvendo agremiações locais ou não, são encaradas como posicionamentos de rotina dentro do programa e podem envolver apresentador ou repórteres.

Conquanto as manifestações de caráter opinativo possam ocorrer ao longo dos blocos do programa e, excepcionalmente, no início – fato que pode caracterizar alguma polêmica ou mesmo assunto de muita relevância e interesse do público ouvinte –, por duas vezes o programa lançou mão de um editorial para dar voz ao pensamento da equipe e da emissora.

A primeira ocorreu durante a greve de motoristas do transporte coletivo, em maio de 2005, impedindo torcedores de comparecer ao estádio municipal. A outra, foi exatamente essa que procurou analisar a situação polêmica com a qual se envolveu a diretoria executiva do Esporte Clube São Bento e os torcedores e a imprensa sorocabana.

E foi exatamente por conta desse último contexto de produção que o editor responsável e apresentador do Esporte Total – radialista Luís Augusto Lannaro de Andrade, 41, advogado e economista –, impelido certamente por uma motivação ideológica, de fundo discursivo controverso, decidiu inserir no bloco introdutório do programa, levado ao ar no dia 14 de março de 2006, um editorial cujos efeitos de sentido garantiram, além, é claro, da instauração da polêmica, também a renúncia, dias depois, do então presidente do clube e de toda sua diretoria, ou seja, o editorial cumpriu papel preponderante.

Constituído de forma muito peculiar, para ser veiculado num programa de jornalismo esportivo, o locutor, ao produzir seu discurso, procurou selecionar e estruturar um conjunto de elementos lingüísticos, segundo as afinidades que tinha com o suporte e, conseqüentemente, com o gênero, o que nos faz presumir que a produção desse tipo de discurso levou em conta, sobretudo, o modo de formulação, os elementos

prosódicos, o volume e a eloquência dos enunciados, sua organização e progressão temática, elementos estes que exercem grande influência na constituição do gênero e que dão credibilidade ao discurso midiático para, ao demonstrar o poder que lhe é imanente, exercer toda a sua autoridade no sentido de, como diria Foucault⁴³, *vigiar e punir*.

3.6 Caracterização de espaços midiáticos que mediam relações de conflito *dentro e fora de campo*

Como se fora uma espécie de prenúncio da materialidade discursiva expressa no editorial radiofônico estudado, o que apresentamos, neste tópico, ilustra o processo que serviu de base para construção do discurso de L1, em direção a L4.

Resultado de interações verbais assumidamente polêmicas, os recortes discursivos que estão circunscritos nos espaços da mídia impressa e que são apresentados para análise, parecem ter uma função bem definida que é a de fomentar o confronto, até que seja eliminada qualquer possibilidade de entendimento entre os interactantes confrontados para, a partir de então, pôr em prática uma medida extrema, que possa representar, solenemente, as expectativas dos veículos atacados por um sujeito social com interesses contrariados: produzir e veicular um editorial radiofônico com força de ser porta-voz da discórdia discursiva anunciada.

Essa decisão se revela, por um lado, altamente estratégica pelo fato de lançar-se em uma esfera do radiojornalismo que pouco prestigia esse gênero, a saber pela escassez de estudos que dêem conta de seus registros, mas, por outro, aponta para uma

⁴³ Referência à obra de Michel Foucault, *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*, lançada em 1975.

das perspectivas que nos interessa tratar que é a questão do jogo de poder que a mídia privilegia quando se sente afetada em seu *status quo*.

A decisão de nomear um gênero “editorial” mostra-se como uma estratégia para conseguir a adesão dos radiouvintes.

Para facilitar a compreensão do exposto, tomamos como exemplos dessa caracterização de confronto, alguns excertos de matérias jornalísticas, examinados em cinco instâncias (declarações esparsas, entrevistas, noticiário etc), produzidas por órgãos de imprensa, locais e regionais, como: jornais Bom Dia, Cruzeiro do Sul e Portal “Futebol Interior” (com endereço eletrônico <http://www.futebolinterior.com.br/>).

Conquanto sejam esboçadas algumas análises introdutórias, observemos na seqüência de exemplos, as possíveis marcas lingüístico-discursivas contidas nos enunciados produzidos pelo locutor e/ou seu(s) interlocutor(es), fato que pode ser explicado, como apontamos no Capítulo II, justamente pela escolha de determinados elementos que operam na organização de estratégias discursivas em ambiente polêmico de argumentação:

Exemplo 1 - Davi Ferrari Júnior, (já conhecido como L4), faz balanço de sua gestão frente ao São Bento e anuncia que vai deixar o cargo de presidente do clube até o final do mês. (Jornal BOM DIA, ed. 9/3/2006)

Quando assumi, os jogadores não tinham nem toalha e nem chinelos para tomar banho.

A denúncia do reportado, que vem pela desinência verbal de primeira pessoa do pretérito, em *assumi*, além de estabelecer uma relação de causa e conseqüência, remete o leitor a uma visão redentora daquele que *assume* as vicissitudes de um clube que, apesar de quase centenário, está em condições precárias de sobrevivência.

Podemos observar que a própria seleção lexical a que procede o locutor para caracterizar os jogadores (*não tinham nem toalha e nem chinelos*), confere à enumeração aditivada – construída com o uso do conectivo *nem* – uma avaliação depreciativa em relação aos atributos **deles** (desqualificação intencional dos dirigentes antecessores), em detrimento da auto-apresentação positiva (**minha**, como *cartola* atual) o que vem, mais uma vez, referendar o *quadrado ideológico*, postulado teórico acerca do processo de construção e desconstrução de imagem pública, proposto por van Dijk (2001).

Neste caso, quando se discute o papel da mídia e suas relações de poder, indica-se que, ao trazer para o leitor esse tipo de discurso, trabalha-se com a possibilidade de adesão ou repulsa à matéria apresentada, fato que evidencia uma clara intenção de manipular a opinião pública e, por conseguinte, chamar para si a tarefa de avaliar, criticar e depois, com o veredicto expresso em editorial, julgar e atribuir o juízo de valor que lhe convém.

Observe-se o discurso do cartola, no **Exemplo 2. Nele**, o presidente da Diretoria-Executiva do Esporte Clube São Bento, em entrevista à editoria de Esportes, do jornal Cruzeiro do Sul (edição de 10/2/2006), discorre sobre a decisão de manter-se na direção o clube,

O São Bento hoje não está nas mãos de oportunistas como é o caso do Araçatuba, Inter de Limeira, Matonense e União Barbarense.

Nesse segmento, observa-se no enunciado a dimensão ideológica do discurso que tanto pode transformar quanto reproduzir as relações de dominação. Há, por outro lado, marcas lingüísticas, recursos retóricos que também podem sustentar o posicionamento ideológico do locutor.

Logo na abertura do período, uma elipse clássica – a sintática – (*O São Bento (de) hoje*), cuja supressão de um único termo, conquanto guarde certa ambigüidade,

funciona também para que seja ativado, ao situar historicamente o time, o conhecimento de grupo (*Common Ground*) proposto por van Dijk (2001), o que exige do leitor uma certa previsibilidade na identificação do objeto sobre o qual se processa o discurso (pois, não é para qualquer época *vivida* pelo time e seus dirigentes que o “cartola” quer chamar atenção).

Ainda, nesse exemplo, podemos observar uma comparação própria que se estabelece (... *como é o caso...*) para a desqualificação de outrem entre três elementos, todos explícitos: o comparado (*São Bento*), o comparante (*Araçatuba, Inter de Limeira, Matonense e União Barbarense*) e o atributo (*mãos oportunistas*). Mais uma vez, o *quadrado ideológico* apontado por van Dijk (2001) se faz presente, visto que a caracterização imposta aos outros dirigentes de outros clubes garante distanciamento associativo de possível avaliação injusta de eventuais detratores do locutor-enunciador.

Já no fragmento, que tomamos para o **Exemplo 3**, “mas saio para facilitar a entrada dos críticos”, no qual Ferrari Júnior desafia os críticos a fazerem um trabalho melhor do que ele fez (Jornal BOM DIA, edição de 9/3/2006), é possível vislumbrar um certo “ajuste de contas” do locutor com seus desafetos. Isso se dá por meio do uso da conjunção adversativa (*mas*), com valor denotativo ajustado para fechamento, pois pressupõem eliminação de futuros questionamentos.

No **Exemplo 4**, a seguir, observamos avaliação de entrevista do presidente do Esporte Clube São Bento, Sr. David Ferrari Júnior, concedeu ao repórter-correspondente Rivail Oliveira, do Portal “Futebol Interior (em 4/5/2006):

Presidente do Bentão detona críticos e diz que vai renunciar

Sorocaba, SP, 04 (AFI) - O clima volta a ficar quente no São Bento. O clima de tranquilidade no clube, pela boa campanha e arrancada final no Campeonato Paulista, que colocou o clube de Sorocaba nas dez primeiras colocações, ficou em segundo lugar no time de Sorocaba, depois de uma entrevista do polêmico presidente do clube, o advogado David Ferrari Júnior à imprensa escrita.

Falando à reportagem do PFI, Ferrari disse que irá renunciar ao cargo de presidente do São Bento no final deste mês de abril. Segundo o jornal, nos últimos dias, o dirigente, que se diz perseguido por

autoridades, imprensa e torcida, expressou o desejo a amigos e pessoas mais próximas de sair do clube.

Segundo relata Ferrari ao correspondente Rivail Oliveira, diretamente de Sorocaba, a demissão seria coletiva, ou seja, de todos os membros da Diretoria Executiva e do Conselho Deliberativo. Inclusive, a secretária de Ferrari já teria iniciado o processo de obter a assinatura dos diretores e conselheiros para a carta de renúncia.

Durante a entrevista o presidente do São Bento soltou o verbo, apontou nome dos desafetos e disse que vai convocar uma entrevista coletiva para anunciar, oficialmente, a sua saída, além de desafiar os seus "desafetos" a assumirem os cargos.

Na entrevista ao Portal FI, Ferrari Júnior citou seus maiores "algozes": André Faustinho, integrante da Tusa (Torcida Uniformizada Sangue Azul); Djalma Luiz Benette, editor-chefe do jornal Bom Dia; José Antônio Matiello, o Setinho, secretário municipal de Esportes e Lazer; Luís Augusto Andrade, dono da Land Produções que mantém um programa de esportes na Rádio Cruzeiro FM; Luís Augusto Manenti, vice-presidente da Tusa e conselheiro; Maçonaria; Vitor Lippi, prefeito de Sorocaba.

A matéria jornalística, agora veiculada em suporte digital (cujo endereço eletrônico está localizado em <http://www.futebolinterior.com.br/>), embora procure apenas informar um fato, deixa transparecer o tom tendencioso da informação, rumo ao pré-julgamento, quando se refere ao entrevistado como “polêmico presidente do clube” (destacado no texto). Essa avaliação afasta qualquer possibilidade de neutralidade jornalística, pois pressupõe que as manifestações verbais do entrevistado haverão de causar mais alvoroço entre seus interlocutores, inclusive na própria mídia, como de fato ocorreu.

Ainda, face ao interesse desse veículo virtual, cuja mediação, não raramente é marcada por uma onda de fetichização da informação *on line*, onde as regras são ditadas pela velocidade, pelo tempo cada vez mais real, esse fluxo discursivo exemplificado neste caso, ajuda a alimentar e ampliar o poder da mídia, hoje já reconhecida nas mais diferentes esferas sociais como o “quarto poder”.

Finalizando o quadro de exemplificação, cuja finalidade é a de expor as relações que decorrem do poder de escolha, crítica e até pré-julgamento que a mídia apresenta, em alguns casos, o **Exemplo 5** ilustra uma questão que afeta o jornalismo, como um

todo: que critérios devem ser tomados para orientar o modelo de tratamento que pode ser dado a determinado fato, no sentido de se coibir a tentação do noticiário sensacionalista, uma vez que, por falta de relevância e alcance social, a divulgação desse fato, desse acontecimento, deixa-se envolver pelos apelos mercadológicos e transforma-se em objetos de expiação pública, por não representar tema de interesse público, mas de interesse de um tipo determinado de público?

O exame do referido exemplo, possibilita avaliar esse dilema sobre o qual a mídia contemporânea tenta dar respostas. A notícia é extraída do caderno “Esportes” do jornal Cruzeiro do Sul, (veículo de maior circulação na região de Sorocaba, SP), coluna “Toque de Leve”, (edição de 7/9/2006), com declaração do “polêmico” dirigente esportivo. O enredo para produção é uma “campanha difamatória” de que o “cartola” diz ser vítima, e o mote, supostamente observado, é a atribuição de culpabilidade da mídia sorocabana como responsável pela situação de confronto declarada entre locutor e interlocutores:

Vítima de perseguição

As histórias ditas por ele como inverídicas como esta da denúncia de jogadores irregulares, segundo ele são frutos de uma perseguição que ele sofreu por parte da imprensa local. Ferrari não quis citar nomes. *“Parte da imprensa em Sorocaba me perseguiu, colocaram até gravador escondido. Embora tenha feito um grande trabalho em 2005, eu sofri críticas pesadas, falando que o time era fraco e que iria cair, coisa que eu tinha certeza que não iria acontecer.”*

À queixa enunciada pelo dirigente desportivo, cabe uma ponderação. O poder que a mídia exerce está diretamente relacionado à capacidade que ela tem de estabelecer relações, seja com o público ou com o privado. E esse poder decorre de uma relação entre partes; portanto, o poder da mídia tem o respaldo da sociedade, uma vez que aceitamos esse papel de guardião que a imprensa exerce. A partir do momento que damos

à imprensa o poder de vigiar, estamos automaticamente dando a ela também o poder de coagir.

Para exercer, de maneira imparcial, esse papel, a mídia deve ser um reflexo dela e, dessa forma, investir-se da função de mediadora entre as partes, no sentido de provocar interação entre as mesmas. O que ocorre, invariavelmente, é que esse papel coercitivo potencializa discursos com posicionamentos tendenciosos.

Observemos, esse posicionamento expresso por L1, às l. 36-39, no segmento a seguir:

35 seu inGREsso e após serem agreDIdos por GESTos e paLAvras também
perderam diREItO à informaÇÃO... o presiDENTE do Esporte Clube São
BENto talvez sinta sauDAde da ditaDUra... da época da repreSSÃO
política e da proibição da Livre manifestação de pensaMENTo no
40 Brasil... e atiTUdes como estas... não de seu proprieTÁRIO... mas sim do
mandaTÁRIO do Esporte Clube São Bento infelizMENTe também
colocam no mesmo baLAIo da vioLÊNcia e falta de educaÇÃO todos os
seus PAres de diretoria... patrocinaDOres... aTLEtas e funcioNÁrios...

O discurso midiático, quando se materializa com essa formulação, autoriza-se a fazer uso, em seu *modus operandi*, da inferência que seu discurso pode provocar, uma vez que é facultada a ela própria a capacidade de “garantir” a veracidade daquilo que decide transformar em informação.

Esse expediente se explica à medida que compreendemos, como elemento do poder midiático, a manipulação de fatos reais que, para se ajustarem aos requisitos do discurso das mídias, ganham novos contornos de realidade, não raramente descambando para pré-julgamentos ou ilações, como se observa às linhas 39-40, 43-44 e 47-48, no seguinte segmento:

livre manifestação de pensaMENTo no Brasil... e atiTUdes como EStas... não de seu proprieTÁRIO... mas sim do mandaTÁRIO do Esporte Clube São Bento infelizMENTe também colocam no mesmo baLAIo da vioLÊNcia e falta de

40 educaÇÃO todos os seus PAres de diretoria... patrocinaDOres... aTLEtas e
funcioNÁrios... nós... do Timão POvo que clamamos aos torcedores PAZ nos
estádios de futebol não poDEmos ser vítimas DESsa vioLÊNcia no exercício de
NOssa atividade... vioLÊNcia irresponsavelMENTe incentivada com uma atitude
vioLENTa e infeLIZ deste diriGENte... aos órgãos de segurança PÚBLica fica o
45 aLERta... quando preocupam-se com as MAssas das torcidas organiZAdas...
cadastrando e reprimindo corretamente torcedores arruaCEIros deveriam
também... a partir DESte momento, monitoRAR e cadasTRAR dirigentes
desorganiZAdos e também arrua:CEIros... nosso trabalho ao longo de quase

A manipulação do discurso midiático, observada neste segmento, é dada por meio de argumentos que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), fundam a estrutura do real, ou seja, argumentos que se referem ao que torna possível a realidade, na medida em que apresentam as causas, as razões, os porquês da questão polêmica objeto da formulação do editorial.

Nessa perspectiva, podemos dizer que o poder exercido pelo discurso da mídia, no nosso caso, a eletrônica, trabalha o caráter verossímil da realidade e constitui uma das mais complexas formas de domínio, pois prescinde de qualquer legitimação e, não tendo identidade, revela-se como instrumento midiático de controle, capaz de alterar o comportamento social.

A problemática toda que permeia nossa discussão em torno do discurso das mídias como instrumento de poder, indicada nas análises contidas neste Capítulo, remete-nos a dois pontos importantes:

- Pode a mídia considerar-se intérprete da realidade e, a partir disso, decidir, de acordo com a “sua” ética, o que deve ou não ser anunciado? E mais, quais enunciados devem representar esse “anúncio” do fato tomado como de “interesse público”?

Neste caso, cabe estabelecer uma distinção, que nem sempre a própria mídia incumbe-se de fazer: há fatos, acontecimentos que são de “interesse público”, posto que afetam a vida em sociedade e dizem respeito à cidadania; outros fatos, acontecimentos

podem, por suas características e potencialidades informativas, fazer parte de outra esfera que é aquela que repercute apenas fatos, acontecimentos que são “interesse do público”, ou seja, que dizem respeito unicamente à vida privada das pessoas.

O segundo ponto sobre o qual precisamos refletir é:

- Por que interessa ao poder midiático, ao selecionar matérias supostamente de interesse público, contemplar, ora em manchetes ou em destaques da informação, falas que caracterizam nitidamente estratégias discursivas, como aquelas acionadas em seqüências onde o locutor, com habilidade argumentativa, gerencia gradativamente seus enquadres, ora fazendo auto-apologia, ora enobrecendo o *pobre e velho São Bento* e, por extensão, a si próprio, ora num realinhamento irônico, fazendo uma leitura antecipatória pejorativa de seus detratores e eventuais candidatos ao cargo de presidente do clube?

Para encaminhamento dessas questões, podemos apoiar nossa análise na própria seleção lexical observada na formulação do discurso do presidente do Esporte Clube São Bento, David Ferrari Jr., tomada pela mídia impressa, por conta do contexto sócio-esportivo que coloca em situação crítica o “cartola beneditino” perante a mídia sorocabana.

Embora já tomados como exemplos característicos de espaços midiáticos que mediam relações de conflito *dentro* e *fora* de campo, ainda neste mesmo item, os fragmentos também podem ser observados em relação ao gerenciamento que o “cartola” faz de suas formulações discursivas junto à mídia impressa (jornal *Cruzeiro do Sul* e *Bom Dia*, ambos com circulação diária na cidade de Sorocaba, SP):

O São Bento hoje não está nas mãos de oportunistas como é o caso do Araçatuba, Inter de Limeira, Matonense e União Barbarense. (Jornal Cruzeiro do Sul, fev., 2006)

Neste caso, há um nítido propósito de reforçar a competência e a probidade administrativa do atual presidente do clube beneditino, quando este, alinhado aos padrões éticos que reconhece, enfatiza seus atributos positivos em detrimento da desqualificação do demais dirigentes esportivos aos quais insiste em não ser comparado.

A seleção e uso de um advérbio (hoje), em posição medial no enunciado, representam recurso de modalização que funciona, neste caso, como indicador de atitude do locutor ao seu discurso, o que também denuncia, com certa dose de ironia, que apenas esse dirigente reúne condições morais para gerir o clube, fato que constitui estratégia de auto-avaliação para ampliar credibilidade junto à opinião pública, evitando concorrência para a gestão do referido dirigente.

Em outro fragmento, esse mesmo dirigente diz ser injustiçado pelo discurso da mídia, que procura persegui-lo, conforme destacado em trecho da reportagem, ao invés de reconhecer seu esforço para tirar o time da situação difícil em que se encontrava e levá-lo à categoria especial do futebol paulista, apesar das “pesadas críticas” de parte da imprensa sorocabana.

Vítima de perseguição

As histórias ditas por ele como inverídicas como esta da denúncia de jogadores irregulares, segundo ele são frutos de uma perseguição que ele sofreu por parte da imprensa local. Ferrari não quis citar nomes. *“Parte da imprensa em Sorocaba me perseguiu, colocaram até gravador escondido. Embora tenha feito um grande trabalho em 2005, eu sofri críticas pesadas, falando que o time era fraco e que iria cair, coisa que eu tinha certeza que não iria acontecer.”* (idem, setembro de 2006).

Em grande parte da formulação apresentada na exemplificação apresentada (anteriormente, em exemplos de 1 a 5, e agora nos dois últimos fragmentos, igualmente extraídos da mídia impressa), há sinalização do locutor/editor para tentar preservar sua auto-imagem e seu papel social e, conseqüentemente, reverter o processo difamatório no sentido de promover uma desqualificação de seus eventuais substitutos que, apenas

como *críticos*, não devem saber administrar um time tão bem quanto aquele que, mesmo de forma polêmica – segundo avaliação dos próprios órgãos de imprensa – ainda detém a autoridade.

Outro aspecto que não deve ser desprezado, quando avaliamos o suposto interesse da mídia em reproduzir os enunciados produzidos pelo locutor/editor, é o critério de escolha desses enunciados que, possivelmente se dê em razão da carga semântica alocada nos mesmos, uma vez que esses enunciados, sob pretexto de aproximação vocabular com o leitor, buscam adesão de um *auditório global* às teses implicitamente colocadas pelo editor-chefe do veículo de informação.

A seleção de enunciados, dessa forma, ocorre de modo a provocar, no radiouvinte, os efeitos desejados. A expressão *desabafou*, à linha 05, é mantida no discurso citado com o propósito de anunciar um tipo apreciação de L2 sobre o suposto discurso de L4. O verbo, no pretérito, ajuda a ampliar sua carga semântica, uma vez que o radiouvinte é posicionado para receber os enunciados subseqüentes, com uma espécie de desabafo o que, em tese, justificaria o tom chulo do discurso, na expressão *vai si fudê* verificado à linha 09.

Neste caso, a seleção lexical ganha um efeito suplementar. Expressões que, por conta do código lingüístico adotado pela linguagem radiofônica, apresentam-se de maneira chula, com termos de baixo calão, sofrem o efeito da supressão e, conforme a situação, recebe o chamado *efeito piii*. Aqui, para o contexto de produção do gênero em exame, entende-se ter ocorrido uma seleção/inserção estratégica, por parte de L1, que serviu de argumento para desqualificar o autor do discurso citado (L4).

L2 - ((*repórter de campo, tentando entrevistar jogadores após a partida, é surpreendido com as declarações do presidente do clube*)) (...) rapidinho... o presidente aqui... desabafou Davi?...

L3 - ((*comentarista esportivo, da cabine de transmissão, observa reação do presidente do clube*)) (...) nã...nã...nã...

L4 - ((fala do presidente interrompe reportagem com jogador)) (...) vai você também Luís Augusto... Érico... Cruzeiro do Sul... vai si fudê...

Podemos ainda observar, em outro fragmento do editorial, tentativas diferentes de aumentar o grau de persuasão junto a seu auditório, quando L1 enuncia-se como alguém disposto a corrigir as mazelas da sociedade. Para tanto, ele convida, sutilmente, sua audiência a raciocinar como ele, ao estabelecer julgamento sobre a postura inadequada de um dirigente desportivo no exercício do cargo.

A esse respeito, L1 considera válida a exploração do tom emocional de seu discurso para obter adesão incondicional à sua tese que é impor expiação ao interlocutor-adversário, como é possível observar nas linhas 23-24,

20 L1 - superada a violência - - torcedores e jornalistas - - veio a derradeira medida... nossa emissora foi impedida de realizar seus trabalhos nos vestiários do São Bento... quando um profissional de imprensa é proibido de exercer sua função quem na verdade perde seu direito à informação é o ouvinte... é o dever de todo órgão de imprensa tornar de conhecimento público todo e qualquer fato

Neste caso, L1 parte de uma premissa para tentar garantir uma possível verdade como conclusão, ou seja, quando afirma de modo generalizante sobre o impedimento específico de um profissional da imprensa em divulgar informações sobre o “São Bento”, estende essa avaliação para outros profissionais de outros segmentos da mídia e, por consequência, toma como verdade a censura, de forma ampla e irrestrita, imposta a profissionais da imprensa e ao público leitor/ouvinte.

Ou ainda, buscando expressividade de seu discurso ao referir-se, em tom dramático e apelativo, às injustiças praticadas contra o fiel torcedor beneditino que não mede sacrifício para ver o seu “time do coração”, conforme observamos às linhas 26-29, neste segmento:

25 relevante que acontece na sociedade na qual vivemos... isso ocorre também no esporte... nossos profissionais nunca serão omissos à opinião e informação aos torcedores... torcedores que tiram dinheiro do próprio sustento básico para

30 comprAr o seu ingresso... para que possa saber tUdo o que acontece com o SEU tIme do coraÇÃO... torcedores que pagAram seu ingrEso e após serem agredIdos por GESTos e paLAvras também perderam diREItto à informação... o presidente do Esporte Clube São Bento talvez sinta sauDAde da ditaDUra... da

A partir das análises efetuadas, entendemos que as características identificadas podem ilustrar bem o tipo de relação que a mídia apresenta no que diz respeito ao poder, pois, tendo ido além de suas atribuições, como se não bastasse vigiar a sociedade, ela enveredou-se – talvez pela ânsia do “furo” jornalístico, pela espetacularização da notícia que aumenta a audiência –, a puni-la por meio de seus juízos de valor, exarados já na escolha das manchetes de primeira página (cf. Chaparro, 1997 : 7), ou nos solenes editoriais, quando no jornal, ou em comentários e análises de programas de radiojornalismo. Mesmo que para essa função alguns meios utilizem-se do chamado “esquentamento de manchetes” ou utilização de frases fora de contexto, para a mídia parece importar o que atende às expectativas imediatas do leitor/radiouvinte, mesmo que para tanto a mídia faça julgamento e não apenas mediação.

Nesse sentido, o exame dessas questões que problematizam a função da mídia, em meio a uma cultura de forças sociais, econômicas e culturais, ganha amplitude nos estudos realizados por van Dijk (1995), visto que esse autor mostra preocupação com problemas relacionados à dominação política da mídia, como também da opinião pública. Em sua reflexão, o autor (*op. cit.*) afirma que

O papel da mídia nas questões sociais e políticas sugere que ela está ao lado do poder político e elites culturais, pois os processos de manufatura da opinião pública, do discurso público e do consenso público são inconcebíveis sem a mídia.

E se o que se pretende, segundo esse autor (*op.cit.*) é, de fato, observar o papel da imprensa e de seus discursos precisamos, então, considerar as estruturas e as

estratégias alocadas para formulação desses discursos e aos modos como estes se relacionam com dispositivos institucionais, por um lado, e com a audiência, por outro.

O discurso da mídia pode ser apenas um reflexo da sociedade, mediador de conflitos surgidos em decorrência da interação verbal nas práticas sociais, entretanto, pode também promover o conflito. Quando não, apresenta um discurso que se formula sob a égide da neutralidade, da transparência e, sobretudo, da objetividade e, com isto, mostra vontade de exercer o chamado “quarto poder”, capaz de condicionar o imaginário coletivo, moldar percepções da realidade, gerar consensos e também instaurar polêmicas onde elas, efetivamente, não existem.

Conclusão

O discurso no
radiojornalismo esportivo:
estudo do comportamento do
gênero editorial

O percurso que cumprimos para elaboração deste trabalho contempla muitos desafios e algumas descobertas. Ao retomarmos nossos objetivos, observamos, por exemplo, que questões relacionadas ao objeto de estudo que elegemos para nossa pesquisa, podem comportar, no tempo presente, pelo menos duas perspectivas que passamos a considerar.

A primeira é a de que as práticas sociais, presentes na vida moderna, podem determinar o comportamento lingüístico-discursivo dos indivíduos quando expostos à coerção de determinados dispositivos midiáticos.

A outra, diz respeito à posição que assumimos diante do poder que emana do discurso midiático em relação aos processos que permeiam nossas práticas sociais em meio a uma era marcada pela valorização das informações. Nesse sentido, reconhecemos a tendência de manipulação presente em boa parte dos dispositivos midiáticos.

Segundo Charaudeau (2006) : 17-20), acusações a esse respeito não faltam: sensacionalistas, deformadoras de declarações, descontextualizadas, a serviço de rumores, enfim, movidas por uma busca desesperada pelo *furo*.

Nesse sentido, podemos dizer que o conteúdo veiculado pela mídia é polissêmico, heterogêneo e circunstanciado, uma vez que o discurso das mídias constrói-se a partir de interações entre diferentes sujeitos que ocupam diferentes posições, com as mais variadas intenções discursivas e motivações ideológicas.

Essas interações incluem processos de negociação, resistência, submissão, oposição e cumplicidade. Por essa razão, o espaço de produção midiática está envolvido, em grande parte, com disputas, polêmicas e conflitos que nem sempre são resolvidos.

Ao abordarmos essas questões, observamos que elas apontam para outro viés da discussão sobre o discurso do rádiojornalismo, usado como instrumento de poder midiático junto a uma determinada comunidade lingüística que é a seguinte: se a mídia é capaz, de fato, de produzir e reproduzir formas e sentidos para representar diferentes possibilidades de prática social, então não é demasiado afirmar que vivemos, de certa forma, sob a égide de sistemas organizados de produção, difusão e recepção de discursos que mediam a realidade e orientam nossas vidas em sociedade.

Ao observarmos o discurso midiático, sua influência e utilização como instrumento de poder junto à formação da opinião pública constatamos a importância da mídia eletrônica, especialmente o rádio, no que se refere às condições de produção e recepção do discurso radiofônico. Sua importância é reconhecida na medida em que desempenha, com eficácia e eficiência, sua função precípua que é a de ampliar o contato entre locutor e público-ouvinte, mesmo que, para tanto, tenha que se valer de procedimentos polêmicos.

Quando examinamos, no Capítulo III, as relações de conflito *dentro e fora* do campo, a partir de exemplos colhidos junto à mídia impressa, entendemos que nelas havia prenúncio de interação conflitiva. A partir dessa observação, concluímos que o papel da mídia, nesse contexto, está bem definido: fomentar o confronto, até que seja eliminada qualquer possibilidade de entendimento entre os interactantes para, a partir de então, adotar uma medida extrema, que possa representar, solenemente, as expectativas dos meios de comunicação atacados por um sujeito social com interesses contrariados: produzir e veicular um editorial radiofônico com força de ser porta-voz da discórdia discursiva anunciada.

Ao recuperar alguns dos objetivos aos quais nos propusemos a atingir, destacamos aquele que nos pareceu fundamental ao desenvolvimento do trabalho:

entender a razão pela qual um indivíduo busca, entre gêneros já consolidados nas práticas sociais, um que corresponda a sua intenção discursiva e, ao fazer essa escolha, possa, estrategicamente, fazer migrar de um gênero com circulação reconhecida em um suporte (jornal) para outro (rádio).

Do inventário de recursos e estratégias argumentativas, descrito no Capítulo II, especialmente aqueles alocados para persuasão do auditório ao qual o locutor/editor se dirige, deparamo-nos com outro ponto relacionado ao grau de compreensão responsiva desse auditório e que diz respeito à percepção dos efeitos de sentido pretendidos pelo locutor/editor, na medida em que o plano de argumentação, proposto para validar o gênero, é colocado em curso.

O editor-chefe do Programa Esporte Total, responsável pela elaboração do editorial do Timão do Povo, empreendeu um plano de argumentação bastante plausível aos esquemas de argumentação descritos por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), onde se destaca a preocupação em obter adesão do auditório, procedimento que, entre outras condições, coloca o editorial alinhado ao estatuto do gênero, como é socialmente reconhecido, permitindo, dessa forma, reconhecer nele os efeitos de sentido previstos.

Nesse sentido, ao examinar os aspectos composicionais presentes no *corpus*, verificamos uma articulação importante entre as diferentes estratégias argumentativas alocadas pelo locutor/editor e a intencionalidade discursiva (vide nota 21) do locutor/editor ao propor, especificamente para a esfera do radiojornalismo esportivo, a constituição de um gênero que, conquanto incomum, revela-se altamente estratégico, uma vez que se enuncia a partir de um conjunto de argumentos selecionado para alcançar um fim determinado – promover o máximo da discórdia.

Da soma desses elementos, concluímos que o discurso produzido com essas peculiaridades composicionais não somente cumpre seu papel na constituição de

um gênero específico, como também explora a força capaz de instaurar polêmica, seja do ponto de vista da organização dos elementos discursivos, seja pelo tema ao qual se refere.

Outro ponto importante que merece ser destacado relaciona-se ao estudo da linguagem jornalística. Ao investigá-la, a partir de revisão de literatura, imbricada com nosso *corpus*, observamos que há um consenso entre os estudiosos da linguagem dessa esfera quando se admite que ela organiza e reorganiza-se a partir da concepção dos gêneros discursivos, sejam aqueles já cristalizados, sejam os que emergem em ambiente digital de produção.

Nessa perspectiva, afirmamos que o editorial analisado constitui-se, efetivamente, de um tipo específico de discurso que resulta de um gênero *em movimento*, ou seja, existem algumas características que o particularizam e outras que o distanciam em relação à regularidade dos enunciados caracterizadores de um gênero cristalizado como é o editorial de jornal.

O radiouvinte, ao deparar-se com um editorial, pode entender tratar-se do gênero que reconhece na mídia impressa e que diz respeito à voz da emissora. Entretanto, o editorial de rádio, veiculado no programa Esporte Total, com produção da equipe do Timão do Povo, considerando as características de uma rádio do interior cujo editor-chefe da programação esportiva decide, no espaço de enunciação que lhe cabe e domina, de maneira competente e eficaz, expor em gênero de natureza opinativa questões polêmicas que envolvem o meio futebolístico da cidade.

Nessa instância de produção, podemos retomar a questão da *responsividade* (Bakhtin, 1999), entendida como uma característica constitutiva do discurso, ou seja, na medida em que formulamos nossos enunciados, o fazemos para um determinado ouvinte, um co-enunciador, que pode existir empiricamente no mundo concreto, ou que

pode fazer parte do universo discursivo no qual enunciador e co-enunciador coexistem e interagem na consecução enunciativa. Foi nisto, por certo, em que apostou o locutor/editor.

Como se vê, a combinação de vários tipos de discurso, desencadeada pela situação de produção do discurso midiático é responsável, até certo ponto, pela natureza metaforizante do exercício discursivo que vem dos/nos suportes midiáticos. Este fator de assimilação, que decorre da dimensão discursiva de outras esferas, ajuda a entender o comportamento camaleônico do editorial quando tomado pelos efeitos da edição radiofônica.

Desse modo, a análise das diferentes funções e estratégias que o discurso midiático desempenha permite compreender não só as suas fronteiras, mas, sobretudo, sua permeabilidade pelos outros discursos.

Ao abordar questões relacionadas à importância do discurso radiofônico, destacamos que a reflexão epistemológica sobre o conceito de jornalismo e, mais ainda, de radiojornalismo esportivo, representou-nos a possibilidade de entender que a análise de discursos inscritos na mídia, seja ela impressa ou eletrônica, é uma atividade complexa, pois não se limita a categorizações.

Mais do que isso, compreendemos que, a partir da análise de um discurso específico, os gêneros constitutivos desses discursos adquirem, sob a ação da história e das práticas sociais, relativa estabilidade a partir das diferentes interações que constroem nesse campo e o conjunto de enunciados, por resultar dessas relações, passam a apresentar determinadas regularizações, passíveis de análises como as que nos propusemos realizar neste trabalho.

A constatação remete-nos ao contexto de interação polêmica que observamos por meio do histórico discursivo que permeia as relações de um locutor/editor (L1) e

seu interlocutor-alvo (L4). Concluímos, a partir dessas observações, que os desdobramentos dessa interação justificam plenamente a inserção de um gênero, aparentemente estranho ao contexto de produção ao qual se insere, como forma de representação lingüístico-discursiva válida, uma vez que pode ser entendido como peça-chave do processo polêmico que já vinha sendo instaurado.

Para entendermos a situacionalidade e a relevância da seleção lexical observada no texto editorial e sua organização consideramos, como pressuposto básico, a questão do *suporte* – rádio – o que, por si só, faculta a operacionalização de mecanismos de gravação, *mixagem* e outros dispositivos que, certamente, contribuíram para a produção de determinados efeitos que só a locução radiofônica comporta, face ao manejo competente de um profissional do meio com edição.

Como priorizamos o estudo das estratégias argumentativas e seu modo de organizar um tipo específico de discurso inscrito no campo do radiojornalismo esportivo, nosso estudo não optou por esgotar as possibilidades de análise. Por essa razão, dada a complexidade do objeto de estudo, dedicamo-nos à tarefa de identificar, descrever e interpretar algumas das possibilidades de uso dessas estratégias na constituição de um discurso específico, sem nos preocuparmos com sua regularidade no panorama dos gêneros midiáticos.

Referências Bibliográficas

O discurso no
radiojornalismo esportivo:
estudo do comportamento do
gênero editorial

AQUINO, Z. G. O. (1997). *Conversação e conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas*. São Paulo. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. (2005). Diálogos da mídia – o debate televisivo. In PRETI, Dino (Org.) *Diálogos na Fala e na Escrita*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

BAHIA, J. (1971). *Jornalismo, informação e comunicação*. São Paulo : Martins.

BAKHTIN, M. (1981). *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense.

_____. ([1929] 1999). (Volochinov) *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da Linguagem*. Trad.: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec,

_____. ([1979] 2000). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Fontes.

_____. (2000). Os Gêneros do Discurso. In *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

BALSEBRE, A. (2005). A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, E. (org). *Teorias do rádio: textos e contextos*. Florianópolis: Insular, (p. 327-336).

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. (201). *Manual do radiojornalismo*. – Rio de Janeiro : Campus.

BARBOSA FILHO, A. (2003). *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas. (Coleção Comunicação - Estudos).

BARROS, D. L. P. (2006). Efeitos de oralidade no texto escrito. In: PRETI, D. (org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

_____. (2006). Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In PRETI, D. (org.). *Fala e Escrita em Questão*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

BAZERMAN, C., DIONÍSIO, A. P., HOFFNAGEL, J. C. H. (orgs.) (2006). *Gêneros textuais, tipificação e integração*. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. 2. ed. São Paulo : Cortez.

BELTRÃO, L. (1980). *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Sulina.

BENITES, S. A. L. (2002). *Contando e fazendo a história : a citação no discurso jornalístico*. São Paulo: Artes & Ciência.

BONINI, A. (2006). Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro : Lucerna.

BRAIT, Beth. (org.) (2005). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

BRANDÃO, H. H. N. (2000). *Gêneros do discurso na escola*. Mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez. v. 5.

BRONCKART, J. P. (1999 [1997]). *Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: Educ.

CABELLO, A.R.G. (1999). A expressão verbal na linguagem radiofônica. In DEL BIANCO, N. R. e MOREIRA, S. V.(orgs.) *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro-Brasília: UERJ UnB. p. 15-39 GT's Intercom; 8. 85-85881-67-4

CHAPARRO, M. C. C. (1997). Afinal, para que serve o editorial? *GrandAmadora*, Amadora, p. 9.

_____. (2007). Uma revisão de teorias e conceitos. In: *Jornalismo, linguagem dos conflitos*. O XIS DA QUESTÃO, Blog do Prof. Chaparro. Disponível em: <http://www.oxisdaquestao.com.br/integra_integra.asp?codigo=49> Acesso em: 8, set. 2007.

_____. (2008). Sotaques d'aquém e d'além mar - *Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo : Summus Editorial.

_____. (2008). *Foi-se o tempo do jornalista contador de histórias*. Disponível em:<http://www.oxisdaquestao.com.br/integra_integra.asp?codigo=160> Acesso em:12 mar. 2008.

CHARAUDEAU, P. (2006). *Discurso das Mídias*. Tradução: Angela S. M. Correa. São Paulo: Contexto.

CITELLI, A. (2005). *Linguagem e persuasão*. São Paulo : Ática. (Série Princípios,v.17)

COSTA VAL, M. da G. C. (2003). Atividades de Produção de Textos Escritos em Livros Didáticos de 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental. In: ROJO, R. & BATISTA, A. A. *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras.

DOLZ, B.; SCHEUWLY, J. (2004). Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. E org. de Rojo, R. e Cordeiro, G.L. Campinas: Mercado de Letras, p. 95-128.

DUCROT, O. (1988). *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes.

ECO, U. (1984). *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FÁVERO, L. L., ANDRADE, M. L. da C. V., AQUINO, Z. G. de O. (1999). *Oralidade e escrita : perspectivas para o ensino de língua materna / São Paulo : Cortez*.

_____. (2000). A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, D. (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, pp.79-80.

FAIRCLOUGH, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília : UnB.

FIORIN, J. L. (2002). *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática.

FIORIN, J. L. (2008). A estratégia de ignorar. *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo, Ano III, n. 32, p.42-43.

GUIMARÃES, E. (1992). *A articulação do texto*. São Paulo: Ática.

_____. (2004). Figuras de Retórica e Argumentação. In MOSCA, L. L. S. (org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. 3. ed. São Paulo : Associação Editorial Humanitas.

GREGOLIN, M. do R. (org.) (2003). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz. (Coleção Olhares Oblíquos).

HERREROS, M. C. (2001). *La radio en la convergencia multimedia*. Barcelona: Gedisa.

KOCH, I. G. V. (1997). *A inter-ação pela linguagem*. 3. ed. São Paulo: Contexto. (Coleção Repensando a língua portuguesa).

_____. (2006). *Argumentação e linguagem*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. (2007). *Intertextualidade : Diálogos Possíveis*. São Paulo: Cortez.

LAGE, N. L. (2001). *Estruturas de Textos Midiáticos*. In: Congresso de Leitura do Brasil, 13., Campinas, SP.

LINS, N. F.(2007). Gêneros Discursivos e o Ensino de Linguagem. In: *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura Letra Magna*. Ano IV, n.06. Disponível em <www.letramagna.com.br> Acesso em 12, fev. 2008.

MACHADO, I. (2001). Por que se ocupar dos gêneros? *Revista Symposium*, Ano 5, n. 1. Disponível em: <<http://www.unicap.br/symposium/geral/sympPUC>>. Acesso em: 17, jan. 2008.

MAGALHÃES, I. (2004). Teoria Crítica do Discurso e Texto. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 113-131, 2004. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0403/7%20art%205.pdf>. Acesso em 15, jul. 2008.

MAINGUENEAU, D. (1997). *Novas tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas, SP : Pontes/Editora Unicamp, 3. ed. _____. (2001). *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. 2. ed. São Paulo : Martins Fontes.

- _____. (2005). *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez.
- _____. (2005). *Gênese dos discursos*. Tradução de: Sírio Possenti. Curitiba : Criar Edições.
- MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas posições e funções. In CASTILHO, A T. (org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas : UNICAMP, 1989, p. 281-322.
- _____. (1996). *A língua falada e o ensino de português*. 6º Congresso de Língua Portuguesa. PUC-SP, 1996. (mimeo).
- _____. (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- _____. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- _____. (2002). Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital. *Anais do 50º Seminário do GEL - Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*. USP, São Paulo, 2002. Disponível eletronicamente em <<http://salasvirtuais.universiabrasil.net/cgi-bin/maioabrirave.pl?comunidade=livre/&ave=18jul102144245/>> Acesso em 18, jul. 2007.
- _____. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003.
- _____. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- _____. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).
- _____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MARQUES, J. C. (2002). *A falação esportiva : o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol*. In: *XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação – NP/18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva*. Salvador/BA. 2002. Disponível em <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19089/1/2002_NP18_MARQUES.pdf> Acesso em: 23, mar. 2008.
- MARTÍN-BARBERO, J. (1997). *Dos meios às mediações – Comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro : Ed. da UFRJ.
- MAURO, M. A. F. (2004). Argumentação e Discurso. In: MOSCA, L. L. S. (org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. 3.ed. São Paulo : Associação Editorial Humanitas.

MEDITSCH, E. B. V. (1997). A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico. In: *Anais do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. 1997, Santos. Intercom 97.
Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.pdf>
Acesso em: 23, out. 2007.

_____. (2002). Meias-verdades que continuamos ensinando sobre o radiojornalismo na era eletrônica. In: *Anais do XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação*. Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora - Salvador, BA. Disponível em:
<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18783/1/2002_NP6M_EDITSCH.pdf> Acesso em: 12, Nov. 2007.

_____. [?]. *As novas funções do radiojornalismo na era digital*. [?]. Não publicado.
Disponível em: <<http://osegundochoque.blogia.com/2008/030131-as-novas-func-es-do-radiojornalismo-na-era-digital.php>> Acesso em 20, jul. 2008.

MELO, J. M.. (org.). (1992). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD.

_____. (1994). *A opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis : Vozes, 2. ed. revista.

_____. (2003). *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: Sulina.

_____. (2003). *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. revista e ampliada. Campos de Jordão: Mantiqueira.

MESSA, F. C. (2005). Jornalismo esportivo não é só entretenimento. In: *Forum Nacional de Professores de Jornalismo – GT Produção Laboratorial: Eletrônicos*. 8º, Maceió, AL.

MOSCA, L. L. S. (org.) (2004). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

OLIVEIRA, P. (2008). Mídia esportiva na UTI. In: *Observatório da Imprensa*. 2008.
Disponível em:<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da020420036.htm>>
Acesso em: 23, jul. 2008.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. (1996). *Tratado de argumentação: a nova retórica*. /trad. Maria Ermantina /Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

PIRES, G. L. (2006). Mídia, esporte e ilusão. In: *Forum Internacional de Esporte e Lazer – SESC*. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:
<<http://www.nepef.ufsc.br/labomidia/arquivos/producao/2006/giovanifiesla2006.pdf>>
Acesso em: 4, abr. 2008.

PINHEIRO, N. F. (2002). A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC. pp. 259-290.

PRADO, E. (1989). *Estrutura da informação radiofônica*. Trad. De Marco Antonio Carvalho. São Paulo: Summus. (Novas buscas em comunicação; v. 31).

PRIMO, A. (2005). Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. *Anais do VIII Seminário Internacional da Comunicação – Mediações Tecnológicas e a Reinvenção*. GT “Tecnologias do Imaginário e Cibercultura”. PUCRS-RS. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/podcasting.pdf>> Acesso em: 18, jul. 2008.

RAMOS, R. (1999). *O discurso de opinião como discurso polémico: aspectos da sua configuração e da interacção social*. Universidade do Minho, Portugal. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2906/1/disc-opin-Braga-1999.pdf> Acesso em: 21, nov. 2007.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: duas maneiras de nos referirmos aos mesmos objetos? LAEL, PUC-SP. 2002, (mimeo).

ORLANDI, P. E. (1983). Tipologia de Discurso e Regras Conversacionais. In: *A Linguagem e seu Funcionamento - As Formas de Discurso*. Campinas: Brasiliense.

SILVA, M. C. F. (2002). Pausa em textos orais espontâneos e em textos falados. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.3, n.1, p. 109-133. Disponível em: <www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0301/6%20art%204%20P.pdf> Acesso em: 26, jul. 2008.

SERRA, G. M. A. (2001). *Saúde e nutrição na adolescência: o discurso sobre dietas na Revista Capricho*. Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://portaleses.cict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_cover&id=000027&lng=pt&nr_m=iso> Acesso em: 18, jul., 2008.

ORTRIWANO, G. S. (1985). *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo : Summus. (Novas buscas em comunicação; v. 3).

PINTO-COELHO, Z. (2005). *Discurso, Notícia e Ideologia – Estudos na Análise Crítica do Discurso*. Porto (Portugal) : Campo das Letras: 2005

PRETI, D. (org.) (2006). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas. (Projeto Paralelos – NURC/SP; v. 8).

ROJO, R. (2002). Gêneros do discurso e gêneros textuais: duas maneiras de nos referirmos aos mesmos objetos? LAEL, PUC-SP. (versão não publicada)

VAN DIJK, T. A. (1983). Estructuras y funciones del discurso: una introducción interdisciplinaria a La lingüística del texto y a los estudios del discurso. In: *DISCURSO EN SOCIEDAD - Investigación en estudios críticos del discurso - Página web de Teun A. van Dijk*. Disponível em: <<http://www.discursos.org/oldarticles/Estructuras%20textuales%20de%20las%20noticias%20de%20prensa.pdf>> Acesso em: 22, nov. 2007.

_____. (1990). *La notícia como discurso*. Barcelona: Paidós.

_____. (1995). The mass media today. *Discourses of domination or diversity? Javnost/The Public* (Ljubljana 2(2), 27-45). (documento digital consultado: *Discursos en Sociedad*, Investigación en estudios críticos del discurso – Disponível em: <<http://www.discursos.org/index.html>> Acesso em: 21, abr. 2006.

_____. (2001). Discourse, Ideology and Context. *Folia Linguistica*, XXXV/1-2,11-40. Edição Especial. “Análise Crítica do Discurso em Sociedades Pós-Modernas”. Ruth Wodak (org.)

_____. (2004). *Cognição, discurso e interação*. (org. e apresentação de Ingedore V. Koch) – 6. ed. São Paulo : Contexto. – (Caminhos da Lingüística).

_____. (2004). *Politics, Ideology and Discourse*. Universitat Pompeu Fabra: Barcelona.

_____. (2005). *Discurso, notícia e ideologia: estudos na Análise Crítica do Discurso*. Trad. Zara Pinto-Coelho, Porto, Portugal : Campo das Letras.

WAINBERG, J. A.; CAMPOS, J.; BEHS, E. (2002). Polemista, o personagem esquecido do jornalismo. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* Vol. XXV, nº 1.

Anexos

O discurso no
radiojornalismo esportivo:
Estudo do comportamento
do gênero editorial

Anexo 1

- L1** - editorIAL.. o torceDOR do São Bento foi presenteAdo com uma viTÓria Épica sobre o atual campeão mundiAL... ao final da partida o vitoriOso presiDENte... de imediAto deu vazão ao seu caRInho pelo torcedor do São Bento e FÃS do esporte...
- 05 **L2** - ((*repórter de campo, tentando entrevistar jogadores após a partida, é surpreendido com as declarações do presidente do clube*)) (...) rapidinho... o presidente aqui... desabaFOU DaVI?...
- L3** - ((*comentarista esportivo, da cabine de transmissão, observa reação do presidente do clube*)) (...) nã...nã...nã...
- 10 **L4** - ((*fala do presidente interrompe reportagem com jogador*)) (...) vai você tambÉM Luís AuGUSto... Érico... Cruzeiro do SUL... vai si fuDÊ...
- L3** - ah... brincaDEIra...
- L1** - as razões de tamanha agreSSÃO são as críticas receBidas pela torcida... todas ESTas... demoCRaticamente levadas ao ar por ESTa emissora... não
- 15 faltando tambÉM em nossa programação os eloGIos que... por Ora... pela PÉssima campanha da eQUIpe estão esCassos... para desesPEro deste dirigente...
- ()
- L5** - (...) o São Paulo...
- [
- 20 **L3** - aí LuÍS... (*) LuÍS... ()
- L5** - e a gente conseguiu...
- [
- L3** - vagaBUNdo...
- L1** - supeRAda a vioLÊNncia - - torcedores e jornalistas - - veio a derraDEIra
- 25 medida... nossa emissora foi impeDida de realizar seus trabalhos nos vestiários do São Bento... quando um profissioNAL de imprensa é proiBido de exercer sua funÇÃO quem na verdade PERrde seu direito à informação é o ouVINte... é o deVER de todo órgão de imprensa tornar de conhecimento PÚBLico todo e qualquer fato releVANte que acontece na sociedade na qual vivemos... isso
- 30 ocorre tambÉMno esporte... nossos profissionais NUNca serão oMIssos à opinião e informação aos torcedores... torceDOres que tiram dinheiro do próprio sustento BÁsico para comPRAR o seu ingresso... para que possa saber TUdo o

que acontece com o SEU time do coraÇÃO... torceDOres que paGaram seu inGRESso e após serem agreDIdos por GESTos e paLAvras... também perderam diREItO à informação... o presiDENE do Esporte Clube São Bento talvez sinta sauDAde da ditaDUra... da época da repreSSÃO política e da proibiÇÃO da livre manifestação de pensaMENTo no Brasil... e atiTUDes como ESTas... não de seu proprieTÁRIO... mas sim do mandaTÁRIO do Esporte Clube São Bento infelizMENTe também colocam no mesmo baLAIo da vioLÊNcia e falta de educaÇÃO todos os seus PAres de diretoria... patrocinaDOres... aTLETas e funcioNÁrios... nós... do Timão POvo que clamamos aos torcedores PAZ nos estádios de futebol não poDEmos ser vítimas DESsa vioLÊNcia no exercício de NOssa atividade... vioLÊNcia irresponsavelMENTe incentivada com uma atitude vioLENTa e infeLIZ deste diriGENTE... aos órgãos de segurança PÚBLica fica o aLERTa... quando preocupam-se com as MAssas das torcidas organiZAdas... cadastrando e reprimindo corretamente torcedores arruaCEIros deveriam também... a partir DESte momento, monitoRAR e cadasTRAR dirigentes desorganiZAdos e também arrua::CEIros... nosso trabalho ao longo de quase meia DÉcada continuará evoluindo... sempre realizando a maior coberTura do jornalismo esporTIvo em nossa região... a morDAça dos anos de chumbo ficou para TRÁS... a informação e a opinião ao fã do esporte NUNca faltará... nem mesmo sob vioLÊNcia... torceDOR... o seu esPAço estará sempre garantido em NOssa programação... lamentAMOS o desresPEItO e a vioLÊNcia à voCÊ torcedor... razão do nosso trabalho e Único responSÁvel pelo Esporte Clube São Bento... ESTa.. é a opinião do tiMÃO do Povo...

L3 - então PEga (o cargo) de presidente... PEde *pro* Luis Augusto *peGA*:: minha mãe *num* pode *VIM*.. minha mãe vai em *tudo* jogo coMIgo... minhas filha... em *TUdo*... p / causa daquele vagaBUN::do *num puDEro* vim hoje... e ele fica no ar condicionado porque é coVARde... venha aQUI... venha aQUI... abre lá os *e-mail* pro ChiQUInho... pro CHIna... *pros* (*) *pra faLA* mal de mim LÁ... manda um vagabundo *proVA* que eu *tô robando diNHEro*... eu *num* Vivo do São Bento que nem vocês VIVE... eu *num* vivo NÃO...

L1 - (...) ainda acrédiTAMOS no jornalismo SEM censuras... ..

Anexo 2

Fragmento 1 - Entrevista do Sr. David Ferrari Jr., presidente do Esporte Clube São Bento, concedida à reportagem local do Jornal BOM DIA a edição de 9/3/2006:

Quando assumi, os jogadores não tinham nem toalha e nem chinelos para tomar banho. (Jornal Bom Dia, edição de 9/3/2006, Geral).

Fragmento 2 – Entrevista do Sr. David Ferrari Jr., presidente do Esporte Clube São Bento à reportagem do Jornal Cruzeiro do Sul, para a edição de 10/2/2006, por ocasião do anúncio de sua permanência na direção do clube

O São Bento hoje não está nas mãos de oportunistas como é o caso do Araçatuba, Inter de Limeira, Matonense e União Barbarense. (Jornal Cruzeiro do Sul, edição de 10/2/2006).

Fragmento 3 – Notícia sobre entrevista coletiva que o Sr. David Ferrari Jr. concedeu à imprensa sorocabana e foi repercutida, em portal especializado em futebol, na reportagem de Rivail Oliveira, publicada eletronicamente em 4/5/2006:

Presidente do Bentão detona críticos e diz que vai renunciar

Sorocaba, SP, 04 (AFI) - O clima volta a ficar quente no São Bento. O clima de tranqüilidade no clube, pela boa campanha e arrancada final no Campeonato Paulista, que colocou o clube de Sorocaba nas dez primeiras colocações, ficou em segundo lugar no time de Sorocaba, depois de uma entrevista do polêmico presidente do clube, o advogado David Ferrari Júnior à imprensa escrita.

Falando à reportagem do PFI, Ferrari disse que irá renunciar ao cargo de presidente do São Bento no final deste mês de abril. Segundo o jornal, nos últimos dias, o dirigente, que se diz perseguido por autoridades, imprensa e torcida, expressou o desejo a amigos e pessoas mais próximas de sair do clube.

Segundo relata Ferrari ao correspondente Rivail Oliveira, diretamente de Sorocaba, a demissão seria coletiva, ou seja, de todos os membros da Diretoria Executiva e do Conselho Deliberativo. Inclusive, a secretária de Ferrari já teria iniciado o processo de obter a assinatura dos diretores e conselheiros para a carta de renúncia.

Durante a entrevista o presidente do São Bento soltou o verbo, apontou nome dos desafetos e disse que vai convocar uma entrevista coletiva para anunciar, oficialmente, a sua saída, além de desafiar os seus "desafetos" a assumirem os cargos.

Na entrevista ao Portal FI, Ferrari Júnior citou seus maiores "algozes": André Faustinho, integrante da Tusa (Torcida Uniformizada Sangue Azul); Djalma Luiz Benette, editor-chefe do jornal Bom Dia;

José Antônio Matiello, o Setinho, secretário municipal de Esportes e Lazer; Luís Augusto Andrade, dono da Land Produções que mantém um programa de esportes na Rádio Cruzeiro FM; Luís Augusto Manenti, vice-presidente da Tusa e conselheiro; Maçonaria; Vitor Lippi, prefeito de Sorocaba. (disponível em: <<http://www.futebolinterior.com.br/>>)